ANNO XXIII — Nº 12
Rio, 23 de Março de 1929.
Preço: 1$000

Um substituto..?
— Passo!

Quem usa ou traz para casa um substituto, em vez da CAFIASPIRINA legitima, commette uma imprudencia que lhe póde sahir bem cara.

Por este motivo, toda a pessôa discreta e cuidadosa, nega-se a receber productos suspeitos, e exige sempre a nobre e excellente

BAYER

CAFIASPIRINA

E' o unico preparado que se póde administrar com plena confiança a qualquer pessôa da familia, pois dá sempre allivio e *nunca ataca o coração nem os rins.*

"isto sim"!

Dôres de cabeça, dentes e ouvido; nevralgias e cólicas menstruaes; consequencias de noites perdidas, abusos alcoolicos, etc.

O conto brasileiro

O Venturoso "Chauffeur"

PALACETE aristocratico. O sr. Seixas, em attitude evidente de colera, passeiava pela sala de jantar. Já ha muitos dias que aquillo se repete. Sua mulher sáe, sem lhe dar satisfacções, demora-se quanto tempo quer na rua e regressa sempre risonha, com o ar cynico de quem está pregando uma peça a alguem. A principio, ella allegava que ia a casa de suas amigas, mas, como elle começasse a procural-a por telephone, Mme. começou a arranjar outros pretextos. O sr. Seixas não se conformava. Os acicates do ciume feriam-lhe rudemente a alma. Alli havia dente de coelho. A idéa de que sua mulher pudesse trahil-o desesperava-o. Amava verdadeiramente a esposa; era um desses casos excepcionaes de casamento por amor.

Tinha certeza de que mataria o enxovalhador da sua honra, o perturbador da alegria e da felicidade do seu lar. Tudo aquillo parecia uma desgraça grande demais para um homem, como o sr. Seixas, que accumulara a sua fortuna á custa de boas heranças, que cumprimentava sorrindo a todos os conhecidos e de quem ninguem tinha a menor queixa. A vida de semelhante creatura, tão pacifica e pachorrenta, devia repellir tudo que cheirasse a tragedia, que traduzisse melodrama, com brilhos de punhaes e derramamento de sangue. O sr. Seixas passava em revista os cavalheiros das suas relações que pudessem seduzir a adorada esposa.

Acreditava que, si houvesse adulterio, nelle estaria envolvido um amigo da casa, pois que nessas cousas figuram sempre os amigos. Lembrava-se de todos, um por um, analysando-lhe os attributos. Meditava qual delles se arvoraria com credenciaes para roubar-lhe a mulher.

Depois de minuciosa analyse, julgou ter descoberto a polvora: só o dr. Couto Junior, moço elegante, cheio de labia e com gran de fama de conquistador, podia arvorar-se a tanto. Puzéra-se cautelosamente a observar o aspecto do irritante bacharel, sempre que o via em presença de Mme. Seixas, nas reuniões, nos bailes, nos theatros... Acompanhava-lhe os olhares, os gestos, percebendo-lhes as minimas intenções. Soubéra interpretar todas as attitudes de sua mulher e do audacioso conquistador, apprehendendo o entendimento que devia haver entre ambos. Chegára a uma conclusão irrefutavel: era elle, sem duvida, o maroto!

Dahi o rompimento brusco de relações com o bacharel e a sua gana de descobrir aos amantes em flagrante para esmagal-os com o seu odio. Tal o estado de cólera do sr. Seixas naquelle momento, quando o alvoroço da esposa que tornava o interdictou. Mme. Seixas chegava, como sempre, risonha, as faces coradas de carmim, toda ella transpirando um magnifico bem estar na vida.

O marido recebeu-a seccamente, contendo a sua ira prestes a explodir. Mme. Seixas não se atrapalhou. Estava acostumada a esses embezerramentos do marido. Sentia-se, porém, senhora de si. Tinha uma novidade feliz que viria socegar o ciumento esposo. Pois não sabia elle, o dr. Couto Junior ia partir dahi a dois dias para a Europa em viagem de recreio. Lêra isso nos "carnets" pela manhã. O sr. Seixas suspirou, alliviado. Si o dr. Couto partira, era porque nada havia entre elle e Mme. Seixas. Do contrario, não parece crivel que aqui deixasse a mulher que amava. Mas os passeios, as demoras fóra de casa? Ora, scismas, puras scismas do seu espirito suggestionado e preconcebido. Mme. Seixas comprehendeu a mudança de animo que se operára no marido e aproveitou-a logo para captival-o com habilidosos agrados. Oh! Aquelles agrados sempre foram o fraco do Seixas!

— Meu bem, meu querido maridinho, esquecia-me de que tenho um pedido a fazer-lhe, advertiu-lhe a esposa. O José, o nosso "chauffeur", que se tem portado tão bem, quer uma farda nova e veio empenhar-se commigo para conseguil-a de ti. E' preciso que lh'a pagues, amor. O José é muito correcto e fiel no cumprimento dos seus deveres...

E o sr. Seixas, já vencido, respondia todo contente, que estava de accordo, que compraria a nova farda para o José — o irreprehensivel empregado.

* * *

No dia seguinte, após uma corrida desenfreada pelos lados do Leblon, o "chauffeur" agradecia com longo beijo a solicitude de Mme. Seixas...

BRITO BROCA.

O Commentario

A administração do sr. Antonio Carlos em Minas Geraes vae-se notabilizando por uma serie de medidas interessantes nos dominios da tradição e da intelligencia — raras ou melhor, rarissimas nos tempos que correm. O illustre estadista, não tem somente cuidado de augmentar escolas e grupos escolares, de pugnar pelo desenvolvimento e ampliamento da instrucção publica; mas está incutindo no povo mineiro o amor pelo seu passado e pela sua arte, já restaurando os monumentos antigos, já protegendo as egrejas e os edificios de antanho, já inspirando leis que acautelem os destinos de todas as reliquias do grande patrimonio historico-tradicional-artistico de Minas Geraes.

Faz-se o sr. Antonio Carlos, pelas medidas desinteressadas e nobres dessa natureza, credor das sympathias do Brasil inteiro. E os elogios que lhe deixamos nestas linhas representam o nosso enthusiasmo de brasileiros deante duma obra elevada e que corresponde ás aspirações de quantos se interessam pelo nosso admiravel Passado.

O MELHOR DISFARCE

DE K. R. G. BROWNE

HOUVE uma vez certo corpulento financista que ganhou uma fortuna immensa enganando aos incautos que o procuravam. Durante alguns annos, seu commercio indigno lhe sahiu bem. Mas, uma vez roubou de tal fórmas uma viuva, que a justiça teve que intervir.

Um amigo o avisou do perigo que corria, aconselhando-o que partisse para a America, afim de que a policia o não prendesse.

Nosso financista, acostumado a agir com rapidez, preparou tudo para deixar Paris, com destino ao Perú.

Mas antes de partir, teve a lembrança de tomar pela ultima vez um banho turco, ao qual era muito affeiçoado, e porque sabia que no Perú não havia esses luxos.

Depois do banho, tomaria o vapor. Entrou, pois, no estabelecimento e percorreu toda a série de banhos, desde o mais quente até o temperado. Bem enxuto e com um kilo menos de peso, se vestiu e se dispoz a sahir á rua. Mal, porém, chegou á porta, viu, em frente do estabelecimento, um po-

licia que, sem duvida alguma, o esperava.

O financista deu meia volta, reflectindo que o policia não o deteria em um estabelecimento de banhos, podendo fazel-o, com menos publicidade, na rua.

Assim, pois, resolveu banhar-se outra vez para dar tempo a que se fosse seu perseguidor. Após algum tempo — longo tempo —, o financista tentou nova sahida, diminuido então seu peso em dois kilos pelo menos, e o policia ali continuava, impertérrito.

Novamente entrou e tomou outro banho. Decorreu uma hora, e nosso homem voltou a apparecer á porta, dessa vez com outro kilo de menos. O policia não havia abandonado seu logar. Ali estava esperando pacientemente a occasião de deitar-lhe a mão.

FON-FON

Revista Semanal Illustrada

Director:
SERGIO SILVA

Redactor-Chefe: Gustavo Barroso.
Thesoureiro: Cyro Machado.

Direcção, Redacção e Officinas:
62, Rua Republica do Perú, 62
(Antiga Assembléa)

Telephones: Director: C. 0377
Administração: C. 4136 — Endereço Teleg.: «Fon-Fon»

— Caixa Postal 97 —

Rio de Janeiro

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

No Rio e nos Estados

Anno	48$000
Semestre	25$000

Venda avulsa em todo o Brasil. 1$000.

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPREZA
FON-FON e SELECTA S. A.

Representante em São Paulo:
EMPRESA AMERICANA DE PUBLICIDADE, LTDA.
Praça do Patriarcha, 8 - sob.
Caixa do correio, 1431.

Repr. na Europa: Davignon, Bourdet & C. 9, Rua Tronchet, Paris. — 19, 21, 23, Ludgate Hill, Londres.

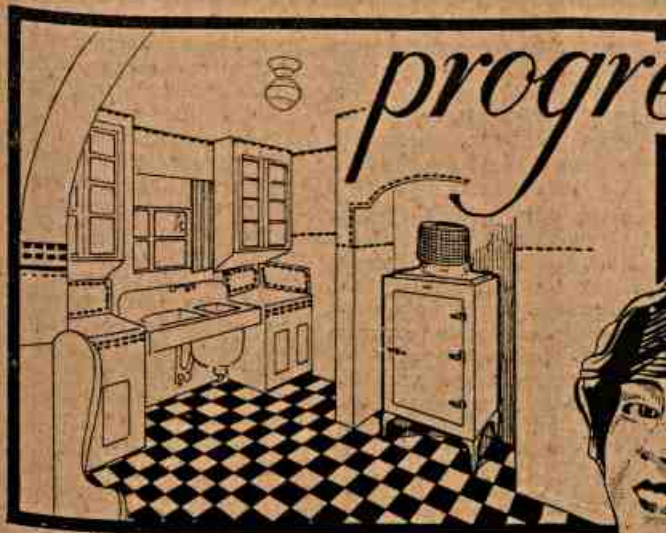
O financista praguejou interiormente, e outra vez penetrou no estabelecimento. Embora já estivesse farto de banhos, mas como não podia justificar sua presença ali de outra maneira, teve que, novamente, mergulhar na agua quente. Depois de varias sahidas e entradas, sem que o policia se movesse de seu logar, por ter ordem de esperar que sahisse o perseguido, chegou a noite e depois o dia, e outra vez a noite; e o financista continuou tomando banhos... E' preciso notar que o estabelecimento estava sempre aberto. Os empregados já o tinham por louco, e a direcção determinou deital-o de uma vez na rua. O financista se viu, assim, obrigado a sahir e entregar-se ao policia. Mas este, embora tivesse uma detalhada descripção do delinquente, e seu retrato, o viu passar perto de si, não lhe disse nada e continuou esperando.

Ao ser chamado, o policia declarou na delegacia que o financista não havia sahido do estabelecimento de banhos.

E disse:

— Só vi sahir um individuo baixinho e delgado, vestido com um

traje que seguramente não era o seu, porque lhe estava enormemente grande. Mas, o que eu esperava não sahiu, eu o juro.

Quanto ao financista, este vive agora no Perú, e já está engordando de novo...

— são as primeiras a reconhecer as vantagens dos modernos processos creados pela sciencia, para o maior conforto do lar. Sem pensar muito, fazem sempre a escolha mais acertada. Dessa facilidade em distinguir o que é melhor e mais perfeito, resultou a rapida acceitação que tem tido o Refrigerador "General Electric".

O Refrigerador "General Electric" é um apparelho extraordinariamente simples, que em nada se assemelha aos demais refrigeradores até hoje construidos. Pouca corrente consome, é silencioso, funcciona automaticamente e não requer cuidados de qualquer especie. Adapta-se a qualquer logar: basta-lhe uma simples tomada de corrente.

COUPON — Queira enviar-me seu boletim sobre Refrigerador G.E.
Nome ______________________
Direcção ______________________

GENERAL ELECTRIC

Rio de Janeiro — Av. Rio Branco 60/4

·103

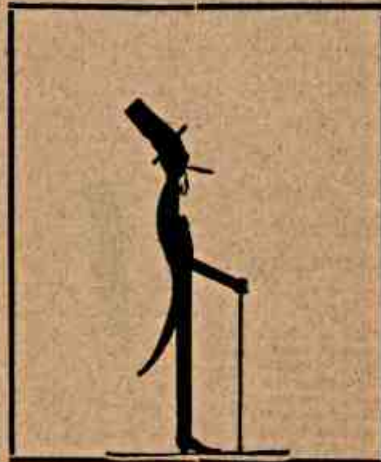
O homem das cartas, nosso irmão

JÁ não fica bem que passe um dia mais sem que eu receba um pequeno tributo de compaixão geral para esse estranho homem a quem continúo encontrando diariamente, quando subo a escada da redacção, escrevendo suas cartas ao infinito.

Ninguem sabe quem elle é, nem como se chama, nem quando chegou, nem de onde sahiu. Ninguem sabe sua lingua, nem sua patria, nem sua fé. Ninguem sabe tambem de que vive. A unica cousa que a gente vê é que sua physionomia é desalentada e triste, que se veste modestamente, usando roupa velha, com um gorro pelludo sobre os olhos, um lenço escuro ao pescoço, sapatos rotos, calças remendadas. E que assim, todos os dias, ha já varios annos, percorre as redacções dos jornaes para tirar do bolso um maço de papeis e escrever precipitadamente um bando de cartas que deixa nas caixas sem dizer nada. E lá se vae. Lá se vae esse homem com sua loucura.

Porque a gente pensa que elle deve estar louco, que deve estar louco um homem assim, por mais que sua conducta de cidadão seja inatacavel e nunca haja elle incommodado a ninguem, nem haja commettido acto algum que tenha attrahido para sua pessoa o olho clinico da policia. Mas esse homem deve estar louco, porque só um louco póde dedicar-se a essa profissão de passar a vida escrevendo cartas que ninguem entende, que ninguem recebe e que vão todos os dias para as cestas das redacções dos jornaes, sem que ninguem mais se dê ao trabalho siquer de olhal-as.

A principio, faz annos, essas cartas chamaram a attenção dos que distribuem a correspondencia das caixas. Então, averiguaram sua procedencia e descobriram que eram daquelle homem inclito. Como naquella cidade, por idiosincrasia, as redacções dos jornaes não são porta cerrada — como as repartições burocraticas, onde quem chega tropeça sempre com um typo de gorro que lhe pergunta que deseja — o homem entrava livremente, subia as escadas, olhava para um e outro, procurava um ponto de apoio — um trecho de mesa, a caixinha de um telephone, a caixa do registro da luz ou da agua — e alli, sem mais apparato, extrahia seus papeis e se punha a escrever uma carta e outra carta — ás vezes até oito ou dez — que ia collocando em enveloppes e mettendo no bolso, para depois, no fim, sepultal-as na caixa que encontrava mais á mão.

As cartas, para nós, não diziam nada. O homem as redigia com uns caracteres estranhos, estrambóticos, de sua invenção pessoal, uns cavalgando sobre os outros, como se fremissem de expressa animica, de fogo espiritual, e sua mecanica não bastasse para sua dynamica. Mas, ao traçal-as, o homem punha em sua marcha uma especie de paixão, de vida, de vehemencia, de anseio sentimental

directamente inspirado num ideal sagrado, que deixava confuso a todo mundo, porque esse *todo mundo* leu, alguma vez, que uma das caracteristicas geraes da loucura consiste na coherencia absoluta de affectuosidade, e é algo assim como si o coração houvesse rompido suas relações com o cerebro, com o pensamento, com a recordação, com tudo o que nos associa humanamente aos seres circumdantes. E os olhos daquelle homem negavam a theoria na realidade. A quem escrevia aquelle homem? A quem continúa escrevendo? Esse exercito de cartas que dispara diariamente pelas cestas das redacções — duas nesta, quatro naquella, seis naquella outra — todas cheias de um tormento que nenhum idioma expressa exactamente — para onde vão dirigidas? Quem deverá recebêl-as? Ninguem? Ninguem? Absolutamente ninguem?

Um dia, faz já algum tempo, tentei uma exploração. O homem escrevia suas cartas em um recanto em baixo da escada, sobre um caixão de machinas que ficára alli. Detive-me. Contemplei-o, depois lhe perguntei:

— Que tal, amigo? Como vão as cousas?

O homem não me fez caso. Nem siquer me olhou. Continuou escrevendo como si ninguem o estivesse interrompendo. E deixei-o e sahi, pensando:

— E' um louco. Não ha duvida.

Desde então, certo dessa conclusão, continuei olhando-o como todo o mundo. Sem dar-lhe attenção.

Mas agora, de repente, ultimamente, comecei a notar uma cousa que me obrigou a tomar a penna para dizer — como digo no começo desta chronica — que já não posso deixar passar um dia mais sem recolher um pequeno tributo de piedade para este irmão nosso que escreve cartas ao infinito; notei que as cartas são mais curtas cada dia, e que frequentemente, antes de terminal-as, elle deixa cahir a cabeça e adormece sobre o papel.

Quando adormece, o rosto se lhe illumina e expressa a convicção de que as cartas chegam a seu destino. Eu não perco a esperança de que isso seja verdade. Certamente o será no dia em que, ao dobrar a cabeça sobre o papel, o nosso irmão durma o somno de que nunca mais se desperte...

Boy

PAGÉOL

Antiseptico urinario energico

Age rapida
e radicalmente
Supprime as dôres
da micção
Evita as complicações

**Hypertrophia
da prostata
Phosphaturia
Filamentos
Estreitamentos
Albuminuria
Cystites**

Approvado pelo Departamento Nacional de Saude Publica do Rio de Janeiro. — N° 275, 6 de maio de 1912.

A descoberta de PAGÉOL foi objecto d'uma communicação á Academia de Medicina de Paris, pelo Professor Lassabatie, medico principal de marinha, ex-professor das Escolas de Medicina Naval.

« Tivemos o ensejo de estudar o PAGÉOL e os resultados sempre excellentes e, ás vezes, extraordinarios, que obtivemos, permitten-nos de affirmar a sua efficacia absoluta e constante.»

Établissements Chatelain

12 GRANDES PREMIOS

Fornecedores dos Hospitaes de Paris

2, Rue de Valenciennes, em Paris
e em todas as Pharmacias

«Depositario exclusivo para o Brasil»: Antonio J. Ferreira & C. — Caixa Postal 624 — Rio de Janeiro. — Recusar todo o producto que não tiver a etiqueta AZUL assignada «FERREIRA» e cujos prospectos não sejam em PORTUGUEZ.

Um bom companheiro que vos divertirá a todo momento é o

OLOTONAL PATHÉ

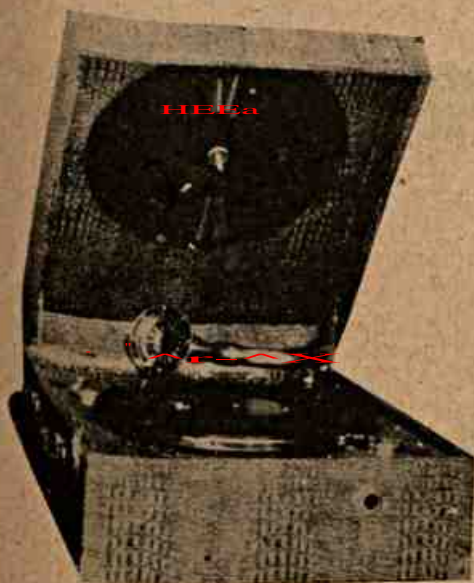
a afamada machina falante da grande marca mundial

**Discos Pathé e
Super-Pathé-Art**

Gravação electrica

VENDE-SE EM 10 PRESTAÇÕES

Rua Rodrigo, Silva 36
RIO DE JANEIRO

Rua Barão de Itapetininga, 3 C
SÃO PAULO

ENTRE CAVALHEIROS

De J. BOUCHOR

QUANDO Tony Tuntún conheceu Gladys White, a viuva mais linda de Pehnajó, se apaixonou perdidamente por ella, e só pensou em se casar o mais rapidamente possivel: primeiro, porque desejava ardentemente fazel-a sua esposa, e depois porque deixar em liberdade uma criatura tão perfeitamente formosa como Gladys White, era propriamente tentar o diabo. Tony Tuntún era bem moço, possuia uma regular fortuna, e a Municipalidade de Pehnajó acabava de comprar-lhe um de seus quadros para o museu local, o que déra grande relevo a sua reputação de pintor.

Tratava-se, pois, de não deixar que se apresentasse um rival.

Tuntún fez a côrte em regra á formosa viuva, e, embora não duvidasse que podia ser amado por si mesmo, não deixava, em cada visita, de levar algum presentezinho áquella a quem amava.

— Deixe-me gozar um pouco mais de minha liberdade — dizia Gladys. — Não creio que pense você que vou fazer máo uso della, não é verdade?

Esse pensamento nem molestava siquer a Tony, que obteve immediatamente que Gladys lhe consagrasse tres dias por semana: segundas, quintas e sabbados.

Mas a fatalidade quiz que, uma quarta-feira, o pintor sentisse ardentes desejos de vêr sua adorada Gladys, e assim por volta das nove horas chegou elle á casa de sua bem-amada, na Avenida Principal, onde um creado o recebeu um pouco assombrado, dizendo:

— Não me lembrava que hoje estavamos numa quinta-feira.

Gladys se apresentou um pouco perturbado, dizendo que seu tio João Mengano, chegado recentemente dos Estados Unidos, estava jantando com ella, e que, como nunca lhe havia falado de Tony Tuntún, era melhor que não se encontrassem alli.

Mais adeante se fariam as apresentações, mas por emquanto era preferivel que Tony passasse aquellas horas em outro logar.

— Depressa! — disse ella, empurrando-o para que se fosse. — Si meu tio o encontrasse aqui, poderia pensar mal de mim.

Para reparar sua acção, Tuntún se precipitou no "hall", tomou o sobretudo e o chapéo, e em poucos segundos se encontrou na rua.

Julgando que estava já o sufficientemente longe da Avenida Principal para que ficasse a salvo a reputação de Gladys, se deteve para vestir o sobretudo, porque o frio era intensissimo.

Mas, o abrigo era tão comprido e tão largo, que podiam caber nelle, commodamente, dois ou tres Tuntún mais. Quanto ao chapéo, este lhe entrava até as orelhas.

Não podia pensar em voltar á casa de Gladys, e o pintor pensou:

"Enviar-lhe-ei tudo isto manhã cêdo, e me devolverão o que é meu. O tio Mengano talvez nem haja notado nada".

Para refazer-se um pouco das emoções soffridas, Tony entrou em um bar pediu um "vermouth".

Seu aspecto, com aquelle sobretudo grande e aquelle chapéo enorme, excitou a curiosidade e a hilaridade dos presentes.

"Vão julgar que roubei o sobretudo e o chapéo" — pensou Tony, bastante amolado.

E chamou o "garçon", para pagar a despesa e sahir dali o mais depressa possivel. Mas, naquelle momento, entrou no bar outro individuo que provocou uma gargalhada geral. Alto e grosso, estava embutido em um sobretudo tão estreito, que paralysava seus movimentos; e quanto ao chapéo, estava no alto da cabeça, porque era pequeno demais.

Foi sentar-se a uma mesa situada a um metro escasso de Tony, e ambos realizavam o que, em linguagem de circo, se chama *entrada sensacional*.

Tuntún reconheceu, no corpo e na cabeça do recem-chegado, seu sobretudo e seu chapéo, e reconheceu, tambem, no individuo em questão, o boticario local, Julio Prés.

Aquella comprovação demonstrava até a evidencia que não era o tio Mengano, dos Estados Unidos, quem estava em casa de Gladys White, mas Julio Prés, cujo sobretudo e chapéo estavam juntamente com os de Tony, no "hall".

Não ha duvida de que Prés tambem reconhecêra seu sobretudo e seu chapéo no corpo de seu visinho de mesa, e suas reflexões deviam tomar um gyro analogo ás de Tony. Miravam-se um ao outro e pensavam como poderiam reconquistar aquellas peças de uso pessoal, sem entrar em explicações espinhosas.

— Que calor está fazendo! — exclamou, de repente, Tuntún, embora a temperatura fosse de um grão abaixo de zero...

— Sim — respondeu Prés, como si a observação fosse a elle dirigida. — Aqui a gente se abafa, se asphixia!

E tirou o sobretudo e o chapéo, que collocou a um cabide a isso destinado.

Tuntún fez o mesmo, calmamente.

— E' questão grave a futura eleição do presidente, não é verdade? — perguntou Tuntún.

— Gravissima! — respondeu Prés.

Transcorreram varios minutos de silencio, que foi quebrado pelo pintor:

— O "match" de box de hontem foi um dos peores a que eu já assisti em minha vida.

— Sem discussão — concordou Prés. — Um "match" grotesco.

Novo silencio.

— Não faz tanto calor neste bar, como eu suppunha — disse Tuntún.

— Por que ha de fazer, si isto aqui é uma geladeira?!... — respondeu o boticario.

Tuntún, segundos depois, foi buscar seu abrigo e seu chapéo, gesto que foi imitado por Julio Prés, dentro de poucos segundos.

E depois, como homem profundo conhecedor da vida e que não tem sobre as mulheres opiniões exageradas, Tuntún disse a Prés:

— Quer tomar commigo outro "vermouth"?...

DOLLAND

BOURJOIS

RUE DE LA PAIX. PARIS

CRÉATEUR DU
ROUGE MANDARINE

EXTRAIT POUDRE _ POUDRE
COMPACTE ET FARDS _ RAISIN
LOTION EAU DE COLOGNE SAVON

RAISIN ET
FARD POCKET

A NEGATIVA

De **Bartholomeu Galindez**

A scena se desenvolve em uma salinha, junto a uma varanda. Vêem-se as copas das arvores do jardim.

SCENA I

AMELIA E JULIO

Amelia. — Vamos, sente-se, Julio. Conversemos amistosamente. Agora ella não está. Podemos conversar com inteira liberdade.

Julio. — Com muito prazer, Amelia, mas si voltamos ao mesmo...

Amelia. — E que tem isso? Acaso esse thema não o interessa? Seria capaz de confessar que é um homem indifferente?

Julio. — Nada disso. Mas, já conhece minha maneira de pensar sobre esse ponto. Não acho possivel que me arranque uma confissão mais clara. Não sinto por sua amiga o menor interesse.

Amelia. — Ella o offendeu?

Julio. — Não. Nada disso. Elisa é uma mulher essencialmente *coquette*. Tem para os homens o sorriso provocador e o olhar e a palavra que dão a impressão de uma mulher facil.

Amelia (sorrindo). — E você sente ciume, não é verdade?

Julio. — Ciume? Não, Amelia. Indifferença, e nada mais que indifferença. Si ha alguma cousa que não perdôo na mulher é precisamente a *coquetterie*, que é, em principio, uma traição.

Amelia. — Quer dizer que despreza você nossas melhores armas, nossos attributos?

Julio. — Por favor, Amelia! A arma mais nobre da mulher para conquistar o coração de um homem, é a ternura. E' ella que nos obriga e nos vence. Agora, si você se refere ás armas para conquistar a todos os homens...

Amelia. — Entendamo-nos. Você gosta de Elisa?

Julio (rindo forçadamente). — Eu? Não, Amelia, não.

Amelia. — Você se sentiria feliz si Elisa fosse como quer que seja?

Julio. — E'-me indifferente.

Amelia. — Procuraria você algum ponto de approximação intima com ella?

Julio. — De modo algum. Entre nós, os pontos de contacto são illusorios. Pensamos de maneira diversa.

Amelia. — Vamos! Não seja obsecado! Elisa é uma bôa moça, bonita, intelligente. Estou quasi certa de que gosta muito de você.

Julio (rindo). — De mim?!

Amelia. — Sim, de você, senhor incredulo! Não m'o confessou, mas eu o adivinho. Seu interesse em tudo o que é seu, sua voz quando fala com você, o olhar que tem para todos os seus gestos — tudo isso é mais que uma revelação.

Julio (com certa tristeza). — Creio que você está enganada, Amelia. Elisa se quer demasiado a si para querer a um homem. E' uma dessas mulheres que vivem possuidas de sua belleza e de sua força.

Amelia. — Como você está enganado, Julio! E si eu lhe dissesse o contrario? E si eu lhe dissesse que Elisa é um espirito delicado cheio de amor e de emoção?

Julio. — Estaria certo de que a amizade e o affecto que você sente por ella a fazem vêr o que não é exacto.

Amelia. — Como queira você, Julio. E si amanhã se certificasse você de que sua opinião a respeito della era errônea, e fosse muito tarde já? Si ella amasse outro homem?

Julio. — Ella amar outro homem?

Amelia (com occulta ironia). — E por que não póde ser assim? Porventura não tem coração como todas as mulheres? Por que acha que Elisa não póde amar outro homem?

Julio (com certa avidez). — Sabe você de alguma cousa?

Amelia (com fingida indifferença). — Eu, nada; absolutamente nada. Mas creio que isso nada tem de particular. Acaso não é joven, não tem coração? Que diria você, nesse caso?

Julio (movendo a cabeça). — Não. E' impossivel. é impossivel.

Amelia (sorrindo). — Você o diz com uma segurança! Dir-se-ia...

Julio (com ansiedade). — Que?...

Amelia. — Homem, dir-se-ia que lhe dôe pensar nisso. Estou quasi inclinada a crer que você está apaixonado por minha amiga.

Julio (reagindo). — Póde estar certa do contrario, Amelia.

Amelia. — Entendamo-nos, meu amigo. Você não póde crer na impossibilidade de que ella ame outro homem, desde o momento em que você é o primeiro a negal-o, e em não se arrepender de sua attitude. Não ha direito para negar um possivel estado de seu espirito, muito natural, por outro lado, em sua edade.

Julio. — Não nego seu direito. Dou minha opinião, a qual é muito differente.

Amelia. — Passemos á realidade. *(Transição).* Desde o momento em que você conheceu Elisa naquella estação de aguas, nos encontros que teve com ella, em suas conversações, não notou nada que haja sido para você uma revelação?

Julio (pensando). — Nada.

Amelia (olhando-o fixamente). — E em você?

Julio. — Em mim... *(Vacillando.)* Tambem não. Elisa é para mim uma amiga e nada mais.

Amelia. — Bem, bem. Você é um infante de Aragão: "Não e não", como diziam antigamente. Não falemos mais disso. *(Levanta-se).*

Julio. — Vae ao salão?

Amelia. — Não. Fico por aqui. Disse a Jorge que o esperava neste logar, e não quero que me ande procurando no salão, sem encontrar-me. Ha tanta gente!...

Julio. — Então, até logo, Amelia. *(Sae).*

Amelia. — Até logo, Julio. Depois nos veremos.

SCENA II

AMELIA E ELISA

Amelia. — Escutaste?

Elisa. — Tudo.

Amelia. — E que achas?

Elisa. — Que me ama. Estou certa de que me ama. Todo nelle o revela, até sua propria negativa.

Amelia. — Eu tambem penso assim, querida.

Elisa. — Que achas que devo fazer?

Amelia. — Nessas luctas, querida, as armas da mulher devem ir direito aos meios do homem. A negativa foi para ti uma revelação. Procura fazer com que essa revelação seja para ti uma negativa do que diz agora. O amor já sabes que é como certas cellulas organicas que permanecem em estado de inactividade, e que se despertam com os phenomenos naturaes da circulação que, na vida, são o resultado dos acontecimentos e das circumstancias. Apressa esses phenomenos.

Verdades Duras

Os Máos Remedios, os Remedios Ruins são Mais Perigosos do que o Veneno das Cobras.

Assim disse e assim escreveu o Dr. Peter Gray, distincto Parteiro e o Medico Especialista de maior clinica na Australia.

Esta é uma Grande Verdade, que o povo não deve nunca esquecer.

De uma carta deste illustre homem de sciencia que recebi em Nova York, transcrevo o seguinte:

"Eu sempre odiei e continúo a odiar os Máos Remedios, fabricados e annunciados por pessoas ignorantes, que nada entendem de Medicina.

"Saiba, meu caro Sr. Dacio Arthenes de Avila, que os Máos Remedois são muito mais perigosos do que o Veneno das Cobras!

"Por isto, eu só receito e aconselho qualquer remedio depois de verificar durante muito tempo e examinar, com todo rigor, se realmente elle merece a minha absoluta confiança; porque não tenho o direito de brincar com a Saude e a Vida dos meus doentes.

"Foi o que fiz com o *Regulador Gesteira* e **Ventre-Livre,** quando elles começaram a ser annunciados nos jornaes da Australia e Nova Zelandia; examinei-os com o maior rigor, durante alguns annos, em minha clinica particular e tambem nos hospitaes, obtendo sempre as mais brilhantes provas de que estes dois remedios são os melhores, sem duvida nenhuma, os melhores que encontrei até hoje.

"São os unicos que inspiram confiança completa e despertam o meu sincero enthusiasmo.

"Aqui, em minha clinica, e nos hospitaes, receito e aconselho muito o *Regulador Gesteira* e **Ventre - Livre,** porque, pelos admiraveis resultados que consegui no tratamento das mais graves Molestias, pude certificar-me que são remedios de um Verdadeiro Medico Especialista."

* * *

Muita razão tem o glorioso Dr. Peter Gray de fallar assim.

Eu tambem não posso perdoar que certos individuos que não são Medicos Especialistas, individuos que nunca estudaram Obstetricia, nem têm intelligencia bastante para comprehender Gynecologia e outras Especialidades difficillimas da Medicina, tenham a incrivel audacia, a criminosa inconsciencia de fabricar e annunciar Máos Remedios para a cura das mais arriscadas Molestias das Senhoras!

O povo não deve nunca esquecer o que disse o famoso medico australiano:

Os Máos Remedios, os Remedios Ruins são muito mais Perigosos do que o Veneno das Cobras.

* * *

Dacio Arthenes de Avila

(Director da Fiscalisação da Propaganda dos Remedios do Dr. J. Gesteira, nos Paizes Estrangeiros.)

O INSTINCTO DE CRUELDADE

De J. J. FARJEON

HA, em todos nós, um instincto de crueldade. Si leio, pela manhã, antes do café, que occorreu um terrivel terremoto no Japão, exulto muito mais do que si tenho conhecimento de que o casal Pimenta Flores celebrou suas bodas de ouro. O terremoto japonez enche minhas horas de ocio, emquanto que o casal Pimenta Flores, apesar de sua alegria, não tem nada para darme. Certamente, não comprarei um jornal da tarde para informarme si continuam bem ou mal. Mas alguns de nós possuem esse instincto morbido em maior gráo que outros. Por exemplo, um cavalheiro de certa idade com que me encontrei o outro dia, na sala de espera do consultorio de um dentista. Interrompeu o profundo silencio que sempre rege as relações dos companheiros na afflicção e na dôr, levantando subitamente a vista do jornal que lia, e observando:

— E' terrivel esse suicidio, da velha em São Januario!

— Terrivel! — concordei eu.

— São Januario — murmurou elle. — Creio que tenho um amigo que morou ali algum tempo. A velha enforcou-se na bandeira da porta. Não posso comprehender por que se suicidou...

— Provavelmente tinha que ir ao dentista — suggeri eu.

Isso o fez guardar silencio por um instante. Não muito tempo, no emtanto. Minutos depois, lançava uma exclamação e de novo fixava seus olhos em mim.

— Aqui está uma noticia extraordinaria! — declarou. — Durante a semana passada, oito cães foram esmagados por automoveis, em Copacabana!

— Tão poucos! — fiz eu, desalentadamente.

— E dezesete gatos! Dezesete! Meu Deus! Eu não queria ser gato em Copacabana.

— Provavelmente se extinguirão os gatos em Copacabana, si as cousas continuarem assim — observei eu, por cortezia. — De qualquer maneira, ha cousas peores.

— De certo — concordei eu, inspeccionando rapidamente seu jornal, com o fim de encontrar alguma cousa que eclipsasse os gatos. — Aqui ha um pobre homem que certamente cahiu dentro de um poço.

A porta abriu-se e nossos corações saltaram. Qual dos dois seria? Era, porém, a enfermeira, que veiu tirar uma cadeira da sala.

Depois que ella sahiu e meu companheiro se serenou, me atirou com a noticia de um terremoto em Cambodia. — Isso o alegrou immensamente.

— Onde fica Cambodia? — inquiri, cortezmente.

— Ora! onde se verificou o terremoto — respondeu-me. — Sessenta mil pessoas... Oh, não! Isso é a assistencia de uma partida de "football"! Onde diabos estava a noticia? Ah! aqui! Em consequencia do terremoto, que foi tremendo, a população de Cambodia se encontra em uma das mais graves situações da historia.

Baixou o jornal durante um momento, para vêr si me impressionára. Apparentemente, eu não o estava, porque elle continuou:

— Lembro-me de um terremoto na India, ha varios annos, que matou milhões de pessôas. Milhões!

Moveu a cabeça. E proseguiu, depois de uma pausa:

— E' bom viver em nosso paiz, apesar do clima.

— A menos que se seja gato em Copacabana... — disse eu.

Mas elle não apreciou meu chiste. Dois segundos depois, estava muito interessado em um naufragio na Groenlandia.

— Nenhuma victima! — exclamou, em tom pesaroso.

Decidi que o silencio era a melhor das conductas a observar. Não havia entrado na sala de espera de bom humor, e sentia que o pouco que me restava desapparecia rapidamente. No emtanto, meu silencio foi contraproducente, porque lhe deu mais opportunidades para falar. Os tres minutos seguintes elle os encheu com quatro desastres de automoveis, uma tragedia conjugal e uma quéda de bonde... Estavamos gozando um grande incendio no porto, quando me senti incapaz de dominar-me.

— Escute: não poderia deixar de lado essas cousas? — roguei-lhe.

Pareceu não me haver escutado, porque proseguiu muito preoccupado com os detalhes do sinistro.

— Occorreu hontem, quando eu me encontrava na casa de um primo meu que reside em Villa Isabel. A proposito, lhe direi que ha um mez me morreu outro primo de pneumonia aguda. Morreu-me em tres dias. E' extraordinario como a gente morre depressa. Aqui ha um caso ainda mais estranho. Um individuo de oitenta annos, que em sua vida poucas vezes estivéra enfermo, entrou em uma livraria para comprar um livro, e cahiu instantaneamente morto. Vou lêr-lhe a biographia do pobre velho.

— Não, não! — gritei, assustado, ante a terrivel ameaça.

Arrebatei-lhe o jornal e o percorri rapidamente com os olhos.

— Aqui ha alguma cousa que lhe deve interessar! — exclamei, satisfeito. — Um homem foi hontem á casa de um dentista para mandar arrancar um dente e a raiz deste estava tão profunda, que o cirurgião lhe arrancou, com ella, toda a cabeça!

Meu companheiro empallideceu de medo.

E então novamente se abriu a porta do consultorio, e o dentista proferiu meu nome.

Confesso que pela unica vez em minha vida me senti satisfeito ao transpôr o humbral da porta de um consultorio de dentista!

BOHEMIO PIRATA (S. Paulo) — Perdão! Mas quem disse ao senhor que entendo de graphologia? Esta sciencia não está ao meu alcance.

LABUTES (S. Paulo) — O seu conto não póde ser publicado.

JULIA ANTONIA (Capital) — O conto que me enviou não serve para o *Fon-Fon*.

ISIS (Minas) — Francamente não entendi a sua carta. Talvez a minha manifesta inferioridade mental não tenha alcançado a profundeza das suas syntheses, o brilho das suas imagens, a elegancia dos seus tropos, a philosophia das reflexões...

Mas deixe que lhe diga uma verdade insophismavel: não ha homem capaz de trabalhar por uma mulher, sem pôr nisso um interesse, cuja natureza V. Ex. interpretará como achar mais racional. Os homens são todos eguaes e V. Ex. parece que os estudou mal ou não os soube estudar.

O seculo das coisas platonicas já passou. Não creia em homem desinteressado...

SOUZA BARROS (São Paulo) — Os seus versos têm grandes defeitos de technica. No emtanto, com um pouco mais de esforço e bôa letra, letra legivel, conseguirá ser lido com agrado.

CLAUDIA PATRICIA (Estado do Rio) — Muito bem. Uma vez que tanto se interessa pela sua graphologia, devo publicar a sua missiva, em que m'a solicita, afim de que fique documentado esse seu desejo.

Leiamos a sua carta:

"Illmo. sr. Yves — Saudações — Não fosse a certeza das gentilezas e bondade com que attende aos seus consulentes, certamente não ousaria importuna-lo. Assim é que ouso pedir-lhe o favor de um meu estudo graphologico.

Julgo que nestas simples linhas que lhe dirijo, exponho ao seu exame a minha letra, aliás tão feia e incerta.

Na resposta, rogo-lhe dirigir-se a Claudia Patricia.

Terminando, peço-lhe que receba não só os meus effusivos agradecimentos, mas tambem o meu sincero preito de admiração pela emotiva e agradavel leitura que me proporcionou o "Suave enlevo"..."

Agora, vamos ao exame da sua letra.

Que me diz? E' muito simples. Diz que V. Ex. é uma creatura delicada, cheia de fineza, muito

sensivel a tudo, frágil de alma e coração.

Doce, maneirosa, sabe ser clara nas suas idéas e attitudes. Não é um temperamento para a luta, mas para vencer pela ternura, pela bondade e pela cortezia.

E' uma creatura de apparencia simples. Tem bom gosto e si por vezes é um tanto fatua, essa fatuidade não dá para irritar. V. Ex. quer as coisas rectas e simplificadas. A sua vontade não é muito forte. Mas é firme e continuada. Ha nella uma sombra de despotismo. Uma sombra muito leve, pois V. Ex., como já disse acima, não é uma creatura para a luta. A sua saude não é bôa. E' um tanto neurasthenica, embora não seja agitada, no sentido amplo da palavra. Digámos paradoxalmente: é de uma calma impaciente. Por isso, V. Ex. não admitte que a façam de tola; e, por vezes, quando é atacada, passa da situação de victima á de atacante. E' curioso!

Não é muito activa, sob o ponto de vista physico. E' mesmo inclinada á indolencia. Tambem não é alegre: propende, para a melancolia. (Esse detalhe é relativo á direcção *(descendente)* que a sua letra tomou, na presente missiva).

Não é um temperamento para o amor. Numa palavra: é fria, quando ama.

NITA (São Paulo) — Uma cartinha verde-esmeralda. Não traz perfume, o que é raro numa paulista de Santos. Em todo caso, não é uma carta indesejavel. E' uma carta como as outras. Ora muito bem. De que trata ella? Da reforma do mundo? Da theoria de Einstein? Isso já é velho. Trata de politica? Da desanalphabetização? (Safa! Que nome comprido!) Afinal, a que se refere a carta da senhorita (ou senhora?) *Nita?* Da situação financeira do paiz? Da nova arte de apanhar gafanhotos? Nada disso! V. Ex pede, tão somente, um estudo da sua letra.

Imagino o seu grande interesse. Deante da séria crise de caractéres femininos, neste momento das reivindicações feministas, em que a mulher deseja ser mais homem do que nós, V. Ex., d. *Nita*, põe duvidas sobre si mesma. Tem fé no futuro do seu sexo (o que, para nós, não tem futuro...) e crê, firmemente, na primacialidade das saias, — acima dos joelhos — com a esperança, talvez, de ainda prestar grandes serviços á causa do paiz, a esta gloriosa Republica que tende, futuramente, ser uma Republica de *rouge* — com a dictadura das mulheres...

E, em vista disso, V. Ex. deseja conhecer a sua graphologia...

Mas ora! Pelos termos da sua carta, pelo seu espirito dispersivo, pela sua despreoccupação das coisas graves e importantes, vê-se bem que não dará uma bôa administradora, uma futura deputada, uma chefe da nação...

E sabe por que? Pelo acto de não ter attentado nesta coisa capital: na assignatura verdadeira do seu nome para o estudo da sua graphia. V. Ex. dá o nome de *Nita* como o do seu pseudonymo e o de Helena como o verdadeiro...

Pois sim.

NIVEA (Minas) — Lá vem outra consulente, desejosa de conhecer a sua graphologia. Santo Deus!

Interessante é a carta que V. Ex. me me dirige. Por fóra, muita farofa; por dentro, mulambo só — conforme o conhecido proverbio. Quer dizer, na carta muito elogio á minha pessôa; no fundo das palavras, um mundo de meias tirinhas douradas, como certas pilulas. (V. Ex. será pharmaceutica?)

Aqui está a sua cartinha deliciosa de fingimentozinhos de "jeune fille"... de dezeseis annos e meio. Dois pontos:

Yves — Não lhe enviarei phrases de amenidade artistica, nem uma ladainha de epithetos suaves a seus ouvidos, para que?

Tudo isto bem familiar lhe é, diga-me: augmenta em alguma cousa o seu valor e o seu talento? "Guarda-te da lisonja", diz o proverbio. Bem mais acertado é fugirmos de discursos laudatorios e trabalharmos em busca de verdadeiros bens. Que me diz, bondoso Yves? Dir-lhe-ei no emtanto, não posso nega-lo, que "Saibam Todos" é a secção que me merece toda a sympathia. Leio-a em primeiro logar.

O meu primeiro fito ao endereçar-lhe esta é obter de sua bondade o meu exame graphologico.

De antemão, meus mui sinceros agradecimentos.

Com elevada estima — *Nivea*.

Mas fóra de brincadeira: não é pelos louvores que tece á minha secção que deixo de fazer a sua graphologia. Isso de um elogio

A queima-roupa não é coisa que me offenda a esse ponto. E' verdade que um encomio de mulher é coisa que me não agrada. Mas ás vezes ellas não elogiam por mal, e sim pelo vicio de fingir. De modo que sei perdoar essas mentirinhas e não me mostro aborrecido. Em todo caso, de outra vez não me elogie, sim, mlle. Nivea, como a *Branca de Neve*, do conto?...

Não faço a sua graphologia porque, para esta, é indispensavel o nome por extenso, mas o nome verdadeiro, pois não sendo assim, o resultado graphologico não será perfeito. Ouviu, D. *Nivea?* Espero que não fique *vermelha* de odio, nem *branca* de susto, nem *pallida* de emoção, nem *amarella* de medo, nem *verde* de fome, nem *fula* de raiva, nem *marron* de tristeza, nem de *todas as côres* do arco-iris... (?) E adeuzinho...

LEONAM (São Paulo) — Ah! Poeta! Venha! Venha depressa! O senhor é indispensavel á festa litteraria desta secção. Oh! o senhor é um homem raro.

Imaginemos que estamos em plena estação elegante. Aqui no "Saibam todos" vae haver um recital de declamação. O programma é magnifico. A sala está repleta. Lá está a elite do mundanismo, das lettras e das artes. Gente chic. Meninas. Senhoras redondas, finas, longas e curtas. Cavalheiros bojudos, magros e largos — de todos os feitios.

As declamadoras estão por traz do panno. Quando este sobe, corre pelo salão uma revoada de palmas.

E' a *diseuse* Fulaninha dos Anzinhos que vae declamar "O Corvo", de Edgard Poe. Pigarrêa. E sapéca o verbo (perdôa o sapéca) em cima da platéa.

A declamadora revira os olhos, sacode os braços, faz uns gestos de quem quer brigar com os espectadores e, berrando, n'um smorzando que não acaba mais, atira ao ar, um gesto de desalento, e sussurra, como a ave do poeta: "Nunca mais!"

Palmas, muitas palmas e uma corbeille que é collocada no palco. A declamadora faz umas mesuras, e a claque bate as classicas palmas do *bis*. Lá vem a artista, a *estrella*, com o numero de "extra-programma".

Vae recitar em castelhano. Era fatal! Castelhano!... Qual é a declamadora nacional que não prefere os poetas estrangeiros? E' uma prova de que sabe *matar* a lingua alheia. Mas é elagante. Ultra-chic...

A *estrella* sorri de satisfação. Empina-se toda, ufana de gloria. E recita com enthusiasmo:

"Pasa la ilusion" — Samuel de Madrid.

Movimento de attenção da platéa. Ella começa:

Pasaron a mi lado. Iban como dos
[niños
asombrados por una fantástica
[vision
No llegaba hasta ellos el constante
[bullicio
de la calle, eran sordos al ajeno
[rumor...

Iban como dos niños, rientes y
[asombrados,
habia e sus pupilas pueril admira-
[ción.
¡Cieguecillos acaso que recién des-
[pertaron
a las tibias caricias de los rayos
[de sol!

Una estela imprecisa dejaban a su
[paso,
— cándida y exquisita fragancia
[de una flor —
que llevava los ojos de la gente a
[miralos
mientras alegremente brincaba el
[corazón.

Los seguí largo trecho con extraña
[constancia,
semioculto y esquivo como un me-
[rodeador,
como si al contemplarlos les ro-
[bara la gracia
que adueñaban los dos...

A pronuncia da *diseuse* (da dictriz; aqui se diz a *dictriz* —) carregaidono *z* pedantemente...) a pronuncia da moça é horrivel. Ninguem entende o que ella declama. Mas todo mundo a applaude, com calor.

— Tão bonitinha, diz um.

— E' uma gracinha...

— Que geniozinho...

— E' superior á Bertha Singermann...

Consulta-se o programma. Lá está: "Flores da alma" — Manoel Alves. (versos pelo autor). E' a sua vez, poeta. Emoção na platéa. O senhor, meio confuso, todo atrapalhado com a lingua e os pés, tropeça no palco, cáe no soalho, levanta-se encabulado, e gagueja as proprias rimas. Ninguem o conhece aqui no "Saibam todos". Nem D. Sayonára, com as suas meias verdes e as rendas côr de abacate; nem D. Miragem, com os seus sapatinhos 38, bico largo; nem D. Marrquezinha com a sua ingenuidade... Emfim, lá está o publico da minha pagina. Ninguem sabe de onde o senhor veio. Mas todos desejam ouvil-o.

Declama o senhor:

FLORES D'ALMA

Querida, para teus annos trago
[flores
Colhidas no vergel de meu affecto;
Lyrios que a meiga fada dos amo-
[res
Plantou nas rimas deste meu so-
[neto!...

Alvos lyrios que tem os resplen-
[dores
De um sól primaveril. E, num
[secreto
Evoluir de mysticos olores,
Um segredo me falla no dia no
[discreto...

Candenciar desta lyra que pran-
[teia
Um castello de sonho em branca
[areia
No fulgente areal das illusões!...

E formam estas flores mysteriosas
Dos lyrios candidos, as rubras
[rosas
Lindo bouquet de felicitações!...

Resultado: todo mundo desmaia: velhos, moços e creanças. Quem não desmaia — dorme. Para os que dormem — sineta; para os que desmaiam — Assistencia.

Ahi está o que o senhor queria. O recital acabou n'uma tragedia...

ALINE (Minas) — Na Livraria Alves, á rua do Ouvidor, 166, encontrará as obras de sciencia e os livros escolares a que se refére.

RIVADAVIA FONTES (Aracajú) — Aqui vae a sua carta, tal como m'a endereçou. Nella, eu lavo as mãos como Pilatos.

Lá vae ella:

"Aracajú, 31 de Janeiro de 1929.

Yves — Por seu intermedio deu o "Fon-Fon" publicidade a um soneto intitulado "Os Sinos", do qual se diz autor o sr. capitão Diniz Araujo.

A secção "Saibam-Todos", que a sua penna deliciosa de poeta preenche com graça admiravel, é innocente no caso, mas os innocentes

---

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem. Bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú', 62

Caixa Postal 97 — Telephone

Central 4136.

FON-FON — 23-3-1929

Data da consulta ....

Nome do consultante ....

....

são os que podem reconhecer a justiça, sem preambulos, onde quer que ella se faça mister, e, assim sendo, appéllo para o seu espirito de justiça que até hoje ainda se conserva imune de fraquejos e indecisões. Em uma consulta feita a você o capitão Diniz Araujo enviou-lhe o soneto "Os Sinos", que a sua critica abalisada houve por bem considerar bom, pelo que autorizou a publicação do mesmo. Mas é que você, Yves, ignorava fosse um plagio grosseiro a *obra-prima* do capitão.

Eu devo explicar-lhe tudo, para que você não tenha a menor duvida sobre o que lhe affirmo:

Almyro Fontes, joven poeta sergipano, fallecido com 21 annos de idade em abril de 1928, do qual se dizia amigo o capitão Diniz Araujo, escreveu um soneto tambem intitulado "Os Sinos", e foi este que o capitão Diniz plagiou, ou, melhor, copiou escandalosamente, como você verá pondo em cotejo ambas as producções, que transcrevo:

OS SINOS

Tristes os sinos! A melancolia
Dos entes que os escutam é total.
Quer os ouçam tocando a Ave-
[Maria,
Quer os ouçam tocando a funeral.

Soluçam qualquer hora... Quer de [dia,
Quer á noite; meu ser se sente mal
Quando ouve planger com nostalgia
O sino lá da velha cathedral!

Eu os comparo a monstros mille-[narios
Transformados em bronze, soli-[tarios
Condemnados a penas eternaes,

Que vivem soluçando, supplicantes,
O perdão para os erros já distantes
N'as torres das lendarias cathe-[draes!

ALMYRO FONTES.

OS SINOS

Porque soluças, sino, na agonia
Immensa, formidavel e total —
Quer cantes para o occaso a Ave-[Maria,
E quer chores... num triste fune-[ral!...

Porque te cobres dessa côr som-[bria,
Dum coração onde germina o mal?
Terás tu, do silencio a nostalgia
Erma noite envolvendo a cathe-[dral?

Eu te comparo, sino millenario,
A gigante de bronze, solitario,
Condemnado a mil penas infer-[naes!

Cavalheiro do Graal, monge tri-[plice...
Tendo os braços pregados... no cal-[vario
Das torres das lendarias cathe-[draes (sic—)

DINIZ ARAUJO.

Yves, você, que é poeta, verá facilmente em qual dos dois está a inspiração, a expontaneidade, o merito... verdadeiro.

A naturalidade dum verdadeiro poeta, a simplicidade da fórma, essa indefinivel graça artistica, não se reflecte absolutamente nos hemistichios emprestados dum ridiculo plagiario, que, aliás, não é nenhum adolescente e já devia ter pudor literario e não andar copiando, possuido da mania de publicidade... poetica...

Gostaria, Yves, que você desse á estampa os meus rabiscos, afim de que toda gente saiba como é inspirado o capitão Diniz... Respondendo, dirija-se a — Rivadavia Fontes, (Aracajú) — seu amigo e admirador."

ANGELICA DE MAIO (São Paulo) — Depois de tantos annos — só se lembrou de mim para me pedir um obsequio? Que superioridade a sua!

YVES.

BALCÃO DE MIUDEZAS

O TRABALHO HUMANO

Calcula-se que, sommando as horas de trabalho de um operario durante um dia, se chega aos seguintes resultados: o lavrador produz 100.000 kilogrametros, sendo o kilogrametro o esforço necessario para levantar um kilo a um metro de altura; o mineiro, 140.000; os artezãos, 117.000 e, empregando pés e mãos, como alguns, mais 75.000; o marinheiro, 110.000.

Assim se verifica que o homem, nas suas varias fainas, pena e produz co mmais rudeza e força do que qualquer outra machina construida por elle proprio.

PATRIOTISMO MILITARISMO

Emilio Faguet escreveu:

"Deve-se amar á patria profundamente. Mas como convem amal-a? Não procuremos subterfugios nem circumloquios e digamos claramente que se deve amal-a no seu meio de defesa, isto é, no seu Exercito.

O patriotismo não é o militarismo: vae mais longe; vae, si quizermos, mais alto. Porém, immediatamente, vae ao militarismo, e este é, sem duvida, o signal e a medida do patriotismo."

Bellas e justas as palavras de Faguet.

CORTEZIA E DESCORTEZIA

Diz-se que a cortezia é o respeito que se deve á personalidade humana.

A descortezia resulta de pensarmos exclusivamente em nossas pessoas, sem nos preoccuparmos ou importamos com a sensibilidade dos demais.

O sincero desejo de proporcionar o maior prazer e o menor soffrimento a todos aquelles com quem temos relações, grandemente contribuirá para os nossos bons modos.

Em verdade, no fundo, ha na delicadeza tanto de altruismo quanto ha de egoismo na grosseria.

Sem duvida.

LUVAS DE SEDA

Ha quem diga que saé mais barato usar luvas de sêda do que as de pelle, demasiado caras. Ademais, as de seda cobrem melhor as mãos e os braços. Entretanto, como as meias, as luvas de seda são frageis e caras. Limpal-as, por exemplo, é um problema.

Não se deve ensaboar as luvas de seda nem esfregal-as com benzina, essencia que os endurece e deteriora. São dois processos de limpeza imperfeitos.

Eis como se deve praticar:

Encher uma vasilha de agua, pôr nella as luvas e fazel-a ferver durante uma hora. Deixar esfriar e agitar as luvas no liquido. Tomam-se as luvas com uma pinça de madeira e deixa-se seccar a oar, sem tocar-lhes, de modo a ficarem bem estiradas.

A ELECTRICIDADE E OS LYRIOS

Commentam-se as experiencias recentemente verificadas nos Estados Unidos sobre a germinação pela electricidade. Alguns horticultores estão pondo em pratica o processo de fazer florescer os lyrios vinte e sete dias antes da data normal fixada pela natureza. E' um verdadeiro *record*.

Collocam-se as flôres em uma cóva illuminada por lampadas electricas, cuja côr se muda de tres em tres horas. Os lyrios florescem assim com uma côr azulada notavel.

As sementes já foram submettidas ao mesmo processo e algumas dellas, expostas ás irradiações da electricidade, germinaram tres vezes mais depressa do que ao sol.

As especies mais sensiveis a esse tratamento, além dos lyrios, são os pepinos, os repôlhos e outros legumes.

A electricidade vae, pois, em breve, matar a poesia natural dos lyrios.

O DOGE DE GENOVA

Submettida a cidade de Genova pelas armas á França, em 1684, Luis XIV ordenou que o doge e quatro dos senadores genovêses viessem implorar sua clemencia e dar-lhe satisfações.

Assim se fez.

Depois de recebido pelo rei, um dos cortezãos perguntou ao doge o que achára mais extraordinario entre as maravilhas de Versalhes.

E o velho replicou-lhe:

— Minha presença!

OS NOVOS
TYPOS
CHRYSLER
65 - 75 e 80

SÃO INCONFUNDIVEIS

A ESMAGADORA PREFERENCIA DA ELITE
TEM DEMONSTRADO.

AUTO MERCANTIL BRASILEIRA, S. A.

AVENIDA RIO BRANCO, 247 — Tel. Central 1744 - 2407

PARA QUE SERVE A VACCINA...

— DE —
J. J. BERNAT

Quando Florencio me viu, atravessou a rua e veiu ao meu encontro. Parecia furioso.

— Que me diz, meu amigo, que me diz?

— Que ha, Florencio?

— Acabo de visitar um amigo, empregado no Departamento Nacional da Saúde Publica, e elle me disse que vão dictar uma lei tornando obrigatoria a vaccina antivariolosa!

— E isso o indigna?

— Naturalmente! Isso é um disparate!... De modo que não somos donos nem siquer de nosso corpo? Quem é o Departamento Nacional de Saúde Publica, quem é o governo para nos obrigar a encher o corpo de porcarias? Não temos o bastante com os alimentos em máo estado que nos vendem em toda parte? Não valeria mais a pena que o governo obrigasse esses sabios doutores a tomar medidas mais praticas e menos attentatorias á liberdade corporal?

E continuou nosso homem invectivando, desesperadamente, contra a repartição que vela ou que deve velar por nossa preciosa saúde.

Por meu lado, acho que Florencio tem razão. E assim deve, tambem, pensar uma robusta crioula, minha vizinha, que, falando sobre esse assumpto, dizia hontem a uma comadre:

— Pois a mim, que não me venham com vaccinas antivariolosas, porque não darei meu corpo para ellas.

— Mas, si o declaram obrigatorio, não haverá outro remedio sinão se submetter á vaccina.

— Eu?... Você não me conhece! Tenho um corpo muito são e muito robusto, e ainda não nasceu o *doutor*, ou o *academico* que se atreva a furar-me para metter-me o tal sôro!

— Pois, segundo dizem, a vaccina é uma grande cousa.

— Não me parece.

— Olhe, dona Philomena, quando tanto o dizem, é porque alguma cousa de bom ha de ter.

— Você já se vaccinou?

— Eu, não.

— Por que?

— Por... por preguiça.

— Pois eu ainda não o fui, nem o serei nunca, porque não acredito nessas bobagens.

— Pois olhe: a cunhada de minha lavandeira tambem era inimiga da vacina, porque dizia que um irmão della morreu dias depois de ser vaccinado.

— Em consequencia da vacina?

— Não se sabe si em consequencia da vaccina, ou porque foi atropelado por um automovel.

— Bem. Deixe-se de tolices, que isso eu li ha tempos, em um almanack. O que lhe digo é que, si começam a fazer obrigatorias todas as vaccinas que os doutores inventam, e nós somos tão *carneiros* que nos deixamos vaccinar, vamos ter o corpo como uma peneira de tanto ser furado.

— Sim, é claro que, em parte você tem razão. No emtanto, eu não posso duvidar de que a vaccina traz bôas consequencias. Conheço um caso...

— Que caso?

— O do patrão de meu marido.

— Como foi?

— Nunca se quizéra vaccinar, nem havia deixado que lhe vaccinassem os filhos. Para mandal-os ao collegio, apresentava attestado de vaccina que lhe passava um medico conhecido.

— Isso é o que faço eu.

— E meio Rio de Janeiro.

— Bem; continúe.

— Um dia, chegou da Europa um medico que era meio parente seu, e tanto fez que conseguiu convencêl-o, e o homem não só se deixou vaccinar, mas ainda fez vaccinar a seus filhos e a todos os seus empregados.

— E então?

— Pois, quer saber o que lhe occorreu, antes de uma semana? Estou jurando...

— Foi atacado de variola?

— Que esperança! Uma cousa melhor!

— Morreu o medico?

— Tambem não. Para que digam, depois, que a vaccina não traz beneficios!...

— Mas, que lhe occorreu?

— Si não lhe disser, não ha de adivinhar.

— Pois me diga de uma vez.

— Tirou a sorte grande!

A CHAVE

— DE —
AMADO NERVO

QUE admiravel é a chave de ouro que fecha cuidadosamente a porta da torre onde vivem os phantasmas!...

Si sabes usal-a, si tens cuidado que em determinados momentos não se abra essa porta, por mais que dentro o tumulto das tristezas, dos temores, das preoccupações, da paixão de animo queira forçal-a, quanta será tua paz e quão permanente tua alegria!

A principio é muito difficil mantêl-a fechada: os phantasmas negros atiram-se ás folhas com toda sua força; conseguem entreabril-as, e se vão collando por ali, ou invadem o campo de tua alma, e desterram delle as santas flores da alegria.

Mas, a gymnastica se vae tornando cada vez mais facil e segura. Adquire-se uma grande habilidade. Surprehendes em seguida os movimentos astutos da turba negra, e acabas por confinal-a definitivamente na torre da angustia, das imaginações dolorosas, dos medos sem razão, das afflicções sem objectivo... O essencial é ser rapido nos movimentos. Quando notares que se quer collar algum phantasma, examina a fechadura, dá duas voltas á chave e volta as costas.

O phantasma continuará insinuante. Tornar-se-á expressivo. Pretenderá dizer-te muitas cousas. Não faças caso de seus convites, de suas solicitudes, de suas arguucias, de seu pranto. O que elle quer é envenenar-te o dia.

Dirás talvez que, tendo condemnado o castello inteiro, escaparias para sempre... Mas devo dizer-te que nesse castello moram, tambem, as imaginações alegres, os pensamentos joviaes que nos fazem suave a vida, e a sciencia está em deixar a estes livre a porta e em impedir que os outros saiam...

Que admiravel é a chave de ouro que fecha cuidadosamente e a seu tempo a porta da torre onde vivem os phantasmas!!...

Inaugurou-se a 19 d'este mez, á Avenida Rio Branco, 137, loja 2 e 4, sob a firma E. Albanati, a bem montada casa A BRUXELLA, de artigos para enxovaes, rendas finas, applicações de Velludo e Milão, stores, roupas brancas, lingerie, trabalhos manuaes e

demais artigos de primeira ordem concernentes ao mesmo ramo de negocio. A BRUXELLA, importando directamente, póde offerecer á sua distincta clientela as maiores vantagens. Seu telephone é: Norte 4546. Felicitamos a nova firma, desejando-lhe prosperidades.

PARA SER FELIZ

Charles Wakefilel — (ex-lord-mor de Londres)

Estas indicações são a pedido de um editorial. Duvido que alguem possa definir o que significa "felicidade" para outros. Mas estou certo de que só a riqueza não na póde proporcionar.

A QUEM É RICO

1.º — Procure a paz do espirito. Não olhe a riqueza como uma carga ou um obstaculo.

2.º — Cuide de sua saúde, porque a base physica da felicidade, como a paz do espirito, é a mental. A riqueza não nos livra das enfermidades.

3.º — Caminhe um kilometro por cada dez que faz transportado. O exercicio e o ar livre são essenciaes para a saúde. O anterior exige disciplina e dominio de si mesmo, cousas que não são faceis para os ricos.

4.º — Evite o luxo e a ostentação. Ambos são vulgares e fastidiosos. Conduzem ao aborrecimento. Agradeça á riqueza que lhe proporcionou o prazer das viajens. Nestes tempos modernos, é o luxo mais justificado que póde proporcionar a fortuna.

5.º — Seja generoso, em espirito e em actos. Dê com frequencia e habitualmente. Com sabedoria, si possivel. Mas, embora lhe falte discernimento e ajude alguma vez a quem não o merece, continue dando.

6.º — *Trabalhe!* Não pense que a riqueza lhe dá direito á ociosidade. Proporciona-lhe poder. Mas é um poder que se deve exercitar.

7.º — Viva alegre e afanosamente. Mas que seu interesse e seu enthusiasmo se dedique a alguma cousa util.

8.º — Sirva a seus amigos e seja amigo dos que o servem.

9.º — Tenha consideração para os sentimentos dos outros. Esta é uma das virtudes que deve cultivar particularmente o homem rico. A falta della priva de calor e alegria a vida.

10.º — Cultive o sentido do humorismo e o da proporção. Ria-se de si mesmo o mais frequentemente que possa e ria particularmente de sua riqueza. Lembre-se que sua fortuna é, provavelmente, maior que seus meritos.

A QUEM É POBRE

1.º — Procure, tambem, a paz do espirito. Não olhe á escassez como uma carga nem como um obstaculo. Lembre-se que as cousas mais elevadas da vida não têm preço.

2.º — Cuide de sua saúde. Exercicio, ar livre, sol, alimentos simples fructa.... Tudo isso está a seu alcance.

3.º — Case-se mais cêdo que tarde. A excessiva cautela faz com que se percam as primeiras flores da felicidade conjugal. A juventude, o amor e a coragem andam sempre juntos.

4º. — Aprecie a camaradagem dos sêres que o rodeiam e que lhe são queridos. Lucte contra essa faltafalta demasiado commum, de considerar as amizades preciosas da vida como alguma cousa sem valor.

5.º — Não pense muito na insignificancia de seu capital. Póde estar certo de que elle seria uma fortuna para milhares de outros mais desgraçados.

6.º — Procure sempre pagar suas contas. Viver cheio de dividas é miseravel, como Dickens o demonstrou uma vez.

7.º — Em seu trabalho recorde que, á larga, o estudo intelligente e a perfeição obtêm recompensa.

8º. — Aprenda bem seu trabalho ou e tambem algo da industria ou negocio geral de que aquelle faz parte. O ser muito competente é um dos aspectos da felicidade.

9.º — Si seu trabalho é difficil e tem você preoccupações em seus negocios, limite-os ás horas de escriptorio. O poder de libertar o espirito é indispensavel, si se quer desfructar do descanso, do recreio e da vida social.

10.º — Nunca pergunte a si mesmo: "Sou feliz?". Não pense nisso. Trabalhe, divirta-se, ame seus amigos e faça tudo o melhor que possa com enthusiasmo.

11.º — Por mais pobre que seja, nunca se rebaixe a ninguem. Tenha em conta aquella maxima que diz: "Nem por rico te realces, nem por pobre te rebaixes".

12º. — Affronte com inteireza as adversidades da vida. A lucta é a lei de nossa existencia, e aquelle que sabe sobreleval-a, é o que, afinal, triumpha.

13.º — Si, em meio de sua pobreza, lhe fôr possivel dar, não vacille em ajudar aquelle que o necessita.

EM MONTECARLO

Por MAURICIO MAETERLINCK

ABOLIR o valor do dinheiro e substituil-o por um ideal mais elevado seria uma admiravel façanha. Mas abolil-o e deixar em seu logar simplesmente nada, isto é, em minha opinião, um dos crimes mais graves que se pódem commetter contra nosso plano de evolução. Si o consideramos de certo ponto de vista, e si o purificamos de seus vicios incidentaes, o dinheiro é em sua essencia um symbolo bastante digno: representa o esforço e o trabalho humanos; é, na maior parte dos casos, o fructo de louvaveis sacrificios e de nobres tarefas. No emtanto, aqui, este symbolo, um dos ultimos que nos restavam, se vê exposto todos os dias ao escarneo publico. De repente, pelo capricho de uma cousa tão insignificante como um brinquedo de menino, dez annos de luta, de pensamento consciente, de trabalhos pacientemente supportados, perdem toda a importancia.

Si este horrivel phenomeno não estivesse isolado aqui, sobre esta roca não havia organização social que não tivesse succumbido ao mal que emana delle. Ainda assim, em seu isolamento de leproso, esta influencia devastadora se faz sentir a uma distancia que nunca se poderia prever. Tão inevitavel, tão malevola influencia e tão profunda é, em nosso sentir, esta influencia, que, quando sahimos deste maldito palacio, onde o ouro bate incessantemente contra a consciencia humana, nos maravilhamos de que a vida diaria siga seu curso; de que haja jardineiros pacientes que queiram cultivar os quadros de flores deante do fatal edificio; de que possam encontrar-se miseraveis guardas que vigilem, por um salario infimo, ridiculos edificios e suas adjacencias, e de que haja uma pobre velha, ao pé da escadaria de marmore, em meio do fluxo e refluxo dos jogadores afortunados ou arruinados, que persiste, ha annos, em ganhar afanosamente a vida, vendendo, por preços insignificantes, laranjas, amendoas, nozes e phosphoros aos transeuntes.

O JOVEN LEÃO

De AFFONSO ALLAIS

NAQUELLE tempo, os desertos da Libia não eram frequentados como actualmente. A principal industria do paiz, ou seja a criação do leão em liberdade, dava optimos resultados. Os leões pululavam, e, por assim dizer, bastava agachar-se para apanhal-os.

Era por isso que os romanos aprisionavam muitos desses reis dos animaes, de que se utilizavam depois para os jogos de circo.

Um joven leão, de bello aspecto, vivia feliz naquelle deserto. A caça era para elle uma diversão e ao mesmo tempo uma obrigação. Na estação propicia fundava provisionalmente uma familia, e quando havia mais ou menos criado seus leõezinhos, os plantava, e corria a outra aventura.

Uma noite, quando passeava com aquella affectada despreoccupação e com aquelle não sei que de pretencioso que se nota em quasi todos os animaes, cahiu de repente em uma fossa, que para o caso resultou não ser outra cousa sinão uma armadilha para leões. Surgiram, então, de entre o mattagal circumdante, muitos homens armados, os quaes improvisaram uma jaula com páos que já tinham promptos. E naquella jaula improvisada o leão se precipitou furibundo, mas satisfeito.

Durante semanas e mezes andou peregrinando dentro da jaula, de uma cidade á outra, sendo exhibido ao publico como uma curiosidade.

E quanto mais durava a viajem, tanto mais cresciam as crueldades dos guardas para o pobre animal. Deixavam-no em jejum dias inteiros, furavam-no com ferros candentes, perseguiam-no sem descanso, e, além disso, periodicamente lhe cortavam as unhas.

Por ultimo, nosso pobre leão chegou á Italia com seus cuidadores, e os guardas do imperador o tomaram a seu cargo. Foi, então, encerrado em uma especie de cova escura, onde o deixaram mais ou menos em jejum, e então começou elle a pensar: "Que outra atrocidade me prepararão?"

Aniquilado pelos soffrimentos, pela fome e pela sêde, e ainda pelo aborrecimento, o pobre animal reflectia sobre as cousas do mundo como um sabio profundamente amargurado, mas comtudo, magnanimo.

Um dia, quando se julgou que o leão já estava prompto, vieram abrir-lhe a jaula, e a golpes de tridente o obrigaram a sahir para outra jaula montada sobre rodas. No humbral parou, e o que viu o teria feito disparar horrorizado, si seus carcereiros não houvessem tomado a precaução de fechar a grade atraz delle.

No meio do amphitheatro, um grupo de seres languidos, andrajosos, terriveis, estava amontoado, esperando sua apparição com ar ameaçador. E levantavam os punhos com gesto de desafio. Assustadissimo, o joven leão pensou:

— Maldição! Deram-me de pasto a estes famintos!

E com heroica resignação se extendeu sobre o flanco, e esperou a morte...

A ESMOLA

IAM tres virgens a caminho da feira, onde valioso premio seria dado á formosa que mais lindas mãos mostrasse.

Uma dellas chegou a um bosquezinho de flores silvestres, cujas nacaradas corolas deixavam que brisas e aves lhes roubassem a fragrante essencia. E foi tocando, uma a uma, as perfumadas flores, que deixavam em suas delicadas mãos as essenciaes finissimas de suas petalas de neve e de seus calices.

Tropeçou a outra com o fio de prata de um arroio que murmuro corria, lavando tapetes de violetas. Nas aguas crystallinas e em balsamadas, ella banhou suas bellas mãos, que dali sahiram ainda mais encantadoras e mais preciosas.

Timida e modesta, a terceira vacillava em pedir, como suas rivaes, a flores e fontes o segredo da belleza, quando lhe embargou os passos andrajoso mendigo, que implorou della *uma esmola pelo amor de Deus*.

Tirou a casta joven de sua carteira uma moeda e deu-a ao mendigo, que, recebendo-a, beijou a mão bemfazeja, deixando cahir nella uma lagrima.

Aquella lagrima se transformou em perola, a perola se fez iris e o iris esmaltou de luzes celestiaes a mão da formosa virgem.

Nem a que se ungiu com a essencia das flores silvestres, nem a que se banhou na fonte de violetas conquistaram o rico diadema offerecido na feira á mais pura e bella mão.

Por sobre todas ellas, brilhou com formosura singular a mão que havia embellecido e purificado a lagrima do pobre.

N. BOLET Y PERAZA.

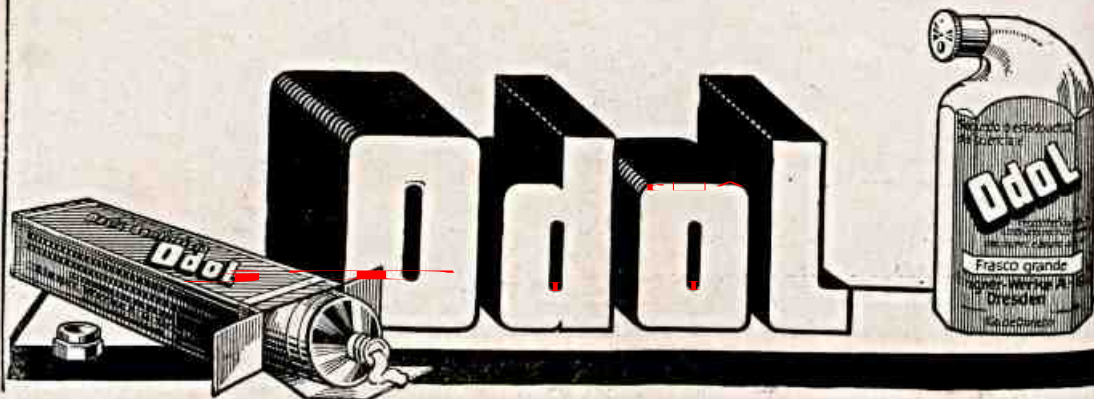
Para se ter dentes bonitos, basta usar liquido "Odol" com "Odol" pasta.

O *liquido Odol* penetra em todos os intersticios dos dentes, embebe de substancias desinfectantes os residuos ahi retidos, impedindo a sua decomposição e deste modo combate a causa da carie.

A *pasta "Odol"* torna os dentes alvos, sem atacar o esmalte e impede a formação das pedras (tartaro).

ANNO XXIII

FON-FON

NUMERO 12

SERGIO SILVA, Director.

Rio de Janeiro, 23 de Março de 1929.

Chronica de um banhista de Copacabana

Por

Martins Capistrano

O mar está alli perto, cantando pela voz de suas ondas. Um mar agitado como as paixões humanas. Tambem ha tantas nereidas e tritões no seu leito espumante... Depois de uma noite de calor escaldante, a brisa de Copacabana entra-me pela janella, e eu espio o sol de ouro que brilha lá fóra, cahindo esplendoroso sobre aquellas arvores isoladas que dão sombra á minha casa.

Visto-me de tritão (que, em Copacabana, se chama banhista...) e desço a escada que me leva á porta da rua. Sáio. Vou ao meu banho matinal no posto 4.

Até já tenho que caminhar dois quarteirões da minha rua e mais dois ou tres de uma outra rua de não sei quem. Uma rua que vae dar á praia. A' grande praia de Copacabana. Avenida Atlantica! Nove horas da manhã. O verão scintilla neste sol que me queima e naquellas vagas que me vão banhar. Scintilla, tambem, naquelles rostos bronzeados de mulher e naquelles olhos inquietos, curiosos, que acompanham os movimentos acanhados do novo banhista que chega, para a estação elegante. E eu me sinto importante observado por uns olhos tão lindos, pertencentes a um tão lindo corpo feminino...

Fico na areia longo tempo, alvo de curiosidades mais ou menos... trocistas. Minha cára suspeitosa tráe logo a minha condição de estreante... Copacabana é moqueuse... Moqueuse como as suas nereidas de verão.

Daqui, porém, desconfiado mesmo e ironizado talvez, eu gozo o meu pedaço. Vejo, por exemplo, aquella velha alta, de carnes alentadas, que acaba de entrar nagua... para um banho de areia... Pintada e feia, até o mar fóge della. Tanto fóge, que vae parar perto de mim, na sua carreira louca... O homem que a acompanha (marido, pae, filho ou irmão, não importa) é um hilariante contraste deante da sua figura grotesca. Magro. Baixo. Ainda moço. Tem apenas uma semelhança com a velha: é feio tambem. Feio como um tubarão. Nesse caso, a velha é a baleia...

Copacabana tem typos assim. Mas tão raros, que se destacam no meio dos outros banhistas.

Já vi muita scena pittoresca. Já vi muitas mulheres bonitas. Cousa que não falta aqui, nesta praia fulgurante e numa radiosa manhã como esta. Tambem aqui não faltam extravagancias bizarras, que fazem a gente pensar que a humanidade é maluca. E', por exemplo, chic, nesta deliciosa Copacabana, torrar a epiderme, ao sol da praia, para escurecêl-a... De modo que as banhistas que se prezam de ser elegantes quasi sempre abandonam as barraquinhas e vão para a areia banhada de sol, onde ficam longamente recebendo a caricia quente de uns raios que são como pinceis de fogo. E' um martyrio que ellas supportam heroica e pacientemente, porque a moda da cutis côr de bronze assim o exige. Embora depois, em casa, appellem para o talco, que lhes suavizará os ardores das queimaduras voluntarias...

Entro no mar. Fico tonto. *Mad-lots*. Labios vermelhos. Decotes. Seios palpitantes. Olhos de todas as côres. Sorrisos de todos os feitios. Tudo eu vejo aqui, com este sol e este mar. Até joias, santo Deus! Uma feira de elegancia e de belleza. Tanta cousa para nos seduzir!

Tomo o meu banho, ligeiro, e volto para casa. Volto pensando nos encantos de Copacabana, e naquelles olhinhos inquietos, que me observavam curiosamente, seductoramente, da sua pequena barraca amarella...

EM sessão solemne realizada sob a presidencia do sr. ministro da Justiça, dr. Vianna do Castello, collaram grão, na tarde de sexta-feira penultima, os novos engenheiros architectos laureados pela Escola Nacional de Bellas Artes. A cerimonia teve tambem a presença do dr. Aloysio de Castro, director geral do Departamento Nacional do Ensino, e de outras figuras de destaque na administração do paiz.

CINZAS...

Uma fita verde com letras de ouro. Recordação da infancia.

Lembro-me bem. Foi na epoca da Exposição Nacional de 1908, na Praia Vermelha. Era eu muito pequeno. Na viagem de barca vi, pela primeira vez, um bando de meninas lindas, vestidas de branco com uma fita verde de letras douradas a tiracollo. Uma dellas, miudinha, linda como um anjo, feriu-me a attenção. Eram alumnas das escolas publicas que iam á Exposição, incorporadas.

Senti por essa criança uma inclinação irresistivel.

Si as crianças pudessem amar, eu diria que foi esse o meu primeiro amôr.

E não poderia ter sido um amôr todo candura, todo innocencia? Eu soffria. Por que não amava?

E eu era tão criança... Ainda acreditava que os bebés vinham do céo numa cestinha...

Mais tarde, matriculei-me numa escola mixta.

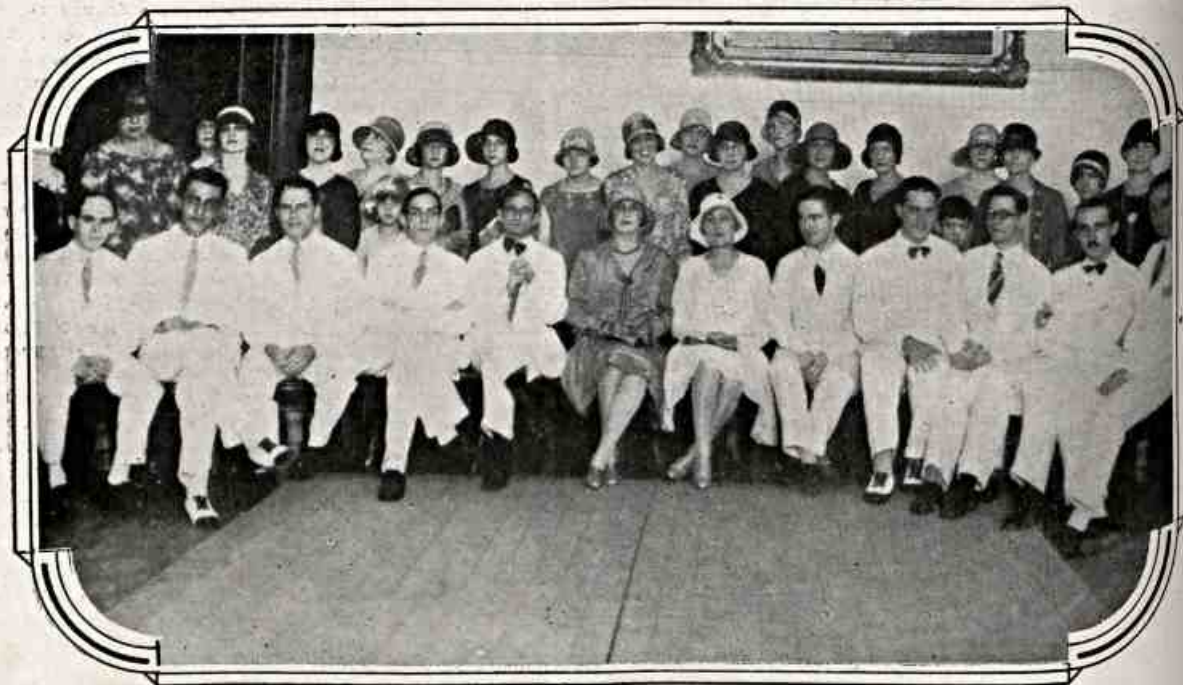
No fim do anno, na festa de encerramento, os alumnos compareciam de branco com a faixa, as meninas, e o laço, os meninos.

Eu era pobre. A custo consegui com minha mamãe o meu terno branco e o meu laço de fita verde com letras de ouro.

E sentia, em vendo as meninas de faixa verde, uma saudade immensa, uma dôr profunda. Saudade daquelle anjo que vira na barca, magua de não tornar a vêl-a.

Guardei o meu laço verde.

Nunca a elle se veio juntar uma faixa tambem verde e tambem de letras de ouro...

MATTOS ALÉM.

Os novos engenheiros-architectos da Escola de Bellas Artes mandaram celebrar uma missa em acção de graças pela terminação de seu curso. Esse acto religioso realizou-se, sexta-feira pela manhã, na egreja da Candelaria, onde foi tomado o grupo acima.

— A FALTA DE ESPIRITO DE — OPPORTUNIDADE E O RIDICULO

A falta de espirito de opportunidade é uma fonte abundante não só de prejuizos e contrariedades como, tambem, de ridiculo.

Quem num ambiente de intensa e irradiante alegria fala sobre assumptos graves ou funebres — torna-se ridiculo.

Viceversa — quem numa atmosphera de profunda consternação fala sobre assumptos jocósos torna-se, igualmente, ridiculo.

Quem num frénetico meio de negócios, de transacções monetarias, como por exemplo a Bolsa, põe-se a tratar de assumptos artisticos, religiosos ou mysticos — cerca-se, inevitavelmente, de ridiculo.

Contrariamente, quem num salón, numa exposição de bellas-artes ou num templo religioso — discute questões de cambio, cotações de titulos — incide, evidentemente, no mesmo ridiculo.

Quem, numa roda inculta, põe-se a falar sobre themas scientificos, literarios ou philosophicos — cae no ridiculo.

Aquelle que, encontrando um amigo apressado, se lhe propõe contar comprida historia — é além de inconveniente, prejudicial-ridiculo.

O reporter, o noticiarista que em logar de entrar, logo, na narração do facto acontecido, se põe a, romanticamente, divagar sobre elle — é ridiculo. (Neste caso a causa do ridiculo é, apenas, subjectiva, oriunda do bom senso; porque, no Brasil, já estamos, objectivamente, acostumados ás divagações dos noticiaristas).

Quem numa occasião de extrema gravidade, como, por exemplo, um caso de morte, um desastre, em pessoa da familia — se preoccupa com frivolidades — não é, apenas, leviano, indifferente ou desiquilibrado — é, tambem, ridiculo.

Como estes — muitos outros exemplos de falta de espirito de opportunidade, causador do ridiculo, poderiamos citar.

Por que todos esses factos figurados produzem ridiculo? Elles o produzem porque vão de encontro a habitos, costumes, longamente estabelecidos; e porque chocam, estão em desharmonia com as conveniencias, dictadas pelo bom senso.

Gastão Franca Amaral.

Nos salões da Escola de Bellas Artes realizou-se, sexta-feira penultima, o baile com que os novos architectos festejaram a sua formatura.

Foi uma reunião mundana de grande esplendor, pelas figuras femininas que lhe deram uma nota de alegria e encanto.

FILIGRANAS

Noticias do Ceará dizem que na cidade do [illegible]y, inexplicavelmente, o cabello duma senhora, após o banho, empedrou... E' estupendo! O cabello virou pedra e nenhum medico póde explicar o estranho phenomeno.

Não sei si o facto será verdadeiro ou *bluff* de noticiarista engraçado. Diz, porém, este que a referida senhora ainda usava cabellos compridos.

Estão vendo? Essas coisas sempre acontecem com quem vive fóra da moda. E é da Biblia. A mulher de Loth petrificou-se em estatua por olhar para traz. Esse cabello virou pedra porque estava voltado para o passado...

IMPRENSA FLUMINENSE

"O ESTADO"

Os nossos collegas d'"O Estado" de Nictheroy, festejaram, domingo passado, com uma edição especial, de cerca de quarenta paginas, o decimo anno de existencia desse brilhante orgão da imprensa fluminense.

"O Estado" é um jornal de prestigio, conquistado brilhantemente em dez annos de lucta, que representam dez annos de victoria nas lides da imprensa. Tem, hoje, como director, o brilhante jornalista Mario Alves, nome de grande destaque na imprensa fluminense.

RENDEIRA

A Consuelo Pinheiro

Mãos de nortista
Feitas de flôr e de romãs. Pequenas,
Pequeninas mãos gentis, cheias de afago,
E que traduzem pela côr morena
Do mel mais roseo e perfumado bago.

Eil-as, inda uma vez, graceis junto á almofada —
Rendas tecendo e os bilros meneiando,
Trocando um, trocando outro,
Num sonoro ruflar de castanholas.

Eil-as inda uma vez — tecendo a renda,
Renda tão leve que fluctúa ao vento...
Como eu as vejo no meu pensamento
Urdindo a trama delicada, prenda
De um noivado de fadas e de sonhos...

Mãos de mulher, mãos de rendeira,
Mãos de nortista
Feitas de flôr e de romãs. Pequenas
Mãos e que traduzem pela côr morena
Toda a volúpia do melhor carinho.

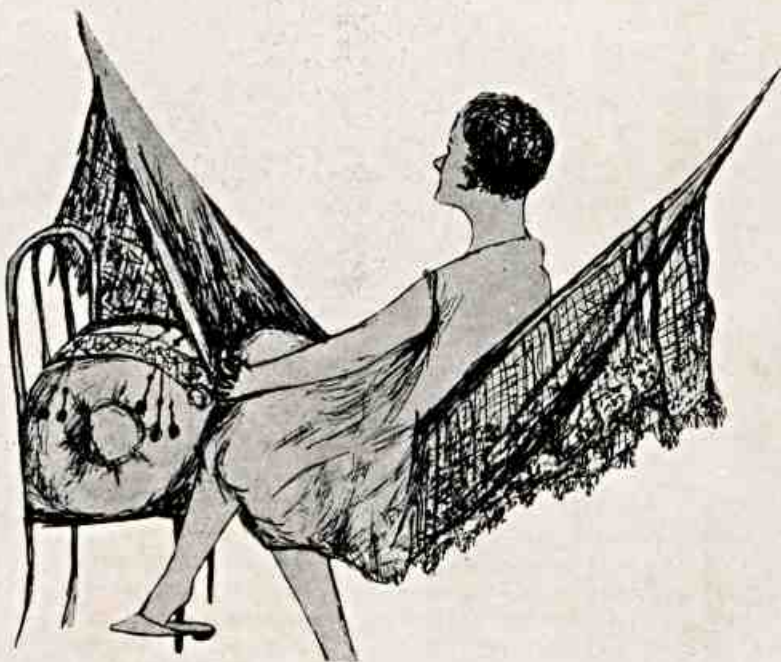
Tecei! Tecei! — de lado a lado,
E na linha que vae e na linha que vem,
Na laçada, no ponto, no entremeio,
Bordae a graça que esses dedos têm...

....

... E qual de todos nós, sorrindo á adolescencia,
Num dia azul, a alma a surprehender,
Não sentiu junto a si as mãos da rendeira encantada,
Para os sonhos da vida e as illusões tecer?...

Tece feliz rendeirazinha!
E na linha que vae e na linha que vem —
Mãos de mulher, mãos de nortista,
Deixae a graça que esses dedos têm.

Que um dia — quando já fores bem velhinha,
Mãos de benção, rezando em ladainha
Teu rosario de magua e de saudade:
As tuas rendas, as tuas lindas rendas já esgarçadas
Como os sonhos perdidos pelo além —
Não mais hão de lembrar de tuas mãos pequenas
O encanto e a graça que esses dedos têm.

C. PAULA BARROS

EVA E VANIDADE

BOM HUMOR

Há dias em que a nossa alma acorda como que contundida pelos entrechoques do destino. Toda ella é uma grande dôr silenciosa. Ou si quizerem — é uma grande dôr indefinivel, porque feita de todas as outras dôres.

E curioso é que si nos detivermos a examinal-a, como quem inspecciona um brilhante de pura agua, poderemos distinguir onde ella é mais sensivel, onde a nossa dôr é mais profunda, — a dôr que é uma especie de jaça...

Talvez por isso é que posso localizar o ponto mais dolorido da minha alma... Sim... Eu hoje tenho, entre as minhas grandes dôres secretas, uma que é de facto mais intensa e mais agradavel de soffer.

Não se diga que não ha dôres bôas e más. As minhas são bôas, porque me deixam n'um estado de perfeita attonia; de um extasi fakirico, que tem de uma abstracção muito doce, a essa dolencia sentimental dos romanticos, que é bem uma ternura vaga e neutra.

Comprehende-se que esse sentir complexo e pouco perceptivel, á massa vulgar dos indifferentes, é feito para ser contido no fundo da nossa alma, de modo que ninguem o veja nem presinta.

"As grandes dôres são mudas", diz o proverbio.

E mudas são, assim, na verdade, essas pequenas dorês que trago dentro de mim. Mudas e discretas. Mais que isto — obscuras.

Por que? alguem indagará. Valerá a pena dizer a razão?

SOCIEDADE CARIOCA

Senhora Maria Luiza Vernet, distincta figura da sociedade carioca.

Não sei... Mas a resposta que poderia dar, todos os que amam — ou amaram — adivinham: essas pequenas dôres secretas, que florescem num recanto da minha alma, como bluets num trecho sombrio de floresta — essas pequenas dôres são todas do meu amor. Do meu amor que sempre falhou no seu destino de felicidade e belleza.

Marivaux, o elegante Marivaux, das phrases lapidares, sustentava que um amor só termina depressa, quando se sente satisfeito de tudo.

"De toutes les façons de faire cesser l'amour — la plus sure est de le satisfaire", dizia o fino ourives de phrases galantes.

Julio Dantas, que é outro homem encantado, com a vida e o amor — e as mulheres que são o encanto do amor e da vida — tem o famoso conceito que todos conhecem e repetem: "A conquista é quasi tudo, o resto quasi nada."

De onde se conclue — segundo a opinião desses dois mestres do coração humano — que o amor, para ser grande e bello, deve alimentar-se da propria insatisfação. (Como vêem, elles me forçam a paradoxos sediços...)

Deve haver, portanto, uma alegria bizarra, e um consolo ainda mais bizarro, nesse continuo padecimento de amor, que tem por causa a sua insaciabilidade. Ou antes, o seu desejar voraz e insatisfeito.

Tudo isso é muito bonito, não ha duvida. Tudo isso chega a ser muito impressionante. Commove e dá o que pensar, aos que soffrem e mesmo aos que não soffrem. Até não ficaria mal, neste periodo, a desolação interrogativa destes versos de soffrimento e amargura:

Tengo un ansia profunda
[de saber en qué dia
se apagarán mis sueños,
[mi amor, mi fantasia...

Mas a verdade é que não tenho amores. E nem soffro. Nem penso nisso. E até devo accrescentar que não acordei com a alma contundida: acordei muito satisfeito. Muito alegre. Muito cheio de enthusiasmo pela vida...

OS HOMENS... AS MULHERES — Nós homens, quasi sem excepção, temos a mania de conhecer a mulher. Ha mesmo quem as ame, unicamente por sport — para fazer-lhes a psychologia.

Idiotas que todos nós nos revelamos.

A mulher é como certos labyrinthos. E' um verdadeiro circulo vicioso: quando a gente pensa que chegou ao fim do seu estudo, que chegou a penetrar-lhe a alma, percebe que está no começo, que ainda está no *alpha* da sua analyse.

A mulher, sendo variavel como os ventos, é egual, una, uniforme, como uma linha recta. Por ahi se pode vêr de que absurdos a sua alma é feita. Para os nossos olhos, é bem a miragem que fascina os beduinos do Sahara. De longe, ella nos encanta e seduz com o mysterio que representa; de perto, dá-nos a vêr o erro em que caíramos: ella nada tem que encantar, que observar, que aprofundar.

Tudo nella é illusão, é mentira, é incongruencia. E de todos os absurdos que lhes pudemos attribuir, sem duvida o mais impressionante é justamente este: ser complicada de mais, por simples e vulgar que é, de facto.

Gostaria de dizer cousas terriveis da mulher. E' uma doce volupia do meu espirito. Dizendo mal della, faço a festa de alegria e vingança do meu coração de homem, que só tem padecido nas mãos dessas pequenas viboras de labios pintados e vestido de rabona (segundo a actual moda de Paris).

Contento-me com referir que a mythologia grega attribue as coisas mais terriveis, mais dramaticas, e os symbolos mais impressionantes, ás filhas de Eva e Adão: Medusa, a hydra de Lerna; Io, que foi transformada em bezerra; Pandora, a imprudente causadora de todos os males que ha sobre a terra...

De uma coisa fiquemos capacitados: nunca haveremos de comprehendel-as.

No emtanto, eu sei de amigos que fogem dellas com medo de ser illudidos.

Tolos que são!

E' preciso meditar nas palavras de Stendhal, para quem a maior das imbecilidades do homem era deixar de amar, receiando o ludibrio feminino.

Por que essa precaução? E' facil pagar-lhes com a mesma moeda.

Um desses meus amigos dizia-me ha pouco tempo, a proposito de uma decepção que tivera:

— Fujo das Evas. E fujo para poder observal-as de longe.

— Qual a vantagem dessa tactica?

— Conhecel-as melhor. E não me enganar quanto á alma da que escolher para esposa.

Tempos depois, eu vinha a saber do arrependimento do meu amigo, que tanto estudava o coração feminino: é que elle fôra burlado pela mulher que esposara.

Deplorei-o. Elle acceitou os meus pesames.

— Sim, fui infeliz. E qual o teu processo para conhecel-as?

— Nenhum!

— Nenhum? — admirou-se elle.

— Não desejo conhecel-as. Não estudo nenhuma para conhecer a todas. E amo a todas, para não ser enganado por nenhuma. O engano só existe quando tambem não as enganamos...

ESTRELLINHAS — Antigamente o meu enthusiasmo era assoberbante — quando pensava em ti, e a minha penna corria sobre o papel, traçando as letras expressivas do teu nome.

Hoje, porém, eu o silencio como quem guarda um segredo, pois eu sei que tu não és mais aquella creatura amavel e sincera, que dizia haver nascido para a festa feliz do meu amor...

Sim... Tu não me amas. O que te faz pensar em mim, é apenas aquelle habito em que ficamos de amar, quando o amor é longo e nos fez soffrer longamente.

E' comum este absurdo no coração dos que amam: habituar-se ao proprio soffrimento.

Sim, nós nos habituamos a soffrer por alguem. De modo que, quando o amor já não nos dá ensejo de ser feliz, não nos dá mais enthusiasmo, nem representa mais aquelle mundo cheio de maravilhas e encantos, que resumia em si, fica ao menos, em nosso coração, o gosto amargo de soffrer pelo que foi nosso amor.

Ahi está!

Hoje tu te lembras de mim, porque te ficou o habito de soffrer.

Mas como soffrer, para as mulheres, é um sport muito interessante, eu creio bem que o teu soffrimento é já uma doida alegria de ser triste, de pensar em realizar aquillo que só a imaginação realiza.

Ah! como tu estás differente daquella que eras ha quatro annos!

E dizer que me illudiste durante tão longo prazo de tempo.

E' levar longe, muito longe, o satanico prazer de zombar, de fingir, de mentir, de fazer n'um affecto que não existe!

Conheces aquelle conceito de Balzac, segundo o qual "em amor o que a mulher toma por desgosto, é simplesmente o vêr claro as coisas que a rodeam"? E mais ainda: "En fait de sentiment français — diz o psychologo — elle n'est jamais, sur tout la jeune fille, le vrai".

E' o teu caso. E' o teu caso, ó creatura fingida. Fingida e cruel — porque faz soffrer, dizendo que padece uma pequena dôr imaginaria.

Incoherencias? Talvez... Mas quem não é incoherente, quando discute a alma feminina?

O sol do verão faz ironia com os rostinhos bonitos: torna-os carrancudos...

BLAGUE — E' sabido que não ha mulher que tenha a coragem de confessar a sua idade. Todas ellas diminuem, pelo menos, quinze e vinte annos. Quando ella diz: "Tenho vinte annos", é porque já anda pelos trinta e cinco.

E' fatal.

Até hoje é considerada falta de educação, a inconveniancia de certos cavalheiros (sim, porque mulher não fala na idade de outra — nem na della) se referirem aos annos de uma filha de Eva.

De sorte que é esse um assumpto que deve ser evitado, com habilidade, por uns e outros. Mas ás vezes não se conseguem, facilmente, contornar essas difficuldades. Dahi os embaraços decorrentes.

Ha dias, n'uma roda falou-se no rompimento de dois noivos.

Cada um dos presentes teve uma palavra sobre o caso.

Diziam que a moça era leviana. Não merecia o nome do rapaz, que era distincto. Outro protestava. Que não! Ella era um modelo de

virtudes. Fôra educada por processos rigidos de moral. Outra fez ainda um comentario satisfatorio, á victima de tanta lingua ferina.

Afinal uma voz se levantou, com o estrondo de quem não admittia replicas:

— Fiquem sabendo que Fulano fez bem em romper com ella.

— Por que?

— E' uma leviana.

— Não é possivel. E' uma moça bem comportada, correcta, digna.

— E' leviana, garanto, — affirmou a voz estrondeante. Ella já teve muitos "flirts". E um delles foi escandaloso.

Silencio. Pasmo. *Gaucherie* em toda a roda. O homem da voz estrondeante pigarreou. Todos esperaram o resto.

E elle, victorioso:

— Ella teve, sim, um "flirt" escandaloso. No Paraiso...

Ninguem o entendeu.

— No Paraiso? — indagou uma melindrosa.

Antes acompanhada de um lindo sorriso do que só...

Displicencia e abstracção...

E o homem, da voz que não admittia replicas:

— Sim, no Paraiso Terrestre... Com Adão...

ZI-ZAG — Mas a voz póde agradar e, no emtanto...

— A pessôa ser detestavel; não é?

— E' claro. Geralmente é uma decepção que se recebe, quando se conhece a dona de uma voz sonora e cantante.

— Igual á minha?

— Exactamente. Não posso dizer que não. Si eu a não conheço...

....

Esse dialogo é commum pelo telephone.

A's vezes, a voz é dessas que embalam como uma *berceuse*. No emtanto, quando se vae vêr a creatura que a possúe, a decepção é dolorosa...

Ha dias, alguem me falou ao telephone. Discorrendo sobre arte, sobre as cousas bellas da vida, a alma de mulher que a possuia, me

dava a impressão de ser uma creatura divina.

E talvez houvesse razão para pensar no episodio de Cyrano, Christiano e Roxane.

A fealdade physica inspirando palavras de belleza á mediocridade formosa...

Que pensar?

Pudessem as mulheres imaginar a curiosidade, a ansia, o interesse que despertam, através o fio de um telephone, toda vez que dos seus labios sáe alguma idéa de belleza...

A proposito das mulheres que dão *trote*, que têm espirito e fógem de se dar a conhecer, um dos meus amigos me dizia: "São feias! São anti-diluvianas!"

— E as que não tem espirito e não apparecem?

— Não é facil. Porque, na generalidade dos casos, as que não têm espirito são lindas. E quando uma mulher sabe que é linda...

— Que faz ella?

— Não se esconde por traz de muralhas intransponiveis.

E terminou:

— Confiam na propria seducção...

RÊVERIE — Ah! creatura linda que não conheço! Quem déra que viesses hoje a esta solidão em que me abandono!

E' tarde. Tarde agonizante. Uma tarde branca, que desmaia no leito de purpura do poente.

De um lado do céo, a tinta que o nuança e côr de lilaz de outro é cobalto.

Aqui, a meus pés, nesta praia deserta e socegada, o mar alonga a sua voz soturna de quem se queixa sem cessar. Céo triste e mar soluçante.

Gosto de quadro hieratico...

Neste silencio, eu posso romantizar a vida. A vida que é estupida e material — como todas as coisas grosseiras...

Pois bem, imagina que estivesses aqui, nesta ho

ra em que as coisas ganham aspectos ingenuos e a luz é como um soluço do sol, sobre a tarde branca e morta, no seu leito de purpura...

Penso em ti, ó desconhecida linda!

Teu pequeno nome de deusa é como as quatro cordas de um violino: quando o ouço, quando o murmuro, tenho a impressão de ouvir uma dolente "rêverie", uma sonata lyrica de Liszt...

Ah! si estivesses aqui, nesta hora de suavidades fugitivas, sob este céo de apotheose e neste recanto de praia!

CLARO-ESCURO — De Yves — E' noite. Aqui na redacção a sombra se estende longamente, em quanto as azas macias do biente morno e triste. Sobre a minha banca, ar-

silencio palpitam no ambiente de uma lampada accesa, como uma vigilia votiva.

Estou só. Sózinho com a minha saudade. E' ella a unica companheira que tenho nesta sala deserta, esta sala de letras, e que é, ao mesmo tempo, o nosso laboratorio de sonho...

Sim, é aqui, nesta sala tranquilla, onde preparamos a chimica de tudo quanto o nosso espirito sonha, neste vasto mundo de aspirações impossiveis, que é o mundo dos homens de pensamento...

O halo de luz que limita o clarão dourado e macio, nesta sombra longa e espessa, — sombra de uma noite romantica, é, agora, o pequeno mundo do meu sonho, o mundo onde o meu espirito repousa, uma perfeita communhão de affecto com o teu.

Sim, minha amiga, amiga dos olhos de côr de ferrugem... A's vezes, eu me revolto contra o destino que te fez injusta e cruel... Mas quando me lembro de ti, uma saudade invencivel domina o meu coração machucado. E esta saudade não é senão o teu espirito ardente e luminoso.

Comprehendes por que este circulo de luz, recortado no veludo da sombra, limita o mundo em que o meu espirito repousa junto ao teu?

FARPAS — Victor Hugo falando da mulher — da mulher joven — (elle não gostava das solteironas) escreveu palavras de enthusiasmo e madrigal.

"Deus concedeu o aroma ás flores. A rosa que emmurchece sobre o vosso seio — diz o genio de "Notre Dame de Paris", referindo-se á "jeune fille", do seu tempo — não exhalaria esse perfume divino que, como o incenso divino, sobe até o vosso lindo rosto — si a sua haste, da agua, do ar, da verdura e de toda a creação não tomasse algum elemento; si, por algum ponto, não se houvesse submergido no seio mysterioso da terra.

E continua na sua exaltação de poeta a glorificar a flor, como sendo uma das mais perfeitas obras do Creador.

Ella é um pequeno poema da natureza. Com a sua coloração, a sua forma, o seu perfume ella participa de todas as obras-primas do Universo.

Ella se apropriou, por meio de um trabalho lento, cujo secreto mecanismo só Deus conhece, —

ella se apropriou da frescura do regato que corre, da claridade e da luz do dia, do sôpro do que flúe, do que vegeta ou se arrasta pelo solo; do espirito que vive na obscuridade subterranea, — fumo, onda, vapor, — apropriou-se a flor de algo de tudo isso. E para que? para ser bella; para que o seu perfume — a sua alma — falasse ao coração da joven..."

Bem se vê que Victor Hugo escreveu n'um tempo em que não havia melindrosas, foot-ball, "foxs", artistas de cinema, "jazz-bands"...

Que decepção não teria o mestre do romantismo si pudesse resuscitar — e privar, meia hora, com as jovens de hoje, os expoentes do melindrosismo, avessas a todas as manifestações de arte e de belleza!

O ENCONTRO

"E' ella! E ha quanto tempo não n'a via!
Ha quanto tempo! E tão mudada
está, tão differente, tão esquiva..."
E sem n'a desfitar, elle comsigo diz.
"Parece velhinha tremula e curvada,
a bôa amiga que me fez feliz."

"Elle, meu Deus, como está velho!
Ninguem diria que já foi rapaz",
dominando a emoção, ella pensava,
emquanto conversava,
sem olhar para traz.
Emfim,
sempre a idade nos faz romanticos assim.

Mas a vida é atroz. Não foi elle quem quiz.
E assim, depois de tantos annos
de desconfortos quotidianos,
mesmo o que o fez soffrer hoje bemdiz.
E recorda outra vez o seu nome querido,
sentindo o travo dolorido
dos arrufos, — razão de ser feliz.

E elle ficou immovel, retirado,
sem ter coragem para lhe falar.
Estava tudo mudado!
Mas em tanta mudança não mudara
a ternura daquella voz tão clara
que jamais se cansara de escutar.

OSCAR MARIA MAGALHÃES.

UM lindo chapéo n'uma linda cabeça é uma nota de bom gosto e de elegancia. Pois não é? Um exemplo é este que ahi offerecemos, ás leitoras, n'um modelo — veja-se bem! — n'um modelo de Jean Patou. E' uma fantasia de bangkok, com fita marron e fivela de marfim.

(Photo Luigi Diaz — Especial para o FON-FON).

TREPAÇÕES

MADEMOISELLE — dizem — não tem amor ao dinheiro, é caritativa e generosa, mesmo, mas sabe dar valor ás suas "notas" e tambem ás suas "pratinhas". Sovina, ninguem dirá, sem injustiça, que ella o seja. Perdularia, sim, isso é que ella não é, apezar de riquissima, e faz muito bem.

Ainda um dia destes, mademoiselle sahiu, em companhia de uma amiguinha, a fazer umas compras. Ao passar á porta de uma egreja, uma pobre estendeu a mão para mademoiselle, que, solicita, abriu a bolsa, para dar-lhe a esmola pedida. Alguns nickeis, porém, cahiram, nessa occasião, e, entre elles, um impertinente tostão, que sahiu a rodar calçada a fóra. E made-

moiselle perseguia o "bandido", procurando pisal-o, para fazel-o parar, quando um garôto, brejeiramente, lhe disse:

— Moça, você assim mata o pobre do tostão!...

Mademoiselle não se conteve: riu a bom rir e respondeu para o garôto:

— Então, mata-o tu...

E o garôto "matou" o tostão de mademoiselle...

O rapaz comprou uma barata verde, e arranjou uma *baratinha* loira para lhe fazer companhia no volante.

Agora, são caminhadas ao longo das avenidas da cidade, passeios deliciosos nesta quadra de calor escaldante, quando a gente suspira pelos ares lavados do Leblon...

Apezar de muito nova, a barata verde já tem a sua historia, podendo contar algumas proezas.

Mas, cuidado, pois não se deve ir com tanta sêde ao cantaro, ou ao pôte, como se diz entre nós...

VEJAM só o que é vaidade de mulher! Mademoiselle, aquella dos olhos azues, e de "pelle de maçã madura", como dizia o poeta, havia começado um *flirt* com o escriptor. Um *flirt* cerimonioso. Só de olhares, de cumprimentos furtivos, etc.

Isso porque ella o conhecia de nome e de vista. E elle, porque a conhecia... de instincto... ou das viagens de omnibus.

Elles já estavam habituados áquelle encontro diario. Até parecia que ella o esperava, para viajarem juntos, até a cidade. Quando chegavam á Avenida, ella descia e o escriptor continuava até o seu ponto de descida.

Ambos esperavam apenas uma opportunidade para a devida "attracação".

Ha dias, porém, mademoiselle o viu entrar no omnibus com "outra". Ficou pelos cabellos. Mesmo porque elle, devido á "segunda", não cumprimentou a "primeira".

No dia seguinte, o rapaz se encontrou com ella, a dôce pequena de olhos azues. Sorriu. Ella — séria. Cumprimentou-a. Ella — firme. Avançou. Ella — fez signal de descer. No outro dia, ella appareceu com outro...

Curioso, não é? Interessante é que ella só metteu o "outro" na comedia para fazer figas ao escriptor.

Mas agora é ella quem está interessada por elle. E elle — firme.

Entendam-se os que amam...

A galante menina Judith Heloisa Sucupira, uma linda carioca, irrequieta e foliã. Judith Heloisa, este anno, pelo carnaval, fez o que muita Colombina já crescida não conseguiu realizar, mesmo fantasiada de... mulher bonita: seduziu. Seduziu pela sua graça ingenua, pela sua belleza e pelo seu sorriso da côr dos seus olhos verdes...

O insinuante militar estava tonto para sahir de uma valente encrencada.

Por isso metteu empenhos afim de obter sua transferencia para uma região distante, onde pudesse respirar novos ares

para esquecer e ser esquecido.

Teceu os páozinhos, conseguiu o que desejava, e depois bancou a victima.

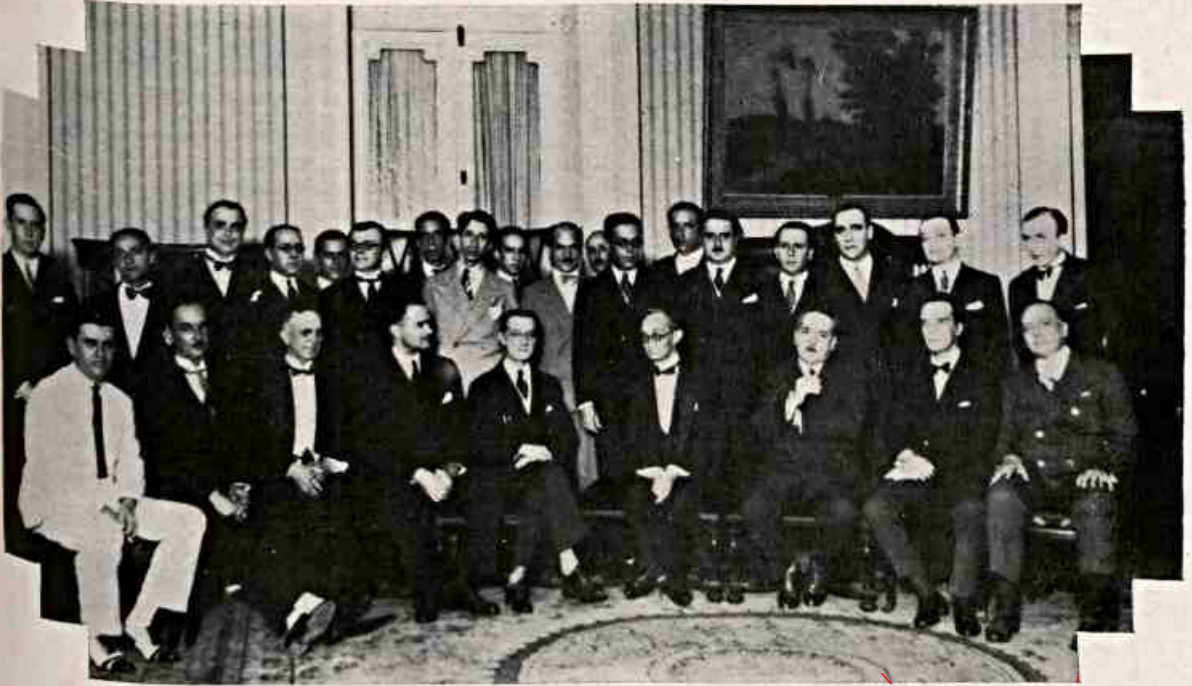
Ao pé della foi um choro daquelles...

Ella, enternecida, tambem chorou a sua triste sorte; mas, tinha de ser... pois, a vida de militar era a de um escravo, cheia de surprezas e azares.

O official partiu e certamente vae executar integralmente o plano pensado no silencio da caserna.

Ella, illudida, pensa que breve terá nos braços o seu querido official.

Pois sim...

Foi uma retirada um tanto desairosa. Entretanto, para os grandes males só os grandes remedios...

UM grupo de amigos do ministro Arminio de Mello Franco offereceu, segunda-feira á noite, um jantar de despedida áquelle diplomata, que dentro de alguns dias seguirá para a Suecia, seu novo posto.

FILIGRANAS

Um pobre homem que fizera uma accusação injusta a um amigo, ficou tão amargurado de remorsos que, tempos depois, não podendo resistir a elles, conforme noticiaram os jornaes, resolveu matar-se. E o fez de modo horrendo e barbaro. Pôz uma bomba de dynamite debaixo da cabeça e vôou pelos ares...

O facto faz a gente, mesmo sem querer, pensar em quantos bandidos sem consciencia ou inconscientes, que vivem nas altas espheras sociaes, risonhos e satisfeitos, que causam a ruina de milhares de pessôas e vivem dos auxilios de outrem, os quaes nem á mão de Deus Padre se resolvem a arranjar uma justiceira bomba de dynamite para lhes estourar os miolos...

Não é verdade?

FILIGRANAS

A cidade está sendo *uniformizada*. O actual prefeito — aliás grande prefeito — não quer mais tamancos e mangas de camisa pelas ruas. No que faz muito bem. Isso era uma herança colonial que sujava a elegancia urbana do Rio de Janeiro. E agora vae acabar.

Uniforme para os garys, uniforme para os carroceiros, uniforme para os trabalhadores de esquina ou de carrinho, para os verdureiros e caixeiros de venda, leiteiros e padeiros, vendedores ambulantes e peixeiros, açougueiros e turcos a prestações, uniformes para tudo e para todos.

Acclamemos o prefeito illustre, resurgindo do tumulo a famosa phrase de Figueiredo Pimentel: "O Rio civiliza-se!" Sim, porque o Rio continúa a civilizar-se...

Um dos grandes e tradicionaes vultos da imprensa carioca acaba de retirar-se da actividade jornalistica — Edmundo Bittencourt. Figura de notavel e accentuado relevo no jornalismo nacional, fundador e director-proprietario do «Correio da Manhã», Edmundo Bittencourt consagrou a maior parte da sua util existencia ao brilhante diario de cuja direcção agora se afasta, abandonando o campo de combate onde poz á prova, em memoraveis campanhas, não só os admiraveis recursos mentaes e culturaes de que é dotado, mas tambem a sua inquebrantavel organização de luctador. Espirito eminentemente combativo, o notavel jornalista patricio, durante a sua longa, fecunda e magnifica actuação na imprensa carioca, sempre soube manter a linha de coherencia e dignidade de suas attitudes, esforçando-se, intemeratamente, por que o seu jornal traduzisse e reflectisse as mais elevadas aspirações da opinião nacional. Retirando-se, agora, da actividade jornalistica, Edmundo Bittencourt póde fazel-o com a esclarecida e serena consciencia de haver dado o melhor desempenho á alta missão que se impoz, e de que será legitimo continuador o seu illustre filho, o dr. Paulo Bittencourt, actual director-proprietario do «Correio da Manhã».

O dr. Edmundo Bittencourt, quando ainda em plena actividade jornalistica.

AS MUSAS E OS DOUTORES...!

HA na *Musa em férias*, de Guerra Junqueiro, esta pergunta um tanto pérfida: "Tem feito versos, doutor?"

Sente-se que o poeta magistral da *A Morte de D. João* quiz apenas ironizar os doutores. Os doutores que trocam o capacete de Minerva pela sonóra lyra de Apollo.

Convenhamos que, si ha doutores, essencialmente poetas, — poetas ou literatos — ha outros que são homens de letras, tão finos homens de letras como doutores por decreto.

A classe é pouco numerosa. Entre nós, porém, muitos são os nomes illustres que, tendo indiscutivel relevo na medicina, e em nossos auditorios, honram com egual brilho e nobreza os titulos de que são portadores.

Um exemplo?

Será necessario apresental-os? Porventura não temos ahi a figura inconfundivel, destacada na sciencia medica e nas letras, de Aloysio de Castro? E Austregesilo? Ambos da Academia de Letras. Veiga Lima, medico e estylista de grande brilho... Adelmar Tavares, juiz e poeta dos mais notaveis — como Raymundo Correia. Mendes Fradique (dr. Madeira de Freitas). D. Quixote (Bastos Tigre), engenheiro civil e poeta. E poeta humorista... Emfim, a lista seria longa; seria enfadonha si me não apressasse a encerral-a, com o nome de um medico illustre, notavel na sua especialidade, e eminente como homem de letras.

Talvez não se atine de prompto com esse medico. Elle é demasiado modesto e retrahido para viver na memória de todos os que lêem. E' o dr. Augusto Linhares. E' o clinico illustre que trabalhou, carinhosamente, como um Cellini do verbo, — as palavras de ouro da *Oração na Academia*.

Não me proponho a estudar a obra primorosa desse artista. Della já se occupou (e n'um volume de cerca de cem paginas) um escriptor cearense, o sr. Antonio Furtado, ensaista e professor da Faculdade de Direito do Ceará.

Que mais accrescentar ao que disse o sr. Antonio Furtado, da personalidade desse "artifice literario?" Faço minhas as palavras do livro do professor da Faculdade de Fortaleza:

"Fechado em si, na solidão favoravel do gabinete, por noite velha e alta madrugada, feiçôa, lima, repule, trabalha o terso da sua phrase, plena de encantamentos e amavios.

Augusto Linhares teve a felicidade nimia de ser alumno de Francisco de Castro — o excelso mestre da Medicina, como da Arte Literaria Nacional.

Ainda ha pouco, Laudelino Freire, em estudo no *Jornal do Brasil*, do Rio (edição de 26 set. 25), referiu-se a esse grande medico e literato patricio, a quem os seus discipulos chamavam de "Divino Mestre", e escreveu, com o seu costumado apuro e primor, falando da *Oração na Academia*."

E, na verdade, o trabalho de Augusto Linhares é desses que, si fogem á sciencia medica, enriquecem, fulgurantemente, as letras nacionaes.

Bazar de Bonecas

Feira de Vaidade e de Elegancia

Balcão *florido*

Tomar a vida muito ao serio é enchel-a de tédio e de aborrecimento. Tomal-a tambem muito *á la légère*, buscando vivel-a sem procurar sentir, intensa e profundamente, as emoções mais violentas, chocantes e contrastantes que ella lhe proporciona, é passar pela vida, "sem ter vivido", em branca nuvem, como dizia o poeta.

Esse o thema, o motivo dominante de uma palestra entre alguns dos frequentadores do fino e elegante salão de d. Boneca, na recepção da penultima quinta-feira.

Um conceito sobre a vida, quem é que não o tem? Todo homem, por mais inculto que seja, terá o seu modo de comprehender e encarar a vida — essa coisa tão commum, tão *terre á terre*, tão apparentemente simples na sua expressão e nas suas manifestações. E tão monotona, ás vezes!

— General — perguntou Boneca, a soprar para o ar, displicentemente, a fumaça cheirosa de uma cigarrette turca — qual a sua opinião sobre a vida? O senhor, que já viu a morte de perto, tantas vezes, certo está bem habituado a falar sobre o assumpto.

— A vida, minha senhora, é uma carga de bayoneta calada contra...

— Contra que, general — perguntam varias vozes.

— Contra que, general? — Heim? Como? Contra a Mulher?

— Sim. Comprehendam-me. Não levem a mal. Esse é o meu ponto de vista como homem, como soldado e como marido. Porque a vida é a lucta dos sexos, lucta continuada, latente, biologica, fatal, muito embora os seus interregnos de armistício... E, no caso, o armistício é o amor...

— Então, o senhor, fóra das tréguas do amor, só comprehende a vida como um conflicto permanente entre os sexos? Bem extravagante a sua bellicosa philosophia da vida, general. Tambem pensará assim a generala?

— Parece-me que elle tem razão — respondeu a interpellada, matrona de fartas banhas. Em casa, pelo menos, é assim...

— Muito bem — disse d. Boneca, com um sorriso perverso. Fale, agora, um poeta, depois do soldado. Sr. De Castro, a vida!...

— A vida já não tem poesia, minha senhora. Nem os poetas mais a comprehendem.

— E por que ainda a cantam os senhores? — perguntou uma bonequinha loira, de olhos verdes e maliciosos...

— Para alimentar dentro de nós, e só para nós, o fogo sagrado da illusão do que foi, do que passou...

— Passadista, o senhor, um poeta futurista?

— Futurista, é um rotulo, minha senhora, um *placard* berrante *pour épater*, senão para disfarçar o que realmente somos, hoje, deante da vida, que se desencanta e perde o seu antigo perfume de mysterio e de sonho, por obra e graça da mulher.

— Por obra e graça da mulher?... — replicou a loirinha...

— Sim, senhorita. Porque a mulher era a poesia da vida...

— E, hoje, já não o é?

— Não, senhorita. Hoje — perdoem-me, e *sans rancune* — hoje ella é a sua "tragédia", a sua mais triste e monotona realidade...

— Forte, forte, esta, senhor poeta! — replicou d. Boneca. Bem mudados estão os poetas! Emfim, não é de admirar, se elles sempre viveram um tanto ou quanto no mundo da lua. Que dôr lhe atacou, hoje, a cabeça, poderia dizer-nos?

— O poeta corou, como um collegial, e foi tomar fresco á sacada.

E a animada palestra esfriou, de repente.

— Coitado! Elle tem razão — disse a perversa loirinha, aguçando, de novo, a curiosidade geral.

— Tem razão, por que? — perguntaram varias pessoas, ao mesmo tempo.

Mademoiselle, ante os olhares que a fixavam, cheios de malicia e de curiosidade, ficou sem saber o que dizer.

— Fala, Marina. Que ha?

— Não sei bem. Dizem, porém, que a mulher delle é um tanto leviana, que...

— Que?...

— Sim, já comprehendi. Todos nós comprehendemos — fala um respeitavel commendador.

SENHORA Pereira Lobo, dama de altas virtudes e uma figura de grande relevo na sociedade carioca. E' esposa do marechal Pereira Lobo, senador da Republica.

Ora, o imbecil! Mal de muitos... Coisas de poetas. Gente retrograda, que não vae com o seculo e o espirito do seculo!

— Senhores — disse d.

Boneca, em tom solenne: não vale a pena discutir-se mais o assumpto. A vida melhor será que nunca seja comprehendida, nem julgada.

— Tem razão, madame — accrescentou um velho medico, o dr. Leão, que, até ali, se conservara calado. Era um sceptico e um espirito de uma mordacidade terrivel, ás vezes. E rematou a palestra, sarcasticamente, com uma phrase pedida de emprestimo a Remy de Gourmont:

"O homem, com toda a sua intelligencia, se não fosse o seu instincto de besta, faria, no mundo, um bem triste papel..."

BONECA NA AVENIDA

Boneca, a semana passada, encheu de graça, de encanto e de... desenvoltura, o coração da cidade.

Gárrula e festiva, com a sua pelle queimada, tostada pelo sol ardente das praias elegantes — aquelle lindo collar de praias que se estende do Flamengo ao Leblon — ella esfusiou, á vontade, pela Avenida, nos dias chics consagrados ao *trottoir*, ao *footing* da grande e movimentada feira de exposição de silhuetas, de figurinhas de *biscuit*, de *marionettes* e fantoches.

E os encontros, casuaes ou não, aqui e ali, nesta ou naquella confeitaria? E tambem na Cinelandia... Os encontros, de mãos dadas, olhos a se metterem por outros olhos, silenciosamente, emoldurados no quadro claro e piegas de um sorriso! E os *tutoiements*, *bras dessous, bras dessus*, tremulos de carinhos!

Nada melhor, para alguns momentos de observação, de *enquête* psychologica, *à vol d'oiseau*, do que algumas horas passadas no borborinho da Avenida, á porta ou dentro dos cinemas elegantes, onde se agita, como no palco de um theatro de brinquedos, o *set* carioca.

— Hilda, minha querida, que prazer! E sôam beijos affectuosos...

— Tambem para mim, Orchidea, que ha tanto tempo não te via! Já desceste de Petropolis, definitivamente?

— Já, sim. Meu noivo...

— Ah! Então já estás noiva! De quem, felizarda? Tanto deitaste a rêde que conseguiste pescar essa coisa tão difficil, hoje... E' novo? E' rico? E' elegante?

— Sim e não, filha. Meia edade. Trinta e cinco annos. Sympathico. Forte. Recursos sufficientes. Um tanto estylo rocócó em materia de trajar. Mas, a isso saberei dar geito... Chegou ha pouco do Norte. E' natural a sua *allure* ainda um tanto provinciana... Para marido, serve. Estou satisfeita.

— Um casamento de amor, então?...

— Propriamente, ainda não. Elle ama-me. Muito, mesmo. E' possivel que eu venha a amal-o tambem. Por emquanto, porém, trata-se apenas de um... casamento, ou melhor, de "fisgar" o marido...

— Ah, sim, comprehendo...

Mlle. Alice Marcondes, uma sereia... fóra do mar...

...

— E tu, querida? Conseguiste, na tua estação balnearia, alguma coisa? Pelo menos vejo que te tens esforçado, porque estás queimada a valer.

— Ah! Os "tubarões", além de perigosos, andam tão ariscos... Muitos *flirts*, isso, sim. E entre elles um que promette. O Julião, sabes, o Julião...

— O Julião?... Que me dizes?

— Sim, o Julião, o poeta.

— Ah, o bandido! Escuta, querida, não faças esse ar de espanto. Mas não te fies nelle. E' um pirata, um pirata sem escrupulo e sem coração. Conheço uma pessoa, tua e minha amiguinha, que já foi miseravelmente enganada por elle... Elle explora o terreno, explora, explora, depois, sem dizer, ao menos, até logo, desapparece... Um pirata! Commigo é que elle nunca se arranjou, apezar dos seus assaltos e investidas. Conheço-o a fundo!

— Não sei se terás razão. Mas, agora, as coisas mudaram e elle é que anda de gatinhas atraz de mim...

— O bandido! Tem cuidado! Muito cuidado! Elle sempre começa assim... de gatinhas, manso e manso. Depois vem a primeira audacia. Um beijo furtado, na mão. Depois, outros e outros...

— Parece que tens experiencia propria?

— Se tenho! O bandido! O unico homem a quem amei, e que me jurou um amor eterno, illudindo-me! Eu era, então, bem nova e bem inexperiente. Tinha apenas dezoito annos!

— Ah! Nesse tempo elle era um menino, um criançola! Hoje é um homem e está tão mudado!

— Que estás a pensar? Não faz tanto tempo assim...

— Se tinhas dezoito annos, como dizes...

— Está bem! Adeus, queridinha. Tenho pressa. Um mundo de coisas a fazer!

Novos beijos, novos abraços e as duas bonecas separaram-se, apressada e friamente...

E ahi está como o destino arma inimizades entre as mulheres. Um Julião, um poeta, sombra de um amor passado, e esperança de um novo amor... eis o pomo de discordia...

ESTRELLAS CADENTES

Por que não dás á tua vida uma expressão, um sentido? Por que, intelligente e culto como és, meu amigo, não a enches de idealidade, não traças, ao circulo inquieto dos teus anseios, desordenados e confusos, a suave illuminura de um sonho, de uma aspiração a realizar? Por que encadeias teu coração, quando, livre, deverias deixal-o procurar o ideal da tua vida? E's um louco, ages como uma criança, a suppôr que, encadeando-o, que lhe contendo os impetos e os impulsos, só com o teu espirito, o teu pobre espirito de homem, conseguirás, um dia, realizar um ideal differente do que são, commummente, todas as aspirações de uma vida!

Porque, meu amigo, o coração, e só o coração, é que ha de, eternamente, dar ao homem a beber a amphora do vinho loiro e generoso de todo sonho, de todo desejo, de toda idealidade, de todos os raros momentos de felicidade na vida.

Procura, com elle e por elle, o caminho do teu ideal. Solta-o. Liberta-o. E elle, um dia, t'o indicará. Acredita-me. Ao espirito, e não ao coração, que é força instinctiva, elemento dynamico e fonte eterna de vida, se devem as amarguras e as desillusões mais duras e mais crueis da vida...

E a voz que assim falava silenciou, subito, dentro de mim, sem que o espirito, o meu torturado espirito de homem, ousasse, sequer, contrapôr um argumento a essa razão superior da vida inspirada nos dictames millenarios e ineluctaveis do coração...

Se se pudesse supprimir todo ideal, toda aspiração, todo desejo, todo conflicto interior entre a razão e o coração!...

SEARA ALHEIA

De Juanna Ibarbourou.

Océano que te abres lo mismo que
[una mano
a todos los viajeros y a todos los
[marinos:
tan sólo para mí eres puño cerrado;
para mí solamente tú no tienes
[caminos.

Jamás balancearás tu lomo mile-
[nario
bajo la nave que me lleve desde esta
[tierra mía,
ondulada y menuda, a las tierras
[que sueña
mi juventud inmóvil y mi melan-
[colia.

Océano Atlántico, multicolor
[y ancho
cual un cielo caído entre el hueco
[de un mar:
Te miro como un fruto que no he de
[morder nunca,
o como un campo rico que nunca
[he de espigar!

Ah, océano Atlántico, perro inmen-
[so que lames
mis dos pies que encadenan el amor
[y la vida:
haz que un día se sacien sobre tu
[flanco elástico
esta ansiedad constante y este afán
[de partida!

SORRINDO...

Escrever! Sempre escrever e, ainda por cima, viver do que se escreve, fazer da imprensa, do jornalismo, do livro, um meio de vida! Certo, dirão, commigo, os que vivem da tortura de escrever, não haverá profissão mais ingrata e mais cheia de surprezas desagradaveis.

Materialmente, então, encarada no seu aspecto economico, pecuniario, nenhuma outra haverá menos desejavel do que essa.

E, numa roda de homens de espirito, de intellectuaes, em que se achavam Paula Barros, o poeta encantador de *Muyrakitans*, Sylvio Julio, o publicista e americanista notavel, e outros, o assumpto, accidentalmente, veiu á baila, no meio de outros que se discutiam, no momento.

Não faltou á palestra o pobre e pacifico *jégue* do Ceará, o famoso jumento do Nordeste, cujas qualidades de resistencia Sylvio Julio exaltava, depois de exaltar as dos filhos daquelle sertão combusto.

E, para exemplificar essa resistencia, sahiu-se com esta, que aqui fica registada:

— O jumento do Ceará, quando lhe falta o que comer, come casca de arvore e até jornal, como vi muitas vezes! E' o unico animal que vive de imprensa, no Brasil...

A senhorita Ruth Stamile Gonçalves é a joven pianista que acaba de concluir o seu curso no Instituto Nacional de Musica, onde sempre brilhou pelo seu talento e pela sua vocação artistica. Alumna de d. Maria dos Santos Mello, que a orientou desde o inicio do curso, a senhorita Ruth deve muito de seu preparo áquella illustre professora.

* * *

POMBO-CORREIO

Estou quasi a acreditar que me queres realmente, meu amor, como tantas vezes me tens repetido. Perdôa-me se, deante das provas que me tens dado de tua affeição, ainda faço a restricção desse "quasi".

Tantas já têm sido as minhas decepções, as desillusões com que outras mulheres — que me juraram o seu amor, ainda de modo mais ardente do que tu — encheram de sombra, de tristeza e de descrença meu coração, que tenho medo, receio de acreditar em ti, que tambem és mulher, como ellas...

Mas, diz-me o coração — que é uma eterna creança — que tu és differente das outras, que és sincera, leal, bôa e pura.

Meu amor faze-me crer, crer em ti como num Evangelho, e sê o Evangelho vivo da minha crença e da minha fé!

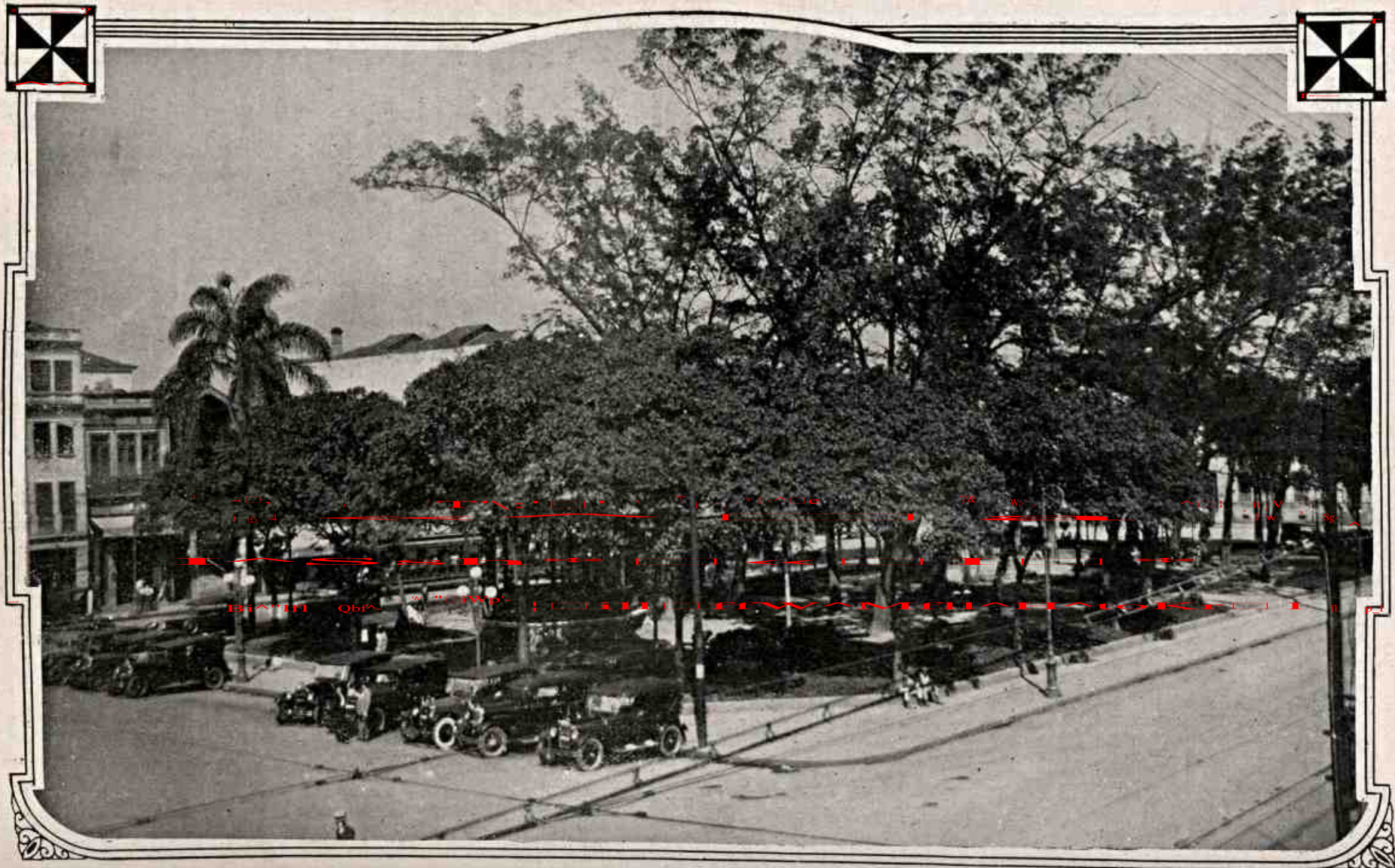
E' assim que te quero amar sempre. E é assim que desejo me ames tambem...

Mas, de vez em vez, se sinto, no teu corpo palpitante de amor, a exaltação de tua carne dizer-me que tu és minha, absoluta e exclusivamente minha, de outras sinto que tua alma se fecha para mim e, impenetravel, veda, aos meus olhos, que buscam a revelação de todo o teu ser, o teu mysterio de mulher. E és, então, a minha Esphynge, o meu Enigma, o indecifravel hyeroglipho do livro da minha vida.

Meu amor — alma de minha alma — por que não fazes descer sobre as sombras da minha inquietação e da minha duvida, a luz, toda a luz clara e pura da tua plena e magnifica revelação?...

Mas, talvez assim seja melhor. O mysterio é tambem uma necessidade essencial á vida, uma condição, um elemento de illusão e de felicidade.

Meu amor, não te reveles de todo, não. Será melhor assim, para mim, para ti, para o nosso amor...

Desce sobre o teu rosto de anjo o véo de Isis, o mysterioso véo de Isis...

O RIO DE A

praça Onze de Junho, ha pouco mais de um anno, quando ali ainda bracejavam os ramos tristes das casuarinas sylvestres. Em baixo, a sombra melancolica, que se projecta como uma recordação longinqua do sossego e da tranquillidade do Rio de outras éras...

HONTEM

O RIO DE HOJE

A praça Onze de Junho, estylizada pelos requintes moder nos do urbanismo actual, que a intelligencia e a visão esthetica do prefeito Prado Júnior adaptaram á nossa civilização. Nada de sombras nem de melancolias lentas. Tudo claro, alegre, aberto e arejado. Todas as perspectivas se rasgam para o sol da terra carioca...

(Do Album, inédito, do photographo Malta).

PAINEL DE AZULEJOS

DIAS DE CHUVA

Dias de chuva, de desalento e de languidir. Longos dias solitarios em que as horas parecem cegonhas pensativas á beira de lagos azulados. Dias enfermos, brumosos, melancolicos, cinzentos, em que a gente esquece a vida, a agitação dos desejos, a inquietude dos corações, tudo, emfim, para mergulhar numa dôce, profunda e immensamente triste espiritualização.

No suave entardecer desses dias assim, as almas unem-se numa ternura immensa, perdem-se umas dentro das outras num sentimento mais puro e talvez maior do que o amor, sentimento que ainda não encontrou o poeta que lhe désse um nome...

Qual infini glisse avec l'heure!
Je ne sais si je ris, je ne sais si
je pleure...

escreveu o poeta. Com effeito, nesses momentos é o infinito que penetra nos corações e os amollece e os commove. As almas têm tambem os seus crepusculos e os seus dôces, cinzentos dias de chuva...

O AMOR

Será o amor somente um ideal de belleza?

Talvez sim, talvez não.

Na sua mais alta, mais nobre, mais sublime fórma, o amor é o puro ideal do bello, o amor é um sonho de arte. Mas as criaturas todas são humanas. E o seu amor tem de ser humano, sob pena de falhar ao seu destino. Então, ellas descem um pouco do azul e amam umas ás outras com ternura, com voluptuosidade e com intensa paixão.

A verdade é que, ás vezes, dentro da sua ebriez material, o amor conserva a sublimidade do ideal puro. E só com esse amor as criaturas se completam.

E' rara no amor essa mistura

Rachel, filha do dr. Alfredo Balthazar da Silveira, 1º premio de fantasia na «matinée» infantil do Palace Hotel, em Caxambú.

deliciosa de materialidade e de espiritualismo. E' rara, mas existe. E o amor verdadeiramente completo é esse. O que não exclúe a grandeza divina dos amores altamente intellectuaes e platonicos, em tudo superiores aos que unicamente vivem da carne e pela carne...

A nada sobre a terra é dado ir além das forças humanas e estas marcam ao amor o dictame fatal de morrer tanto de muita fartura como de prolongada inanição.

A FRANQUEZA DE SARAH BERNHARDT

Quando se realizaram os premios do Conservatorio de Paris, Sarah Bernhardt esperava tirar o primeiro premio, mas a banca examinadora o concedeu a Maria Lloyd.

Sarah, muito magoada, sentou-se a um canto, atraz dos bastidores. Maria Lloyd approximou-se della.

— Estás zangada? perguntou-lhe.

— Sim, respondeu Sarah. Não merecias o primeiro premio e só t'o deram por seres mais bonita.

— Não tenho culpa. Perdôa-me! replicou a outra.

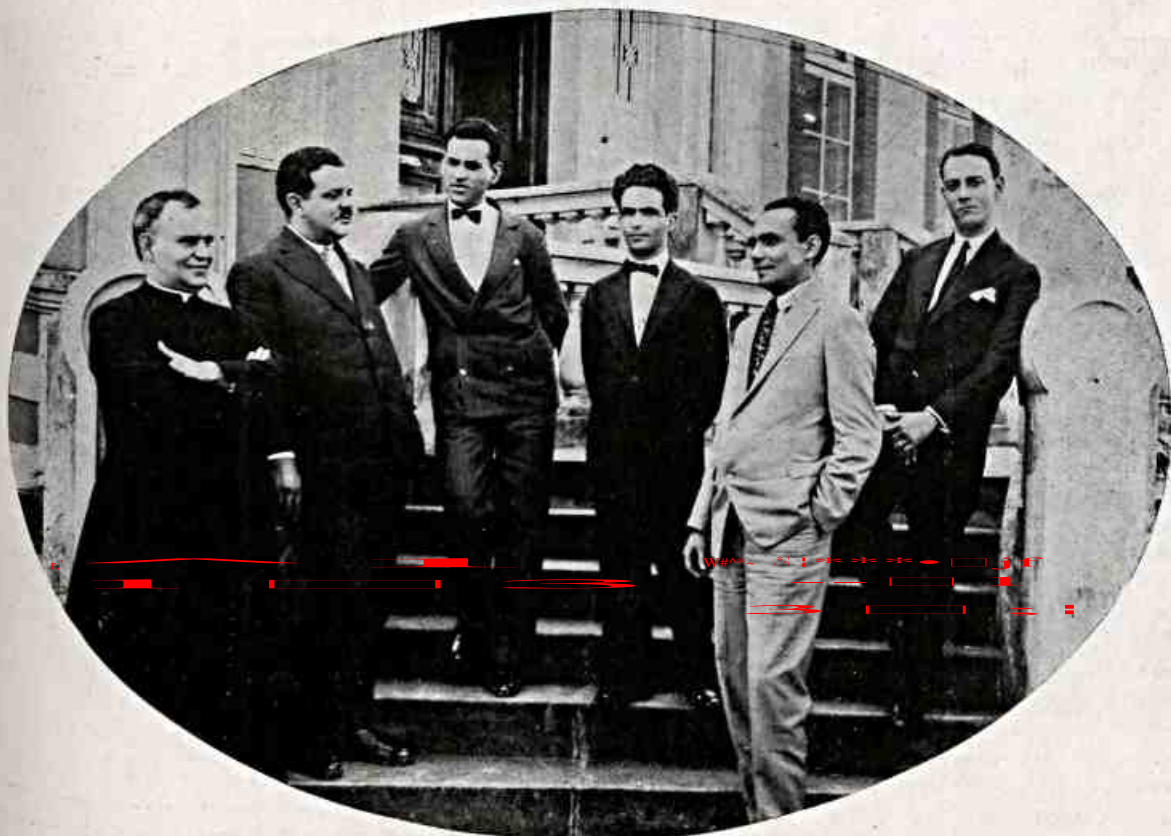
E as duas abraçaram-se, chorando...

A PULSEIRA FILIGRANADA

Naquella casa de belchior que tem á porta um jarrão de porcelana chinesa do tempo dos Ming, ha uma vitrina de velhas joias preciosas. A's vezes, divirto-me em pedil-as para ver e meus dêdos tacteiam com emotividade essas reliquias de antanho.

Uma dellas desperta-me mais a attenção. Deve ter pertencido a uma linda senhora dos dias idos, dos tempos das anquinhas e dos bandós. Lembra a que eu vi no braço roliço duma condessa de 1860, que conheço somente de retrato. E' toda de filigrana de prata e de oiro, como se usava, e na parte de dentro, em diminuta chapa traz este distico finamente gravado:

"Colhamos as rosas da vida sem pensar nos espinhos".

D. JAYME

O nosso companheiro Bastos Portella entre algumas altas autoridades da cidade de Avaré, em S. Paulo. São ellas, o vigario local, padre José Fernandes Tavares; dr. Bastos Cruz, prefeito municipal e director da Santa Casa de Avaré; Bastos Portella, dr. José Teixeira Pombo, dr. Adhemar Ferreira de Carvalho, promotor publico local, e dr. Dhejar Gomes, fiscal do imposto de consumo.

A CASACA

Escreveu Julio Dantas, em uma chronica recente: "Tudo passa, a casaca fica. Vôam, na aza do tempo, as idéas e os costumes, as obras e os homens, os dogmas das religiões e as verdades da sciencia; só a casaca, negra e hostil, permanece, inexoravelmente, como um pesadelo, como uma maldição lançada pelos leões romanticos do boulevard de Gand, sobre toda a humanidade."

Essa ogerisa pela casaca preta não é tão sómente a do poeta da *Ceia dos Cardeaes*, senão a de todo homem de espirito.

Na verdade, tudo passa, e só a casaca fica, a casaca preta, tétrica, especie de mortalha da elegancia masculina.

Caricaturado no gato negro, o homem dos salões terá de morrer dentro delle, sonhando com os punhos de renda, com os tecidos de côres, de uma época feliz, quando era licito cultivar o sentimento da delicadeza, planta exotica nos nossos dias.

E' que os deuses alegres já não povôam o mundo dentro do qual vivemos...

Bastos Portella, o nosso querido companheiro, numa fazenda de Avaré, em São Paulo, quando ali esteve, recentemente, em commissão do Departamento Nacional do Ensino. O poeta apparece, na photographia, ao lado de alguns dos seus leitores daquella cidade paulista.

O «team» do Club de Regatas Vasco da Gama, que domingo ultimo, no stadio de São Januario, enfrentou brilhantemente os «footballers» paulistas do «team» do S. C. Corinthians.

FILIGRANAS

Tudo quanto a gente faz, as crianças imitam. Tudo. Assim entre os individuos como entre as nações.

Os Estados Unidos, no seu moderno delirio de publicidade, sobretudo cinematographica, inventaram os grandes concursos de belleza, em que as lindas *girls* de todos os pontos do paiz desfilam semi-núas ante um jury solemne para se fazer a escolha annual da Miss America.

Pois bem, a criançada do mundo inteiro está copiando esse divertimento. Na Europa, Miss Hungria se tornou Miss Europa. E, entre nós, o tal concurso vae empolgando mais o Brasil do que a estabilização ou a successão presidencial.

Uma phase do jogo entre o Vasco da Gama e o Corinthians.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A DANÇA

A valsa é o soneto choreographico. Como o soneto, obteve o seu apogeu: entabolou namoros e fez uma legião de casamentos.

* * *

O tango argentino é uma especie de volubilidade com os pés.

* * *

Os americanos transformaram as danças de salão, reduzindo-as a marchas mais ou menos elegantes. Com isso estamparam muito bem o espirito da epoca em que todos se empenham, af-

Os jogadores do S. C. Corinthians, no campo do Vasco, domingo á tarde, antes da lucta sportiva em que se empenharam com os seus collegas cariocas.

dentemente, numa marcha batida. Ha a marcha impudica e manhosa — o "Fox-trot", a marcha resoluta e ousada — o "one-steep".

* * *

Eu pergunto aos que verberam as danças de hoje por indecentes, si seria possivel nestes dias, neste ambiente, neste seculo, dançar-se com decencia?

* * *

Era preciso que a dança acompanhasse a evolução dos costumes — eis a resposta que dou aos que, embiocados num canto de salão, verberam a immoralidade dos bailes.

* * *

Na verdade, as danças não são indecentes; — os homens é que o são.

* * *

As moças que dizem não gostar de bailes devem ter o temperamento muito inflammavel e perigoso...

* * *

Ha os que bebem para poder dançar com desembaraço e animação. São como os oradores que se embriagam para ficar eloquentes.

O fim de um baile resume-se nestas duas sensações absorvedoras — tedio e desillusão. Ausculta a tua alma no fim de um baile e ella te contará algumas crúas verdades sobre a vida.

BRITO BROCA.

Uma bonita defesa do «back» vascaino.

SOMBRAS CHINEZAS

Photo film da Cidade

MELINDROSA voltou a escrever-me. E sua ultima carta, não sei bem por que, deixou-me uma impressão de tristeza que, em vão, tenho procurado desfazer.

Cerro os olhos, faço descer sobre elles o abat-jour da Saudade e, ao lusco-fusco do ambiente assim preparado, recordo e sonho...

Por que Melindrosa teve a lembrança de me escrever naquelle fino e perfumado papel amarello, tão docemente evocativo para mim? Aquelle quadro de papel côr de laranja madura, de oiro fosco, ha tres longos dias vem sendo a minha grande attribulação.

A mão nervosa — certo pequenina e linda — que traçou aquella missiva um tanto enigmatica, cheia de signaes cabalisticos, que não cheguei bem a decifrar, removeu, fundo, a poeira de meu coração...

* * *

LIA! Um nome que desperta sentimentos e recordações de toda ordem! Lia, um nome que se prende á historia da gente da minha raça, que assim se chamava a doce e meiga filha de Labão, e mulher de Jacob, do Jacob avoengo e biblico, e não do que é, hoje, meu irmão, pelo espirito e pelo coração. Irmão e socio... commanditario destas coisas da China!

Lia! Tambem eu, não faz muito, tive a minha Lia. Uma Liazinha morena e encantadora que encheu de sonhos certa phase da minha vida. Mas... Lia não me comprehendeu e, sem que nem que, fechou ao meu amor, cruel e duramente, as portas de seu coração.

Para que, porém, recordar?...

* * *

A Melindrosa morena, que, agora, me escreve, para dizer-me que eu a magoei profundamente, ao responder á sua primeira carta, em um dos ultimos numeros de FON-FON, tambem se chama... Lia — diz. E quer, por força, que eu — gato velho, acostumado ás escaladas do amor, mesmo sobre os telhados de vidro — creia na sua "realidade", não continuando a tomal-a como uma ficção, uma linda ficção de carnaval.

"Eu sou uma realidade, Esaú: não sou uma Pierrette, como suppões" — eis, mais ou menos, o que ella me dá a entender.

E adeanta que a feri, que a fiz soffrer, que a minha dureza e ingratidão encheram de lagrimas as conchas claras de seus olhos negros, — seus pobres olhos que já foram meus...

* * *

MAU Esaú! Demonio de Esaú! Ingrato Esaú! E, com todas essas imprecações, depois de se declarar desenganada, desilludida dos "horriveis olhos verdes" a que, um dia, se prendeu, Lia — a querida Melindrosa morena — diz-me, sem mais aquella — a desalmada! — que vae procurar, na caricia dos olhos negros de Jacob, a consolação que os meus lhe recusaram. Como se eu fosse um sujeito sem alma e sem coração que negasse a uma Melindrosa, camaradinha e gentil, qualquer cousa que ella me pedisse — a vida mesmo que fosse!

MAS, cada vez mais reconheço que sou um homem sem chance. Preparo o "boccado" e outro é que o come... (Jacob, no caso). E nunca veiu tão a proposito, como neste momento, aquelle velho rifão, tão conhecido na minha terra de jandayas e carnaúbas: "papagaio come milho e periquito leva a fama..."

* * *

JACOB, que sabe onde as andorinhas dormem (as melindrosas são como as andorinhas), sonsa e matreiramente faz as suas, e o Esaú é quem paga.... o pato e mais alguma coisa...

Por essa e por outras é que me revolto e chego, ás vezes, a dizer o que o coração não sente.

Mas, prefiro calar-me a dizer, agora, a essa Melindrosa, cheia de não me toques, o que me vem ao pensamento, neste momento, deante da façon com que ella me diz, nas barbas, que vae amar... a Jacob. Que o ame e me deixe em paz, na certeza, porém, de que não me faz a menor móssa. Se ella é mulher, e Melindrosa, louco e bem louco seria eu se outra coisa esperasse...

* * *

ESTOU triste, hoje. Ora triste e furioso, embolas! Por que, tão?

Melindrosa, minha filha, escuta: chega para bem pertinho de mim. Junta aos meus labios a rosa vermelha de tua bocca mentirosa... Talvez, assim, me comprehendas. Agora, adeus.

ESAÚ E JACOB.

O instituto de Café do Estado de S. Paulo está fazendo, em todo o mundo, uma propaganda intensa, proveitosa e sobretudo interessante, do café brasileiro. Esta photographia dá idéa de um dos aspectos dessa propaganda. Representa o scenario de um acto da «Grande Revista de 1928», em representação no Theatro «Alhambra», o maior e mais frequentado de Bruxellas. Durante tres mezes, que foi o tempo em que se conservou no cartaz aquella peça, dois mil espectadores novos ouviram, todas as noites, um dos actores recommendar o café do Brasil, como o melhor do mundo.

Sonhos do Haschich

TARDE preguiçosa e bella, tarde lasciva que vae ensanguentando no occaso a serenidade do mar e a pureza do céu.

O sol deixou pelo caminho, nos farrapos de nuvens e na curva distante do horizonte, a gloria soberba de sua chlamyde d'oiro e purpura, como o viajeiro da vida seu manto de illusões no longinquo do passado...

A suavidade nostalgica das côres vertidas sobre mar e céu parece um derradeiro aceno de saudade á luz que morre...

Ha um rastro tremulo de esbrazeada scintillação sobre as ondas inquietas... e a canção da espuma é como um suspiro de angustia numa hora suprema.

O coche doirado do poente, lentamente, leva para a cova da noite o sol que agoniza...

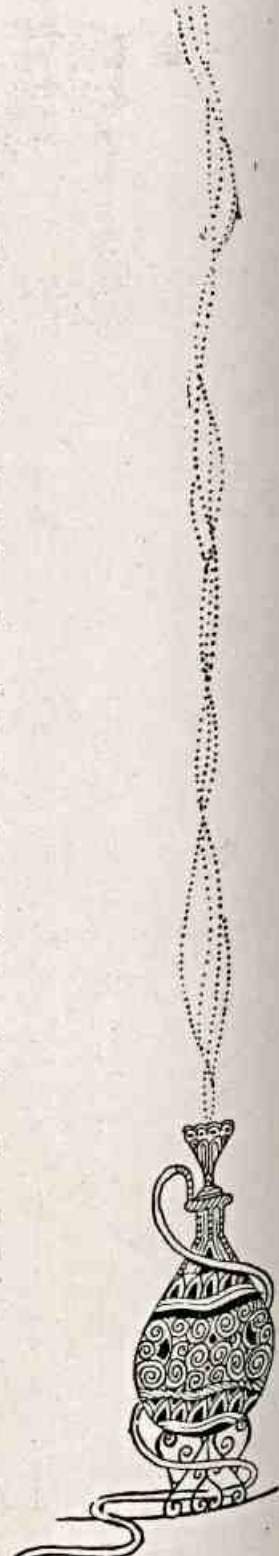
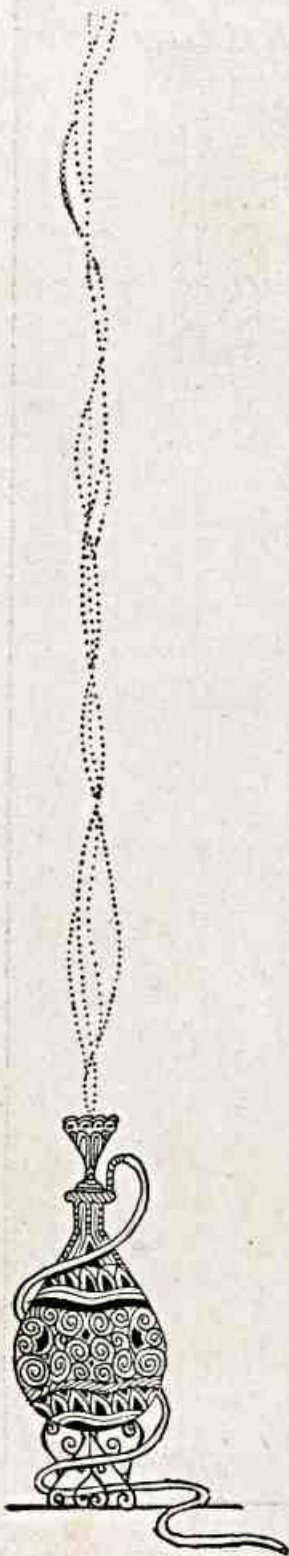
Uns tons de violeta, doentes como as notas esparsas de uma marcha funebre, vae apagando a pouco e pouco o poema auri-rubro escripto pela hora vespertina.

Já a cinza subtil do lusco-fusco polvilha a visão das coisas.

Meu amado, é noite... Eis que a deusa da volupia, a formosa Venus, surge do seio das aguas, rutila e vibrante como um olhar de amor crystalizado.

E' noite já... Por que persistes em contemplar, além, um vago sonho que tua alma segue? Vira-te, e fita as horas do dia que se foi. Ellas scintillam acima da morbida ansiedade crepuscular.

Não sentes que si as vivemos ao lado um do outro, o tempo não as levará nunca, emquanto existirmos, para a noite do esquecimento?...

PETITE-SOURCE

A Maior Fabrica de Bilhares do Mundo

BILHARES BRUNSWICK

A Companhia Brunswick montou uma grande fabrica de bilhares no Rio de Janeiro, e está produzindo em grande quantidade, com madeiras nacionaes, os mesmos typos de famosos bilhares **BRUNSWICK**, tão conhecidos em todo o Mundo.

O modelo acima é o typo **SPORT**, o qual custa completo com todos os pertences (bolas de marfim, 12 tacos, taqueira, marcador, etc., etc.) apenas 2:500$, podendo o embarque ser feito para qualquer parte do Brasil. Tamanho interno, 95x190 cms.

Podemos tambem vender em modicas mensalidades. Só não possue um destes famosos bilhares **BRUNSWICK** quem não quer.

Ha mais de trinta annos que todos os Campeonatos de importancia são realizados em bilhares **BRUNSWICK**. Tudo que leva a marca **BRUNSWICK** é bom. Remettam os seus pedidos directamente ao escriptorio central no Rio de Janeiro, ou ás filiaes de S. Paulo e Porto Alegre.

PEÇAM O CATALOGO ILLUSTRADO "F"

COMPANHIA BRUNSWICK DO BRASIL S/A

ESCRIPTORIO E FABRICA

SOTERO DOS REIS, 13

TELEPHONE VILLA 2239

SALÃO DE EXPOSIÇÃO

PRAÇA TIRADENTES, 46 — CENT. 5419

RIO DE JANEIRO

Filiaes e fabricas em CHICAGO — NEW YORK — PHILADELPHIA — BOSTON — SAN FRANCISCO — PARIS — BRUXELLAS — BUENOS AIRES — MONTEVIDÉO — ROSARIO — HONOLULU — MANILA — LONDRES — HAVANA — MEXICO — MONTREAL.

O RICO POBRE

De Leão Tolstoi

ERA uma vez um homem que, tendo-se deitado, não podia dormir em toda noite.

— Por que é tão penosa a vida para os pobres? Por que têm tanto dinheiro os ricos? Enchem caixas de ouro, e, no emtanto, continuam amontoando moedas e se privam de tudo. Si eu fosse rico, não viveria assim. Dar-me-ia bôa vida e procuraria ajudar aos outros.

— De repente, ouviu uma voz que lhe dizia:

— Queres ser rico? Aqui tens uma bolsa. Não ha nella sinão um escudo. Mas, logo que o tires, outro o substituirá. Tira todos os escudos que quizeres, e em seguida atira a bolsa ao rio. Mas, antes de atiral-a, não gastes nenhuma das moedas, porque então o resto se transformará em pedra.

O pobre homem se encheu de alegria, e, quando estava mais tranquillo, se occupou do mysterioso presente.

Mal tirou um escudo, viu que surgia outro do fundo da bolsa.

— A felicidade é minha! — exclamou. — Passarei toda a noite tirando escudos e amanhã serei rico. Jogarei, então, a bolsa nagua, e viverei commodamente.

Mas, chegada a manhã, mudou de opinião.

— Si quero ter o dobro do dinheiro, conservando um dia mais a bolsa, o terei.

E tambem passou aquelle dia tirando escudos. No dia seguinte, mais. Mais no outro dia. Não podia se decidir a atirar a bolsa á agua.

Foi quando sentiu fome e viu que só tinha um pedaço de pão negro. Ir comprar outra cousa era impossivel. Comeu, pois, o desgraçado daquelle pão negro e duro. Depois, continuou tirando ouro da bolsa.

Nem de noite descansava.

Passou dessa maneira um mez, um anno. Quem se contentaria com certa importancia! Todo mundo é ambicioso e quer abarcar mais do que póde!

Aquelle homem leva uma vida de mendigo: esqueceu que desejou viver para seu prazer e o de seus semelhantes!

De vez em quando, toma uma resolução: aproxima-se do rio para atirar a bolsa á agua, mas logo se arrepende e se afasta. Hoje está velho, amarellento como seu ouro, mas não póde cessar seu trabalho de tirar escudos do fundo da bolsa. E assim morre, miseravel, sentado em um banco, e com a bolsa nas mãos.

Completo!

conto humoristico... em dois actos.

ACTO PRIMEIRO

O explorador apaixonado. — Ha um mez que estou loucamente apaixonado por uma preciosa modistinha que todos os dias toma o auto-omnibus neste ponto. Oh, que profundo e grande é o amor que sinto por ella! Não me foi, no emtanto, possivel tomar o auto-omnibus, já que o galante conductor que viaja nelle só permitte que ella suba, e quando eu me disponho tambem a subir no vehiculo elle grita sempre: "Completo!". E' cousa de fazer a gente ficar maluco. Nem uma vez siquer pude ir com ella. Sempre mo impede esse conductor, que não cessa de gritar-me "Completo! Completo!" Talvez por isso ella se mostre cada dia mais fria para commigo. Ah! já está ella!

A preciosa modistinha. — Cavalheiro, desde hontem sou noiva do conductor do auto-omnibus.

O explorador apaixonado. — Maldição! E' possivel?

A preciosa modistinha. — E' inutil insistir. Meu pae lhe deu minha mão hontem á noite, ás dez horas em ponto.

O explorador apaixonado. — Que ouço! Esta mesma noite deixarei Paris para sempre e voltarei ao deserto!

A preciosa modistinha sóbe. O galante conductor baixa a pequena taboleta em que está escripta a palavra "Completo", e depois, dirigindo-se ao apaixonado explorador, lhe grita "Completo! Completo!"

ACTO SEGUNDO

No deserto

O explorador apaixonado. — Já decorreram dez annos depois que, para esquecer meu infausto amor, abandonei Paris e me refugiei no deserto. Decorreram dez annos, e, no emtanto, minha ferida continua aberta. Talvez houvesse cicatrizado si o Destino não me tivesse posto novamente deante della. Como sou desgraçado! Por que seu marido haveria de ser nomeado pelo Conselho de Administração de linha de automoveis-tartarugas do deserto conductor dos mesmos? Varias vezes me encontrei com elle, e não duvido que me tenha reconhecido, porque, o outro dia, quando passava com seu auto pelo deserto, ao divisar-me, gritou, em tom summamente trocista: "Completo! Completo!" Mas, não posso tolerar mais tempo essa troça, e resolvi vingar-me. Meu rival passa por aqui todos os dias com destino ao deposito de automoveis do deserto. Minha vingança será terrivel. Um de nós dois é demais neste mundo. Estou resolvido a provocal-o até conseguir que nos desafiemos. Mas, si ella não ha de amar-me nunca, minha vingança só serviria para que seus bellos labios me amaldiçoassem. Por que então, não me suicido? Para que provocar meu rival? Eu é que devo desapparecer. Ouço ruido!... E' um crocodillo que avança. Oh, que idéa! Sim; morrerei agora mesmo. (*Em vez de fugir, espera o crocodillo, com os braços cruzados*). Como é isto? Como é que o crocodillo passa perto de mim e nem siquer me olha? Porventura não gostará elle de carne de explorador? (*De um salto se colloca deante dos narizes do animal; mas este nem siquer lhe toca*). Que é isto? (*Novamente salta para outra vez se collocar deante do crocodillo*). Vamos, bom crocodillo, não dês um máo exemplo. Devora-me! (*Nesse momento do corpo do saurio sáe uma voz. E' a do esposo da preciosa modistinha, que acaba de ser tragado pelo animal, quando se dirigia para seu trabalho*).

(*A voz do galante conductor do auto-omnibus, no interior do crocodillo*). — "Completo!"

PANNO

CAMI.

Concurso Sabonete EUCALOL

(Menção Honrosa)

Embora os rivaes irrite
Direi da verdade em prol:
O sabonete da elite
E' o sabonete **EUCALOL**

C. Araujo.

Maranhão — Bibliotheca Publica.

O MYSTERIO

De E. ZAMACOIS

Senhorita: si vae se casar, procure ter sempre, em sua alma, um logar de mysterio.

E' um conselho excellente, cuja importancia apparece com tanto maior notoridade quanto mais nos vamos aproximando do immenso influxo — quasi sempre bondoso — da imaginação e da superstição em nosso horizonte sentimental. A planura aborrece immediatamente. E' a monotonia das ruas rectas. Assim o humano espirito, quando não guarda altos e baixos, nem curvas, nem nada que palpite fóra da grande luz nobre e ingenua da sinceridade, cansa. Como as paizagens, al almas, para divertir-nos, precisam ser montanhosas.

Ninguem deve esquecer este culto ao mysterio, e muito menos os namorados. Para sermos sempre interessantes, presisamos levar dentro de nós, a modo de amuleto, uma sombra, um ligeiro enigma, onde a curiosidade da pessoa que amamos e nos ame colloque, para bem dos dois, um "por que".

Talvez os maliciosos vejam neste conselho um perigo, uma especie de espelho orientado para a horta onde florescem as rosas prohibidas e crueis. Farão mal. Esse recantozinho sagrado não precisa occultar nada grave, e muito menos uma traição. Embora esteja vazio, não importa. Haviamos de saber que o estava e continuaria intrigando-nos. Ao enigma, para perdurar e degenerar-nos, bastam sua sombra e seu silencio, e delle se desprende um aroma estranho, peçonhento, que exaspera nossos nervos.

Affonso Karr escreveu uma pequena novella, um pouco extravagante talvez, mas cuja matriz bem vista pelo autor de *Sob as tilias*, vem em favor e apoio de minha theoria. A trechos longos, e não muito seguros, pois de minha memoria se apagaram já muitos detalhes referirei o argumento.

A acção se desenvolve no campo. Um cavalheiro rico e sentimental ouve a voz de uma mulher, longe, na horta. A principio, não a escuta. Mas, subitamente, a toada o interessa e elle começa a seguil-a com uma inquietude crescente, que remove todo o ser. Sua emoção é tão forte, que, uma a uma, as notas se vão cravando e como que se esculpindo em seu coração. De repente, a cantora se cala e a toada baixa fica interrompida. Como termina? Qual é seu desenlace?..... Elle está certo de que só uma nota faltava á canção, para terminar. Mas, que nota milagrosa era aquella?... Seria um *mi?*.... Porventura *dó?*.... Um *fá?*...

O pobre cavalheiro rico e sentimental pergunta inutilmente a seus amigos por uma melodia que ninguem conhece. E elle, muito triste, apaixonado por ella como se poderia apaixonar pela mulher de um quadro antigo, continúa procurando-a.... O perfume dos annos bons, cada vez mais distantes.... E sempre o mesmo desejo, a mesma ansia de averiguar a nota final, a nota nunca ouvida!...

Ah! Vós, que sentisteis alguma vez a curiosidade de saber como seriam as mãos da Venus de Milo, comprehendereis bem as torturas do personagem de Affonso Karr.

No ultimo capitulo, quando já o protagonista da novella vae morrer, ouve cantar, semelhante a um brando *ritornello* de juventude, a toada famosa. Sob a reptuminosidade da manhã invernal, a melodia desfia lnetamente suas notas, que o moribundo escuta

com uma emoção que seria toda deleite si não fosse tambem toda ansiedade. Já o desenlace se aproxima. Só faltam dois compassos... Um... E, afinal, a nota tão ansiada vibra... E' um *fá* sustenido...

Algo assim, um mysterio igual, deve ter cada espirito em relação aos espiritos de quem pretende ser querido.

Homens: si visteis que vossa companheira rasgava um papel, embora esse papel estivesse em branco... E vós, mulheres, quando notasteis que vosso marido ou vosso amado bruscamente ficava triste...

Que passou por vossa alma? Não foi como uma dor? E, nesse momento em que vossa alma tropeçou com um mysterio, não sentisteis que, de repente, amaveis mais?...

O Passado Da Mulher Que Amamos

De André Le Breton

COMO sempre, eu procurava ler nella, em sua memoria. Que lhe dizia? Só me lembro de sua resposta, que me feriu no mais profundo de meu coração.

— Sim... Eu creio que era amor. Viamonos frequentemente e, para aproximar-me delle, havia travado relação com suas irmãs. Comprehendeu que o amava?... Nunca lh'o disse: meu orgulho impedia-me de o fazer... Mas quanto o amava!... Quando se afastou, suppuz que a dôr ia matar-me.

Cada phrase daquellas cahia sobre meu coração como chumbo derretido sobre uma chaga. Ella obrigou-me a olhal-a de frente e me disse:

— Que penso?

Respondi que não duvidava della, mas que minha dôr era muito grande ao saber que havia amado outro antes de mim.

— Amado! — exclamou. — Oh!... Não, não!... Não como te amo a ti!...

E, apertando seu rosto contra o meu, acrescentou:

— Por que me obrigas a falar do que está tão longe e esquecido?... E si minha sinceridade te faz mal, com ella não te demonstro meu amor?

E' verdade. E minha razão a justifica. Deve gostar muito de mim para confessar-me os mais dolorosos segredos de seu coração. E que posso reprovar-lhe eu, si meu passado é o passado de todos os homens?

Nada me disse que eu não houvesse adivinhado e, depois de uma confissão tão leal, devo amal-a muito mais que antes.

VARINHA DE CONDÃO

UMA CORRECÇÃO

No penultimo sabbado, falando do "footing" em Copacabana, aconselhavamos dois modelos de vestidos graciosos e simples, proprios para a praia e o sport... e, olhando os figurinos, deparavam nossas leitoras com umas toilettes de recepção ou visita, tendo uma dellas essas pontas esboçando caudal, tão improprias para a rua, quando muito accentuadas!

Em nossa imaginação vi-mos os sorrisos de ironia com que algumas de nossas amiguinhas, as mais entendidas em elegancias, hão de ter commentado esse disparate... Mas que não se alegrem tão depressa á custa da *Gata Borralheira*, pois a culpa não lhe cabe; houve erro da madrinha fada, representada, desta vez, pela typographia.

Não mais podemos publicar os modelos que descreviamos, porque ficaram estragados, visto estarem elles no verso dos que, por engano, foram impressos; mas aproveitamos o ensejo para tecer alguns commentarios sobre a propriedade das *toilettes*.

E' vezo commum no Brasil, favorecido pela brandura do clima, andarem as moças na rua como si fossem para um baile. Ainda ha dias, por uma quente manhã de sol, vimos uma joven, aliás graciosa, entrar em um omnibus com um traje de seda, sem mangas, bordado a vidrilhos. Não ha vestido, por mais rico e elegante, que não perca todo o valor quando mal applicado. E' preciso que nossas compatriotas se habituem a ter seus vestidos singelos, com blouzons feitos de chantung, de radium fantasia, ou senão de voile ou linho, para as sahidas matinaes, e guardem seus trajes de crêpe setim e os de veludo de seda, mórmente se de côres claras ou muito vivas, para as recepções e theatros, de onde, por sua vez, deve ser banido o costume.

E' rara uma reunião aqui no Rio, seja na rua ou numa sala, onde não impere a mais extravagante miscelania de vestimentas: desde o *manteau* de casemira ou o *tailleur* de linho até o meio decote.

Ha dias, em uma casa chic de vestidos e chapéos, assistimos á chefe do "atelier" chamar apressadamente e a rir, uma companheira, para ver uma senhora que lhe comprara ha dias um vestido de taffetá, estylo, e que acabara de passar, envergando-o triumphalmente na rua, ás quatro horas da tarde!

Damos nesta pagina tres modelos que bem frizam as differenças dos varios generos de *toilettes*.

O modelo nº 1, de Lelong, é um traje muito singelo, para sports e sahidas matinaes: póde ser executado em chantung ou jersey; o blouzon, si quizerem, será de tom e de fazenda diversos dos da saia, porém combinando com ella.

Fig. 1

O modelo nº 2 é um vestido muito chic para chás ou visitas, em crêpe setim azul marinho, enfeitado com a mesma fazenda pelo avesso. E' uma creação de Patou.

Fig. 3

O nº 3 é um modelo de Jenny, para *soirées*. E' de crêpe fulgurante branco, ornado com um delicadissimo bordado de perolas de aço, de tres tons de cinza.

ESTYLO DE MOBILIARIOS

Ha quem aprecie as bellas coisas de arte antiga... e ha tambem, os supercivilizados fanaticos de modernismos, que affectam nada tolerar do passado, e enaltecem incondicionalmente o presente, seu progresso, seus gostos, suas innovações...

Em materia de mobiliario não ha duvida que o estylo moderno é original e tem caracteristico na simplicidade cubista de suas linhas. Póde agradar a estes e desagradar áquelles, porém é pratico e commodo, com sua falta absoluta de ornamentos e recortes, com o feitio de suas poltronas, onde o corpo se amolda com perfeição, mau grado o aspecto extravagante que ellas têm ás vezes.

Para um amplo vestibulo, o mobiliario moderno vae muito bem. (Fig. 4).

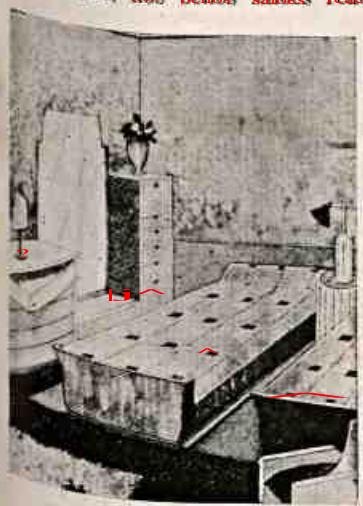
A belleza da madeira, seu polido impeccavel, fazem todo o valor desse mobiliario. O tapete não é pregado nem occupa o soalho todo; elle é cinzento com ornamentos rosa desbotado, e suas côres combinam com o papel esponjado que forra as paredes. O lindo adamascado do sofá imita um marmore verde.

Essa idéa de fazer o tapete combinar com o tom das

Fig. 2

...redes é artistico, porém os modernos que não pensam havel-o inventado.

Em Paris, nos bellos salões reaes de tectos pintados por Lebrun, havia já o costume de pôr magnificos Gobelinos, cujos coloridos e desenhos lembravam os dos tectos. Resultava disso um conjuncto maravilhoso que illuminava o aposento e lhe dava uma harmonia sem egual.

Fig. 4

A figura nº 5 apresenta um quarto de dormir original de sobra; a mesinha de cabeceira, unica, redonda, com duas lampadas, illuminando, independentemente, ambos os leitos para a leitura na hora de dormir.

A SILHUETA FEMININA

Ter a silhueta na moda não quer dizer apenas usar vestidos cortados segundo a moda actual; é preciso ter o proprio corpo modelado conforme as indicações do gosto contemporaneo.

Quem folhear figurinos e gravuras antigas não julgará paradoxal essa affirmação. A linha esthetica da mulher de hoje, bem pouco se assemelha ás graças das inspiradoras de Murillo e Raphael.

Passou o tempo das fôrmas abundantes. A Venus de agora deve ser esguia, ter os quadris finos e nenhuma barriga. Ao inverso de suas avós, que apertavam demasiadamente o estomago e alargavam as saias com anquinhas e balões, para as quaes o ideal da elegancia era a cinturinha de vespa, ella procura, deixando livre o orgão da digestão, outr'ora tão sacrificado, delinear o corpo em curvas suaves e pouco salientes.

Para isso, tem reduzido o mais possivel a grossura e o numero das roupas de baixo, até chegar á camisa-calça-combinação, que reune em uma só as tres peças antigas, ligada a saia na cintura com um "a jour" ou uma renda. Os bordados e guarnições são cada vez mais sobrios, na linha de simplicidade e clareza, que é o grande ideal moderno em tudo.

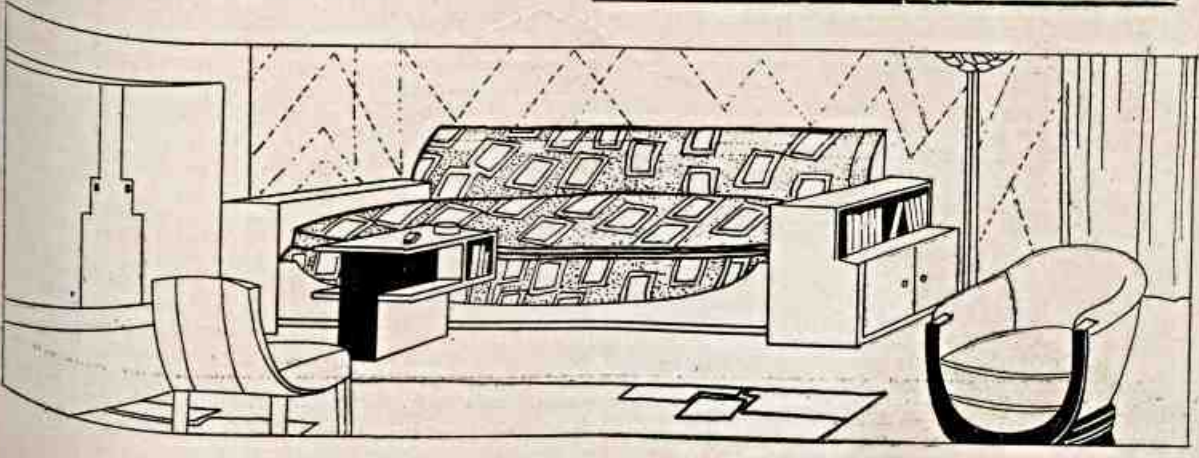
Entretanto, nem todas as mulheres chics adoptam essa reducção suprema. As americanas usam muito as "blumers", calças um pouco longas, com elasticos na cintura e na bocca das pernas, as quaes formam, a partir das meias, um conjuncto garantido que lhes permitte um tranquillo desembaraço em todos os seus movimentos.

Pode-se usar a cinta moderna directamente sobre a pelle, assim como o "soutien", e sobre ella a "blumers" e uma combinação-saia. Porém, as senhoras a quem não agrade esse systema, deverão ter o maximo cuidado em que a camisa seja de tecido muito fino, e justa no corpo, afim de evitar que façam dobras e chumaços sob as cintas e corpinhos.

Porém, todos esses refinamentos de pouco valem se a obesidade, a maior inimiga das mulheres, estiver em guerra declarada contra a pobre elegante. A gordura excessiva, ao invés de ser saude, como muita gente ainda crê, não passa de uma enfermidade, uma perturbação das glandulas de secreção interna, bodes expiatorios da medicina moderna. Sobre ella não nos compete, pois, dar regras, isso cabe aos esculapios, mas desejamos aconselhar aquellas de nossas amiguinhas que, sem estarem ainda enfermas, têm certa propensão para tão feia doença.

Antes de sacrificarem a saude, deixando de comer, modifiquem a qualidade, e não a quantidade, dos seus alimentos. Evitem as massas, os cereaes. Pouco pão, menos bolos, empadas; aborreçam as sopas de aveia, de cevada, etc. Descubram em si mesmas um gosto extraordinario pelos vegetaes e fructas; e uma inclinação razoavel pela carne e ovos. E andem, andem muito.

Ha ainda a gymnastica, que conserva e desenvolve a harmonia e a graça do corpo. Sobre os exercicios que mais convêm ás mulheres, daremos algumas indicações num sabbado futuro.

CINDERELLA

A PARTIDA DE TENNIS

DE PIERRE VILLETARD

LADY Crafter! declarou sir Thomas Crumble com um sorriso. E' uma mundana da escola moderna. Vem todos os dias aqui, pelas cinco horas, tomar chá. Não se fie comtudo em suas finas maneiras. Ha quinze annos esta joven creatura corria descalça sobre os tojos de Alabama. Partiu fortuitamente para Klondyke com os paes e alojou-se durante vinte semanas sob um telheiro de porcos. Mas seus ascendentes eram de bôa linha. Depois de ter por muito tempo brincado de cabra cega com a fortuna, encontraram-n'a bruscamente, na orla de um bosque, na corrente de um pequeno regato onde o ouro passava, rebrilhando ao sol. Foi assim que miss Maud teve bonecas, vestidos de seda, brincos, e, por cumulo, um trio de educadores que a deviam iniciar em todos os segredos da musica, da pintura, e da grammatica. Miss Maud não aprendeu tudo isso senão muito superficialmente; assassinava o "cake-walk", combinava mal as tintas e salpicava a linguagem de expressões ousadas. Aos dezoito annos, era uma maravilha. Não temos, como sabe, em materia de mulheres, as suas idéas francezas.

Era sufficiente que Maud tivesse olhos de veludo e faces frescas para encantar-nos. Esta bella rapariga proclamava o triumpho da raça vigorosa dos aventureiros. Eu a conheci no Savannah Club, onde ia todas as tardes com a sua raqueta. Desta vez encontrará a tendencia do seu temperamento. Percebi-a na extremidade do campo, lançando com gesto firme a bola que passava rente á corda. Apertada, immovel, no vestido justo de percal branco que lhe modelava o corpo, abaixava-se no momento preciso, saltava, corria, depois retomava sua pose hieratica, sob a torrente dos applausos. Só tinha olhos para os musculos, desdenhando os alfenins que erravam os golpes, cedendo ternos sorrisos sómente aos campeões.

Tive por esta rapariga uma paixão furiosa. Não se assemelhava em absoluto aos "flirts" affectados que florescem nos salões ou nas estações de agua.

Maud admirava exclusivamente a força e a agilidade, e, quando eu jogava a seu lado, experimentava brutalmente o desejo de vencer. Ella o sabia, a "coquette", e fixava sobre mim, propositalmente, os seus olhos admiraveis. Foi isso pela época em que eu preparava West-Point com Tom Crafter. Este Tom era o meu melhor amigo. Por que funesta inspiração eu o conduzi um dia ao Savannah Club? Era um jogador ardente e subtil. Agradou logo a Maud, e esta, naturalmente, deixou-o perceber. Houve immediatamente entre mim e Tom uma certa rivalidade. Maud, depressa percebeu-a, e, rapariga má que era, divertia-se com a lucta dissimulada. Levou mesmo a crueldade a ponto de pôr-nos sempre em campo contrario.

Um dia, bruscamente, chamou-me de parte. Sua mãe, disse ella, queria casal-a, deixando-lhe a liberdade de escolher um esposo que lhe conviesse. Hesitava, então, Tom ou eu? Nós lhe agradavamos egualmente, proclamava ella; mas antes de tomar uma decisão, queria pôr na balança as nossas qualidades. E' que Miss Maud era ambiciosa: desejava formar com o esposo uma *"dupla invencivel"!*

Disse-m'o com os dentes cerrados, demorando sobre mim os seus olhos sombrios e quentes. E nós dois de commum accordo acceitamos a prova que Maud nos impoz.

As condições exigiam que combatessemos de manhã á noite. O vencedor seria aquelle que mais partidas tivesse ganho no fim do dia. O menor desfallecimento asseguraria o triumpho do outro... Ah! como a alvorada era agradavel, vaporosa, no campo de tennis, com um céo pallido, e passarinhos a pipilarem de alegria! Miss Maud com uma mantilha sobre os cabellos, estava assentada á extremidade da rêde. Recordo-me de seus olhos de perolas negras que nos olhavam através da bruma. Escuto sempre sua voz frasca lançando aos ares os "well" sonoros quando a bola roçava o solo como uma andorinha. O sol erguia-se no horizonte. Eu estava levando vantagem sobre o meu adversario. Tom perdia friamente... Não sei bem em que momento a sorte começou a abandonar-me. Meu amigo, de repente, entrou a fazer prodigios. Collocara á direita um cesto de cerejas, e, mastigando as fructas, respondia a meus ataques, ganhando pouco a pouco o terreno perdido. Era a derrota. Eu a ouvi soar no azul do ar com o murmurio dos espectadores que nos rodeavam.

Subitamente, entre tres e quatro horas, um grande grito resôou. Tom acabava de cahir. Eu o vi oscillar como um individuo embriagado e tombar, vencido, emfim, sobre o solo ardente. A multidão já se lançava em sua direcção. Nessa occasião, em meio da algazarra, uma voz se fez ouvir perto de mim:

— "O coração não bate mais".

Então Tom estava morto. Tom, meu amigo, meu velho camarada! Esta revelação me gelou de horror. Immediatamente depois do desespero, a colera veio, uma colera louca, imperiosa, contra esta rapariga barbara que m'o tinha matado. Ah! asseguro-lhes que neste momento odiava Maud. Eu a percebi, de repente, em meio de um grupo, rosada, radiante, collocando nos cabellos um grampo de tartaruga. Instinctivamente, tirei o revolver e fiz fogo sobre ella. Tombou sem lançar um grito sequer.

Oh! não! exclamou Thomas Crumble com um sorriso, a historia é menos tragica, em summa, do que podem crêr. Tom Crafter, sob a ardentia do sol, tivera uma syncope apenas. Fricções energicas e um copazio de vinho restituiram-n'o á vida. Quanto á miss Maud, foi o medo sobretudo que a feriu, porque considero quasi nada o arranhão que minha bala, passando de raspão, lhe produziu na orelha. Eu estava presente quando recobrou os senditos. Murmurou:

— Foi brutal, sir Thomas. Mas ganhou a partida. Eu o desposarei.

— Semelhante cousa já não me agrada, miss Maud, — respondi friamente. — Mas estou certo que meu amigo Tom soffre ainda por sua causa. Se tem coração, é a elle que deve desposar.

Maud reflectiu dez segundos; tremeram-lhe os labios, e ao clarão ardente de seus olhos, comprehendi que estava vingado.

— Farei o que deseja, afinal, — annunciou com um suspiro.

As creaturas felizes não tem historia, concluiu Thomas Crumble. Ora, Tom e Maud depois do casamento, eram tidos como entes que se amam loucamente. De resto, desde o primeiro semestre, riscaram-me de suas relações. Se eu não conhecesse bem os homens, poderia admirar-me de semelhante procedimento; não ignoro, porém, que todos os misteres, o mais ingrato é aquelle que consiste em forjar com suas proprias mãos a felicidade dos outros.

Nos Cinemas da Avenida

Cotações: OPTIMO — MUITO BOM — BOM — SOFFRIVEL — MÁO — E . . . DETESTAVEL

FRENTE A FRENTE

DA FIRST NATIONAL

Cinema CENTRAL — Cousa para rir, sem outras preoccupações artisticas. O enredo é banal. O que realça n'esta pellicula é a interpretação, entregue a uns quatro nomes de destaque, onde estão Mary Astor, Louise Fazenda, Lloyd Hughes e Helena Boid.

D'aqui resulta que, sem haver na acção situações que prendam a attenção do publico, a interpretação consegue despertar um interesse que domina o publico. Comedia para rir, sem ser farça, tem, como todos os trabalhos do genero, umas inverosimilhanças com que a gente tem de se accommodar. Aquella tia Emilia, por exemplo, é demasiado cega para tanto a direcção do film ter abusado d'essa cegueira.

RASPUTIN E AS MULHERES

DA UFA

Cinema ODEON — E' de hontem a figura mysteriosa e quasi repugnante deste monge negro, que tanto contribuiu para a quéda do imperio moscovita e, ainda mais, para a odiosidade que o povo alimentava contra a côrte russa. Mas por isso mesmo, a realização, n'um ambiente artistico, da sua figura, é alguma cousa de difficil para não ser ridiculo.

Assim aconteceu n'um film que por ahi appareceu ha dias sobre a mesma figura. O film allemão que o Programma Urania apresentou no Cinema Odeon é alguma cousa bem differente, por isso que o que nos apparece na téla não é sómente o intrujão siberiano, mas toda a sociedade que o cercava, com todos os que odiavam, e com todos os que, fanaticamente, o adoravam. E' um retrato authentico dentro d'um quadro verdadeiro. D'aqui resulta, principalmente, o grande valor d'esta pellicula.

A interpretação de Nikolai Malilnoff é verdadeiramente assombrosa, não só pela creação material da figura, mas pelo poder extraordinario de observação que em cada gesto, em cada acção o extraordinario artista denuncia. Ninguem o superará n'esta interpretação. Dos restantes artistas, mórmente nas primeiras figuras Jack Trevor, Alfred Abel, Diana Karenne, ha trabalhos d'uma meticulosidade admiravel.

A direcção — de Martin Berger — e a technica são dignas de todo o elogio. As scenas de cabaret, na sua vertigem de *angulos*, recorda a direcção de Abel Gance. E' surprehendente. Emfim, um film a que, sem favor, se concede a

Cotação — MUITO BOM

NOS CINEMAS DA AVENIDA —— (Continuação)

TU E'S UM ANJO

DA TIFFANY-STAHL (*Programma Serrador*)

Cinema GLORIA — Uma bella partida de *golf*. Os apaixonados do famoso jogo sportivo, se soubessem da sua existencia, teriam cahido lá em peso. Este film pertence ao chamado genero escolas. De resto, só as primeiras partes nos apresentam esse caracter, que mais de metade da pellicula bate sobre a technica d'um admiravel jogo de *golf*, trabalhado com uma nitidez, que até os profanos como nós o vamos seguindo com interesse e vibramos para a solução final, que afinal já é esperada. Em resumo, não se trata d'uma grandiosa pellicula nem foi apresentada com taes disposições. Mas é um trabalho, no genero, que honra a Tiffany.

Cotação — SOFFRIVEL

LUCTA DOS SEXOS

DA U. A.

Cinema CAPITOLIO — Só os grandes mestres têm o talento bastante para fazer d'um enredo banal uma obra de alto merito. Este film da United, a que Griffith insuflou a força do seu genio, é um argumento banal, dentro d'um scenario que lhe segue as pisadas. Personagens: um coronel, a amante e o gigolô. Estes tres titeres humanos, que cruzam comnosco na rua todos os dias; que têm sido batidos e rebatidos no palco e na téla; tomam, no fim, dirigidos por Griffith, verdadeiras modalidades dramaticas. Vêr este film é receber uma lição soberba de arte da tela Ha detalhes d'uma elevadissima expressão; apontemos, ao acaso, a scena do anniversario da esposa, quando o marido lhe entrega uma pulseira de alto preço. O contraste das duas expressões, a expressão da esposa, principalmente, são de tal maneira eloquentes na sua psychologia, que não ha necessidade de explicações de legendas. A scena fala por si. De resto, esta pellicula podia vêr-se da primeira á ultima parte, sem a necessidade de um letreiro, tão humana, tão real, tão expressiva ella é. A interpretação é soberba, mormente por parte de Belle Bennett, sempre uma grande artista do sentimento; Jean Hersholt e Sally O' Neill.

Da technica não ha senão que dizer bem. Basta apontar-se a scena da tentativa de suicidio da esposa, e a *doublure* que precede a primeira entrada de Hersholt no quarto da amante, com uma superposição photographica. Emfim, um film que consola de muita banalidade.

Cotação — MUITO BOM

MELLE. D'ARMENTIERS

DA METRO

Cinema GLORIA — Supponhamos que este film nos apparecia ahi por 1926. Seria um successo, não diremos estrondoso, mas muito sensacional. Mas deram-nos primeiro *Big Parade*, e, ao vermos este film da Metro, lembrámo-nos extraordinariamente d'aquelle e tivemos saudades. Mas pondo de parte esse manifesto decalque, esse aproveitamento de episodios bem cos, essa repetição de situações — aquella mulher que cae na estrada por onde passaram as forças — o film tem seu valor proprio, quer pela delicadeza do enredo, quer pela originalidade do scenario, quer pelos typos que aqui e alli nos surgem bem desenhados. A technica não tem novidade, exactamente pela circumstancia acima apontada. A direcção é bôa, marcando com muita felicidade o episodio da canção do velho soldado, *refrain* bem incrustado na acção.

Cotação — BOM

ESPIRITO ALHEIO

O pae (referindo-se á sogra, que vem prolongando demasiadamente, a estadia em sua casa): — Não sei como fazel-a comprehender! Já ha quatro horas que o Jorgito faz correr aquelle tremzinho ao seu redor...

— Pódes emprestar-me uns cincoenta mil réis?

— Impossivel, meu caro. Sinto muito, mas minha esposa exigiu que eu lhe désse todo o dinheiro que tinha para comprar-me um agazalho...

O novo vigilante: — Estes individuos me causam suspeita. Não seria melhor dar aviso á policia?

PRETENSÃO

Empregado: — O senhor poderá dispensar-me amanhã? Desejaria acompanhar um enterro...

Patrão: — Enterro!? De quem?

Empregado: — Seu!

A dona da casa: — Este anno teremos uma ceia muito modesta na noite de meu anniversario natalicio, Maria.

A cozinheira: — Assim o creio. Vou deixar sua casa na vespera...

— E seu marido, não veio hoje?

— Não tarda muito. Está amarrando meus sapatos.

LA GRANDE MAISON DE BLANC

PLACE DE L'OPERA
PARIS

DEAUVILLE — NICE
LONDON — CANNES

ROUPA DE MESA E DE CAMA

ROUPA BRANCA
DESHABILLÉS
ARTIGOS DE MALHA
ENXOVAES

La Grande Maison de Blanc não tem succursal na America

ARTIGOS ESPECIAES D'ALGODÃO, LINHO E SEDA PARA TRABALHOS DE SENHORA

ALGODÕES PARA BORDAR	D·M·C	ALGODÕES PERLÉS...	D·M·C
LINHAS PARA COSER ...	D·M·C	ALGODÕES PARA TRICOT .	D·M·C
ALGODÕES PARA PASSAJAR	D·M·C	CORDONNETS....	D·M·C
SEDA PARA BORDAR ...	D·M·C	FIOS DE LINHO..	D·M·C

TRANÇAS D'ALGODÃO D·M·C

DOLLFUS-MIEG & Cie, SOC. AN.
MULHOUSE - BELFORT - PARIS

Os productos da marca D·M·C vendem-se em todas as casas de retrozeiro e trabalhos de senhora.

ANTES — DEPOIS

Resultado obtido pelo uso das

PILULES ORIENTALES

Bemfazejas - Reconstituintes
(Appr. D.N.S.P. sob o Nº 87 em 26-6-191...)
Exigir o frasco de origem sobre o qual devem figurar o nome e o endereço de
J. RATIÉ, *Pharmaceutico*
45, Rue de l'Echiquier, PARIS
Agente Geral: A. DE COURNAND
87, Rua dos Ourives, *Rio de Janeiro.*
A venda em todas as Pharmacias.

É agora a sua opportunidade

de fazer uma experiencia da Pepsodent a preços reduzidos. Convença-se de que ella effectivamente remove a pellicula escura que lhe cobre os dentes e os deixa de uma deslumbrante brancura

ARGANAZ SACRIFICADO

ESTAVA o casal a resonar. Subito, ruido estranho o desperta do somno.

— Ouviste? — pergunta ella.

— Ouvi, — responde elle.

— Que será? — insiste.

— Talvez algum automovel na rua.

— Não; a cousa é dentro de casa.

— Esperemos. Não fales.

Dali a pouco, outro ruido.

— Ouviste?

— Sim.

— Será ladrão?

— Acalma-te, filha!

— Valha-me Nossa Senhora!

— Acalma-te! E's tão energica...

— Sim. Não tenho mêdo de nada neste mundo. A unica cousa que me apavora é a idéa de me encontrar algum dia com um ladrão. Valha-me Nossa Senhora! E' ladrão que temos em casa...

— Si é gatuno, veremos já.

Pula da cama o marido, bello militar, muito valente, e desembainha a espada.

— Eu vou tambem.

— Sabes? Estou na convicção de me ir encontrar com algum rato. Tenho aversão a essa especie de roedores. Chego a ter-lhe mêdo... mêdo de facto! — confessa elle.

— Pois rato eu mato brincando!

Sae o official afoitamente, e ouve passos depressa na escada. Desce, enristando a arma, acompanhado pela esposa.

Em baixo, não vêem ninguem. Percorrem toda a casa. Tudo em perfeita ordem.

Param os dois no vestibulo, e olham-se a modo a perguntar um ao outro:

— E agora?! Que mysterio é este?

Nesse meio tempo ouvem um estalido na sala de visitas. Dirigem-se novamente para lá. Manobram de novo a chave das lampadas electricas daquelle compartimento. Luz! Enorme rato, legitimo arganaz, com ousadia, passeia de um lado para outro, como que tendo por cousa de pouca importancia a presença do casal.

O official, que se acha tão bem disposto, tão cheio de coragem e ás vezes com sanha para topar o gatuno e dar-lhe voz de prisão, sente arrepiarem-se-lhe os cabellos ao defrontar o estranho rato; mas entra na sala, e provoca-o com a espada na dextra. Consoante parece á esposa, tem aquelle para si que o homem o recela, e acommette-o rangendo com os dentes á mostra. Recúa o official, e sóbe a uma cadeira.

DE

HURMINO LYRA

A senhora tranca a porta da sala, e vae munir-se de um cabo de vassoura. Volta, e apresenta-se disposta a liquidar o caso. Pede ao marido deixal-a só, afim de agir com mais desembaraço, e investe firmemente contra o rato. Este, consoante lhe parece, tem agora para si que a mulher não o receia, e enche-se de temor.

Sorri a senhora, a glorificar-se do feito heroico que tem e mprespectiva, e fustiga-o com o cabo de vassoura; e accommoda-se elle encolhido, por timidez, a um dos angulos da sala.

Espera que o roedor saia do canto; mas, por vontade delle, não ha tenções de se afastar dali.

Vareja-o rijo. Corre o arganaz para o meio da sala, e a chiar, a chiar, fica em pé nas patinhas trazeiras, une as patinhas deanteiras como quem pede misericordia com as mãos postas.

A humilhação do pobre rato abranda-lhe o intento, fal-a enternecida; compadece-se delle, e dirige-se ao marido:

— Vem cá!

— Estás com mêdo?!

— Não. Vê a posição do bichinho! Como está elle em pézinho, a gritar... Tenho para mim estar pedindo que não o mate! Coitadinho!...

— Deixa-te de fitas, meu bem!

— Não nos causou damno algum em casa; certamente anda á procura de alimento, porque tem o direito de viver como todos nós; certamente farejou e anda á cata daquellas excellentes conservas riograndenses, riograndenses Cunha Amaral, que abri nos hoje para a ceia...

— Deixa-te de fitas, meu bem!

— Queres então que o mate?

— Mata!

A modo comprehende a sentença irrevogavel, definitiva proferida contra elle: grato renuncia o beneficio da bôa senhora, e, já em silencio, resignadamente abaixa a cabeça. Não obstante se achar visivelmente commovida, ella com mãos firmes dá-lhe certeira e fortissima pancada; cae o rato estendido ao comprido, a tremer, a tremer desde a cabeça até a ponta da cauda...

*

* *

Representa este conto scenas naturaes. Saturado de realismo ao ponto de vista literario, é com verdade authentico. Emtanto, subtilizando artisticamente a narrativa, poderia o estranho roedor vir a ser um symbolo: quanto sonho desfeito por coração compadecido... quanta renuncia... quanto argaz sacrificado...

A Noiva

DE RENÉ BIZET

ÃO existe prazer maior do que o que desfructo ao chegar a uma cidade desconhecida. então experimento verdadeiramente o sabor da liberdade e da obediencia á phantasia: caminho ao acaso pelas ruas, não quero saber que hotel me hospedará, não pergunto nada a ninguem. Envolvo-me na sensação de perder-me, de julgar-me um menino que não tem medo, de parecer-me que espero encontrar uma aventura á volta de cada esquina de rua.

Mas chega o momento em que me sinto cansado, em que preciso repousar. Então, me dirijo a um bom hotel, onde me installo, pensando que, sem tel-o apenas visto, o abandonarei no dia seguinte, para recomeçar minha vagabundagem, no caso de náda me reter na prisão que escolhi para mim, porque creio sempre que algo eventual se ha de produzir para transtornar o curso de minha vida monótona e fazer de mim o herõe de uma comedia ou de um drama.

Em tal disposição de animo, tomei posse de meu quarto no Hotel Beffroi, de Tournai, justamente no momento em que, á força de vagar pela capital do Hainaut, muito tranquillo, era presa de uma profunda melancolia. Cahia uma chuvinha transparente, as torres da enorme cathedral, envoltas nos véos que, como uma neblina crystalina, desciam das nuvens, pareciam que sustentavam o céo baixo, e as ruas brilhantes reflectiam luzes loucas, postas ali como que para velar um morto.

Uma criada esteve dando voltas em torno de mim, silenciosamente. Um velho porteiro subiu minha bagagem: vesti-me um pouco decente, e cheguei á hora do almoço.

•

UM grande salão de jantar, forrado com um tapete de grandes folhas verdes. Criados com rostos de funerarios. Era eu o unico hospede que ali estava. Em meio do salão haviam sido collocados uns vinte pratos sobre uma grande mesa.

Perguntei timidamente ao mordomo:

— E' um banquete?

— Não, senhor. Um almoço de noivos.

Promettia ser alegre, nesse ambiente lugubre. Mas — pensei — não estarei só, e me divertirei observando a physionomia dos convidados. Não esperei muito, pois dentro de poucos minutos via entrar lentamente, um magno cortejo: pessoas em traje de festa — não menos ridiculas, por outro lado, que as que se costumam ver em Paris — o infallivel par de crianças, e depois os noivos. Pude vêl-os bem quando se sentaram, occupando o centro da mesa, um ao lado do outro, e fiquei verdadeiramente maravilhado deante da figura della: ostentava um vestido malva, sem adornos e sem rebuscamentos. Seus cabellos eram loiros, e os olhos eram os olhos mais azúes e mais ingenuos que ainda me foi dado admirar. Suas faces tingidas de rosa infundiam á sua candura um não sei que de religioso, e de terno ao mesmo tempo. Tanto, que não me cansava de contemplal-a.

O futuro marido, em compensação, rubincudo, herculeo, era o typo perfeito do homem grosseiro. Não havia delicadeza alguma em seus gestos. Nos momentos de expansão, batia com a mão pesada nas costas da joven, como si acariciasse um cavallo. Ria rumorosamente, bebia de um trago o conteúdo de seu copo, e era de pouca conversação. Parecia incapaz de dizer duas palavras seguidas.

Até ali tudo era vulgar: os casaes mal combinados não são raros, e conhecia diversos protagonistas de idyllios burguezes. Facil era adivinhar como se havia realizado a operação: a joven era sacrificada pela familia, para garantir aos paes uma velhice tranquilla...

Não me havia, pois, commovido mais do que devia. Continuava comendo e pensando no passeio que faria no dia seguinte, promettendo-me mil sorrisos do céo e das mulheres. Mas, de repente, um grito de dôr da noiva me fez levantar a cabeça.

— Machucaste-me! — exclamou a joven.

— Como és delicada, Alma! — disse o estranho galã.

Na mesa todos riram prolongadamente.

Foi porque tão tomei parte nessa alegria geral, que a noiva dirigiu para mim seus olhos dulcissimos e me enviou um triste sorriso? Talvez. Mas, de qualquer modo, desde aquelle momento nós o trocámos, sem que ninguem o observasse, nossos mais secretos pensamentos: era um dialogo mudo, terno e discreto, pleno de esfumaturas e de matizes, que as palavras não poderiam traduzir. Um dialogo que nos unia. Eu já sabia seus soffrimentos, os pacientes esforços de sua resignação, seus desejos de fugir, de abandonar toda aquella gente que a tratava impiedosamente, aquelle noivo brutal, que não havia tido suas confidencias nem obtido seu amor... E sabendo ella sua dor e minha comprehensão, sentia que estava eu disposto a tudo para dulcificar seu tormento, e que encontrára, por fim, alguem que a libertaria de seu supplicio. Não havia nada externo entre nós, mas sentia eu a impressão de tel-a sentada ao meu lado. Sentia sua respiração leve em meu rosto, e sobre as mãos a caricia de suas mãos frescas. Parecia-me que me bastaria pôr-me de pé para que ella me seguisse até o fim do mundo.

Não resisti mais: abandonei minha mesa, e tomei a porta. Não me surprehendi ao vel-a atraz de mim, no corredor que levava ao salão de leitura. Não me disse nada no primeiro momento: offereceu-me seus olhos inundados de esperança.

— Não posso mais — murmurou depois.

Eu já o sabia. Não precisaria dizer uma palavra: abrir a porta, tomal-a em meus braços, em poucos minutos seriamos donos de nós...

Mas ouvi uma voz que chamava:

— Alma! Alma! Onde estás?

As cousas me bailavam em torno. Eu tremia como si estivesse para commetter um crime.

— Alma! Alma! — foi ella chamada dessa vez em côro.

Hesitou ella tambem em ouvir seu nome. Beijei-lhe os dedos frageis, e disse:

— Adeus, senhorita.

Ella se afastou, sem vacillar. Vi sua silhueta delgada perder-se nas sombras do corredor, como si se precipitasse em um abysmo.

Paguei minha conta no hotel, e deixei Tournai essa mesma tarde.

M. C.

Primeiro Amor

De FREDERICO BOUTET

HAVIA um anno que Juliano Cartier era secretario do senhor Diviére, e desde essa mesma época estava apaixonado pela esposa de seu chefe. Aquelle sentimento se havia apoderado delle desde o primeiro dia em que se encontrou com ella.

Juliano tinha, então, dezoito annos. Educado por um pae severo, que acabava de morrer arruinado, tudo ignorava da vida, que encarava com uma apprehensão quasi espantada, mas tambem com uma viva sympathia, mostrando-se todo romantico, que fazia rir seus companheiros. Obrigado a trabalhar para poder custear seus estudos, havia sido apresentado, por um amigo commum da familia, a mr. Diviére, homem rico e ocioso, que julgava opportuno, de vez em quando, e para disfarçar sua ociosidade, publicar estudos sociologicos que ninguem lia.

Juliano, em seu chefe, só vira, a principio, um colosso de cabello avermelhado, ás vezes brusco e outras vezes cordial. Mas, na esposa de Diviére encontrou reunidas todas as graças e todas as seducções.

Quando lha apresentaram, com a benevolente indulgencia que se tem para com os inferiores, Juliano não se havia atrevido a levantar os olhos, e respondeu balbuciando ás amaveis phrases que lhe dirigira Rosalia.

Depois, a via diariamente, porque almoçava na casa do patrão, e sua paixão foi augmentando. Com fervor concentrado, com ingenuidade de menino exaltado, desejaria realizar por ella grandes façanhas, sacrificar-se, morrer, si preciso fosse, para que ella o admirasse.

Como era formosa!... De soslaio, a olhava amorosamente, querendo-a comer com os olhos, admirando seus cabellos negros, seus olhos claros, a brancura de sua cutis, as linhas de seu corpo...

Cada dia augmentava seu amor. A' noite, quando regressava á sua modesta casinha, dizia á sua mãe que tinha que trabalhar, e se encerrava em seu quarto para pensar nella, escrevendo apaixonadas phrases em folhas de papel que depois rasgava, temeroso de que alguem as visse.

Passaram-se as semanas, os mezes, e Juliano, cada dia mais apaixonado, se tornára menos timido. Agora já se atrevia a responder, quando Rosalia lhe falava. A's vezes, entrava a joven senhora na bibliotheca onde elle trabalhava, para pedir um livro ou algum dado, e outras vezes ficava uns minutos conversando com o secretario.

Tremendo, Juliano aspirava o perfume subtil daquelle corpo, a esbelteza do talhe...

Um dia, Rosalia entrou muito triste, preoccupada... Que occorreria?... Certamente, Diviére não sabia apreciar seus encantos, fazel-a feliz.

Frequentemente, o secretario achava seu chefe iracundo ou taciturno, e respondendo apenas por monosyllabos. Sem duvida, aquelle lar não era feliz. O marido infame devia abandonar ou enganar aquella esposa encantadora.

Juliano experimentou, com esse facto, uma violenta indignação e uma indizivel alegria. Desde então seu amor se modificou, deixou de ser uma chimera sem esperança, uma loucura quasi sacrilega que nem perante a morte se atreveria a revelar.

Quando lhe occorreu a idéa de escrever-lhe — nunca se atreveria a falar-lhe de viva voz — elle a repelliu a principio, espantado de sua propria audacia. Mas a idéa se affirmou, se impoz. Rosalia andava cada vez mais triste e Diviére mais brutal. Sahia muito, abandonando a sociologia, e durante as refeições se mostrava muito taciturno.

Juliano escreveu a Rosalia. Começou a carta seis ou sete vezes, julgando-a inexpressiva, fria e ridicula. Conseguiu, por fim, depois de varias noites de trabalho, escrever umas paginas que o deixaram satisfeito. Continham grande quantidade de phrases ardentes e poeticas que eram um hymno á belleza da amada, um canto de amor e de sacrificio. O conjuncto, impreciso, bem se podia tomar — sem que o rapaz notasse — como a primeira declaração de um desconhecido ou como a effusão de um amante que levanta um hymno á sua felicidade.

Juliano releu a carta, e não por prudencia, mas por timidez, a escreveu á machina e não a assignou. Rosalia adivinharia que era delle, iria vêl-o mais a meudo na bibliotheca, falar-lhe-ia mais demoradamente, com mais intimidade...

Quantas vezes suppunha ler em seus olhos uma ternura, que era como uma especie de resposta á paixão com que elle a olhava!

Juliano copiou a carta, uma manhã. Foi á casa de Diviére, trabalhou e almoçou só, porque o casal passára o dia fóra. E, ao retirar-se ás seis da tarde, como de costume, se deteve um momento no vestibulo. Havia ali duas bandejas de prata: uma para as cartas do senhor Diviére, e a outra para as de sua esposa. Juliano poz a carta nesta ultima e depois sahiu correndo para fugir ao desejo de apanhal-a de novo e rasgal-a.

Passou uma noite de insomnia, de angustia, de gloria, de esperança, de ansiedade. Que pensaria, que diria Rosalia?... Pediria que o despedissem?... Que o expulsassem de sua casa?... Ou cahiria em seus braços?

No dia seguinte, pallido, febril, se apresentou em casa de Diviére. O criado abriu-lhe a porta, e só em ver a cara do empregado comprehendeu o secretario que algo de anormal occorria em sua casa.

— Entre depressa na bibliotheca — disse-lhe o criado. A cousa está preta: o patrão teve com a patrôa uma scena espantosa. Parece que por causa de uma carta que encontrou... Uma carta de amor. E, como a patrôa não quiz dizer de quem era, elle se tornou uma féra. Afinal, isso não nos importa, nem ao senhor, nem a mim. Apenas lhe aviso.

Juliano pensou em fugir, mas seu orgulho e seu amor a Rosalia o contiveram. Subiu á bibliotheca e installou-se em seu logar. Estava transtornado, espantado... Que fazer?... Ouvia, através das paredes, os gritos de Diviére e, ás vezes, a voz quasi apagada de Rosalia. Sem duvida ella negava, não queria denuncial-o... Ou talvez não soubesse que a carta era delle, e então como deixar que a accusassem injustamente? Seria monstruoso, indigno!... Devia dizer a verdade a Diviére, declarar que a carta era sua. Não podia vacillar, guardar silencio... Isso era uma covardia.

Não!... Não queria ser covarde deante de Rosalia, a quem tanto amava.

Tremendo ante a idéa de affrontar a situação, levantou-se; mas

A Inutilidade

De Valentim Furtado

ERNESTO Soares ficou orphão de pae e mãe quando apenas havia completado os quarenta e tres annos.

Filho de um empregado que durante toda a sua vida sustentou honrosamente, com seus honorarios, o esplendor da familia, Ernesto Soares, ao morrer seus progenitores, viu que carecia dos mais elementares meios com que fazer frente a suas necessidades. Educado em um ambiente de mimo e bem estar, seus paes não se haviam preoccupado nem por um instante de procurar-lhe um futuro. Não tinha officio nem beneficio. Carecia de aptidão e de caradurismo para viver á custa do proximo, e, por não servir mais para nada, nem siquer servira para casar com uma mulher rica.

Resultado: Ernesto Soares era o que se chama uma verdadeira calamidade, e, por isso, o futuro, para elle, se apresentava de uma inquietante negrura.

Durante os tres ou quatro mezes que se seguiram á morte de seus paes, Ernesto Soares conseguiu ir vivendo á custa da venda dos moveis de sua casa. Hoje, *queimava* o guarda-louça, o que lhe permittia comer quente durante um par de semanas. Amanhã, era o espelho grande da sala de visitas, depois o linoleum do corredor, afinal os utensilios da cozinha. Pouco a pouco se foi desfazendo de tudo o que encerrava a casa paterna. Desappareceram os retratos, as cadeiras, as mesinhas de cabeceira, o guarda-casacas, a cama e tudo aquillo que representasse algum valor ou do que pudesse tirar a menor quantia.

Até que, afinal, chegou o dia em que nada mais tinha para vender.

Então, Ernesto Soares pensou em seu futuro.

— Não ha outro remedio senão dedicar-me a alguma cousa — disse comsigo. — Vou trabalhar. Vou procurar emprego.

Ernesto Soares se poz a comprar todos os jornaes para ler avidamente as secções de annuncios. Pretendeu o cargo de continuo de uma agencia de seguros, o de copeiro de uma casa aristocratica, o de *garçon* em um restaurante chic, o de *chauffeur*, o de agente de publicidade. Mas não conseguiu nenhum.

Pessoas de mais aptidão, mais activas ou mais recommendadas que elle, açambarcaram todos os cargos em que Ernesto Soares pudesse ganhar o seu sustento. Já era cousa sabida: quando, immediatamente depois de ter lido algum annuncio offerecendo emprego, elle corria a pedil-o, sempre o recebiam com o mesmo estribilho:

— E' impossivel. Agora mesmo acabamos de admittir um que veiu primeiro. Si o senhor chegasse cinco minutos antes, estaria empregado. De qualquer fórma, si quer... póde deixar-nos seu endereço.

Até que, afinal, não sei de que maneira, Ernesto Soares conseguiu ter sciencia de que, proximamente, iam vagar uns logares de guardas nocturnos. Certificou-se de todos os requisitos necessarios para adquirir um, e foi *caval-o*.

E esperou.

Fosse por milagre, ou por casualidade, ou, o que é mais certo, pela simples razão de pouco ter feito para conquistal-o, o certo é que uma manhã, de repente, ao folhear o jornal, se encontrou com a agradavel surpresa de ver seu nome na lista dos individuos admittidos para cobrir as referidas vagas.

"As pessoas cujos nomes aqui se acham — dizia a nota do jornal — deverão apresentar-se no Commando Geral da Guarda Nocturna, afim de serem submettidas a exame de saude. Depois disso, aquellas que houverem sido declaradas uteis, por não soffrerem enfermidade prejudicial a seu serviço, receberão suas nomeações definitivas."

Ernesto Soares compareceu ao Commando da Guarda no dia designado para o exame de saude, e eis o que são a fatalidade e a desgraça dos homens: foi declarado inutil.

"Examinado, Ernesto Soares — dizia a informação dos medicos — demonstrou não ser util para desempenhar o cargo de guarda nocturno, por soffrer de insomnia."

PRIMEIRO AMOR

(Conclusão)

* * *

de repente, cessaram as vozes, ouvia-se o barulho de uma porta e depois passos bruscos, precipitados. Diviére empurrou violentamente a porta e entrou. Sem ver Juliano, se approximou de sua secretária e, atirando a carta sobre a mesa, ficou olhando-a fixamente, apertando os punhos.

Livido, com a bocca resequida, Juliano se approximou. E disse:

— Senhor Diviére, essa carta é minha.

Diviére olhou-o, assombrado.

— Sim, escrevi-a eu — proseguiu o moço. Digo-lh'o para acautelar suas suspeitas. Amo a senhora Diviére e me permitti esse atrevimento ... Comprehendo que me deixei arrastar por minha paixão, mas nunca lhe havia dito nada, nem uma palavra... Hontem escrevi a carta e a puz na bandeja do vestibulo... Sou culpado, senhor Diviére, mas dona Rosalia é em absoluto innocente. Estou ás suas ordens.

E, tremendo, mas cheio de altivez, esperou a resposta.

A cara de Diviére reflectia o espanto mais completo. E, de repente, o homem se poz a rir a bandeiras despregadas e sua pesada mão cahiu sobre o hombro de Juliano, brutalmente, mas com gesto cordial.

— Ah, rapaz! — exclamou. — Bem podes dizer que me tiras um peso do coração! Era tua a carta? Deves comprehender que isso não tem importancia, nem para Rosalia, nem para mim... Quando penso que eu tinha a certeza de que a carta era de Gastão Auvrand, e de quem tanto ciume tenho... Que alegria me dás, rapaz!... E com minha mulher hei de me arranjar para que me perdôe.

Juliano não sabia se exultar por aquelle final ou resentir-se pela humilhação.

Subito, a porta se abriu e entrou Rosalia, com traje de rua e chapéo. Estava muito pallida, mas seu aspecto era decidido.

— Vou-me embora — disse a seu marido. — Amo Gastão Auvrand, é verdade, e elle é meu amante. Vou ter com elle. Vacillei antes em fazel-o, por consideração para com você, mas sua brutalidade, a scena abominavel que acaba de fazer-me me decidiram. No mais, suas censuras eram injustas, porque essa carta não é de Auvrand, e eu não sei de quem é... Talvez você mesmo a tenha escripto para atirar-me um laço e fazer com que eu confessasse... Pois bem: póde ficar satisfeito... Já o confessei e me vou embora. Minha vida, aqui, a seu lado, já não seria possivel. Amo Gastão Auvrand, elle é meu amante e vou ter com elle.

Rosalia disse isso, e sahiu. Diviére estava tão transtornado, que nem se lembrou de detel-a.

— Mas, que disse? — balbuciou voltando-se para Juliano.

Este, no emtanto, debruçado sobre a mesa, soluçava desesperadamente...

M. C.

PEÇAM AMOSTRAS GRATIS A'

PERFUMARIA LOPES

RIO — P.ça TIRADENTES, 34-36-38
— RUA URUGUAYANA, 44
— AV. RIO BRANCO, 134
S. PAULO — R. S.ta ANDRÉ, 20

Pela sua inconfundivel perfeição, elegancia, durabilidade e bom gosto, FOI O UNICO que obteve a mais alta classificação na Exposição Internacional do Centenario da Independencia do Brasil em 1922: *Hors Concours.*

A' venda em todas as bôas casas da Capital e dos Estados.

FABRICA

FERREIRA SOUTO & C.

Rua Fonseca Telles, 18 a 30.

— RIO DE JANEIRO —

GARANTIDA COMO É A ACÇÃO DO

excellente depurativo-tonico

LUESOL

de SOUZA SOARES

certamente deverá ser elle o medicamento preferido pelos numerosissimos portadores da terrivel syphilis (adquirida ou hereditaria), pois é positivo que com o seu uso chegarão ao resultado desejado, isto é, recuperarão a saúde e o bem-estar.

A' venda nas principaes drogarias e pharmacias

Dame Française

ENSEIGNE SON IDIOME AVEC METHODE TRÈS FACILE, AU DOMICILE DES ÉLÈVES.

Telephone B. M. 2338

OS SOFFRIMENTOS DIGESTIVOS INTOLERAVEIS

. . .

Logo que os alimentos penetram no estomago são esses submettidos á acção do suco gastrico. Se, como muitas vezes acontece, ha um excesso de suco gastrico ou de acidez os alimentos fermentam e conservam-se por muito tempo no estomago provocando soffrimentos algumas vezes intoleraveis. N'este caso um sal alcalino, tal como a Magnesia Bisurada, dará um allivio quasi immediato, porque tendo sido doseado conforme os calculos scientificos, elle neutralisará o excesso de acidez e permittirá ao suco gastrico de preencher a sua funcção normal. A Magnesia Bisurada, pelo seu papel de pó absorvente, protege igualmente as paredes do estomago contra a acção irritante do suco gastrico hyperacido. A Magnesia Bisurada dá um allivio notavel em todos os casos de eructações acidas, azias, flatulencia, pesadumes e outros mal-estar occasionados por um excesso de acidez. Em todas pharmacias.

anti-**EPILEPTICO**

Combate todas as Affecções nervosas.

É nos mais graves casos que elle alcança mais exito.

JULIEN & ROUSSEAU, Caixa 484, RIO DE JANEIRO

Appr. D.N.S.P. Nº [illegible], 5/12/1922

O COLLAR PERDIDO

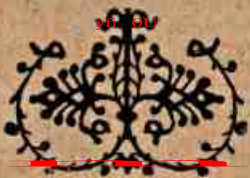
De JULIO DEMOLLIÈRES

QUANDO, naquella tarde, como costumava, se apresentou o senhor Villarosa em casa de sua amiga a senhorita Poulette, antiga corista de opera, encontrou esta em amargo pranto.

— Que é isso, Poulette? Porventura a incommódo?

— Oh, não senhor!

— Confesse-me, então, qual é a causa de sua magoa.

— Pois bem — exclamou a joven. — Perdi meu collar de perolas! Tenho um desgosto horrivel!

— Como?! — disse o senhor Villarosa. — Aquelle collar que era lembrança de su afamilia?

— Exactamente: aquelle que me offereceu minha mãe, tres dias antes de morrer.

— E como o perdeu?

— Não o sei bem. Senti falta delle ao regressar da casa de uma amiguinha. Provavelmente ao tomar o "taxi" que me trouxe, o perdi.

— Precisa pôr um annuncio nos jornaes.

— Isso mesmo pensei eu... E ao mesmo tempo acho que se deveria offerecer uma bôa recompensa a quem mo trouxesse.

— Muito bem. Offereça um conto de réis. Eu, si o collar apparecer, os darei com o maximo prazer.

— Agradeço-lhe de todo o coração, senhor Villarosa! Mas a recompensa me parece pequena. Meu collar vale quarenta contos e é muito pouco provavel que se resolvam a devolver-mo só por um conto.

O senhor Villarosa comprehendeu que o collar de Poulette não appareceria nunca, já que quem o houvesse encontrado não seria tão tolo que tivesse a lembrança de devolvel-o. E, pensando que era occasião de mostrar-se generoso sem ter que tocar no bolso, exclamou:

— Então, quanto acha que se deve offerecer?

— Pelo menos quatro contos de réis.

— Está bem. Ponha o annuncio, e offereça os quatro contos.

— Oh, muitissimo obrigada!...

O senhor Villarosa pensou que a pobre Poulette não tornaria a vêr seu collar, e não mais se lembrou do assumpto.

A mesma scena se foi repetindo, embora separadamente, com o senhor Piave, com o coronel Dupont e com o senhor Devilliers. Todos elles se promptificaram a offerecer os quatro contos como recompensa á alma bondosa que se apresentasse a devolver o collar da pobre Poulette, convencidos de que não haveria ninguem tão candido que o fizesse, e de que assim podiam ter uma occasião gratuita de mostrar-se generosos.

Mas, poucos dias depois, todos se viram, successiva e desagradavelmente, surprehendidos pela scena seguinte:

— Meu querido amigo!

O collar appareceu! Uma bôa mulher o encontrou e está na sala de espera aguardando a recompensa promettida.

E ahi estava, com effeito, uma velha senhora que entregava o collar e recebia o premio de seu gesto digno, e, além de mais, felicitações daquelles cavalheiros que elogiavam seu honrado proceder.

E, ainda por cima, diga-se de passagem, não deixou de receber uma gratificação pelo excellente ardil que lhe occorrera para tirar de apuros sua sobrinha, a encantadora e sympathica Poulette...

VERSOS

FATAL DESCUIDO

Deus modelou-te a plastica impeccavel
Com o carinhoso esmero de um artista;
Aos olhos deu-te um brilho incomparavel
E á face uma belleza nunca vista.

Deu-te essa graça angelica e adoravel
A' qual nenhum mortal ha que resista,
Pois destinou-te, é certo, indubitavel,
Dos corações humanos á conquista.

No emtanto, essa obra fulgida, invejavel,
Teve um grave defeito, infelizmente,
Uma falha, talvez irreparavel!

E' que, nesse trabalho tão perfeito,
Elle esqueceu-se, deploravelmente,
De collocar-te o coração no peito...

WALDEMAR GUARACY.

CRIANÇAS

A SAUDE E ROBUSTEZ CONSTITUEM UM COMEÇO DE FORTUNA
E DEPENDEM QUASI SEMPRE DOS PAES.

DYSPEPSIAS
VOMITOS ?

PEPSIL

(Tri digestivo) papaina — pancreatina — maltina.

DIARRHÉAS
ALIMENTARES ?

CAZEON

Caseinato de calcio, alimento e poderoso medicamento.

TOSSE
GRIPPE
COQUELUCHE ?

HUSTENIL

(Gottas) aconito, belladona, bromoformio e codeína

SYPHILIS
PEREBAS
ÉCZEMAS ?

LACTARGYL

mercurio e vitaminas B e C

TUBERCULOSE
Fraqueza pulmonar
RACHITISMO
CARIE DENTARIA ?

NEO-AMINAZIN

calcio-phosphoro e vitaminas A, B, C e D
(O mais energico recalcificante)

FARINHA
14 VARIEDADES ?

CREME INFANTIL

(cereaes dextrinisados). Pacotes — Latas. Farinhas de menores preços no Brasil.

FRAQUEZA
ANEMIAS ?

TONICO INFANTIL

iodo tanico — glicero phosphatos, arrhenal nucleinatos e vitaminas B e C. Sabor de assucar.

(TODOS OS NOSSOS PRODUCTOS TRAZEM NOS ROTULOS AS RESPECTIVAS FORMULAS E LIMITADAS INDICAÇÕES)

LABORATORIO NUTROTHERAPICO
DR. RAUL LEITE & CIA.
RIO

Filiaes (depositos): em S. Paulo, rua 11 de Agosto 18 Bahia, rua Corpo Santo 88 — Recife, rua Alvares Cabral 14 — Porto Alegre, rua Voluntarios da Patria 286 e Bello Horizonte em installação.